



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**“OLGA: LEVE COMO PAVLOVA, COM MUITO DE BENÁRIO, NADA
DE ALAKETU. SIMPLEMENTE OLGA GUIMARÃES.”**

A construção da consciência política de uma mulher no interior da Bahia, no
contexto da sua juventude (1949-1961)

ANA CATARINA SENA FERREIRA ANDRADE

BRASÍLIA
2018

ANA CATARINA SENA FERREIRA ANDRADE

“OLGA: LEVE COMO PAVLOVA, COM MUITO DE BENÁRIO, NADA DE ALAKETU. SIMPLEMENTE OLGA GUIMARÃES.”

A construção da consciência política de uma mulher no interior da Bahia, no contexto da sua juventude (1949-1961)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História.

Linha de Pesquisa: Política e Relações de Poder

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Teresa Cristina de Novaes Marques

BRASÍLIA
2018

ANA CATARINA SENA FERREIRA ANDRADE

“OLGA: LEVE COMO PAVLOVA, COM MUITO DE BENÁRIO, NADA DE ALAKETU. SIMPLEMENTE OLGA GUIMARÃES.”

A construção da consciência política de uma mulher no interior da Bahia, no contexto da sua juventude (1949-1961)

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Teresa Cristina de Novaes Marques
(Presidente – UnB/His)

Prof. Dr.^o. Daniel Barbosa Andrade de Faria
(Membro Interno – UnB/His)

Prof.^a. Dr.^a Adrianna Cristina Lopes Setemy
(Membro Externo – UnB/His)

Prof.^a. Dr.^a. Maria Filomena Pinto da Costa Coelho
(UnB/His Suplente)

AGRADECIMENTOS

Ser aprovada no curso de Pós-Graduação da Universidade de Brasília foi uma sensação indescritível. Diferente do que se comenta no meio acadêmico acerca dos anos dedicados à pós-graduação, esse processo não foi composto por momentos dolorosos. O processo foi mais tranquilo do que eu mesma poderia imaginar. Essa tranquilidade e paz se devem às pessoas que contribuíram e me deram suporte para realizar este trabalho e, sobretudo, à fé em um Deus que se move em meu favor. Familiares, amigos, colegas, professores e trabalhadores que tiveram participação indireta e direta neste trabalho serão lembrados. Em caso de omissões, desculpem a minha memória já cansada e falha, de dias dedicados à escrita, mas desejo que saibam que sou extremamente grata a todos.

Inicialmente queria agradecer à imensa generosidade da minha querida orientadora, a professora Teresa Cristina de Novaes Marques, que, com a educação que lhe é peculiar, respondeu ao meu pedido de orientação, acreditou em mim, mesmo não sabendo nada a meu respeito, potencializou minha pesquisa, me mostrou caminhos e possibilidades que, sozinha, eu não saberia ver. Teresa, sua presença, seu olhar atento a pesquisa, nossos encontros e conversas, a acolhedora recepção na sua casa, foram essenciais. Muito obrigada por entender minhas dificuldades, por estar sensível ao meu cansaço de horas de viagem, pelo incentivo e por sempre afirmar que tudo daria certo. Espero não a ter decepcionado.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da UnB: aos professores e professoras do Mestrado, sobretudo aqueles que contribuíram academicamente para o desenvolvimento da pesquisa – Henrique Montanez, com as proveitosas orientações à frente da disciplina de Seminário de Pesquisa. Agradeço as contribuições de Tiago Luís Gil e Maria Filomena Coelho no processo de qualificação, ao professor e coordenador do curso André Gustavo de Melo Araújo, pela disposição, educação e ética ao me atender sempre que solicitado, à CAPES, pelo fomento à pesquisa. Agradeço também aos funcionários da secretaria, Jorge Antônio Villela e Rodolfo Alfredo Nunes Jr., pela atenção e respostas imediatas aos muitos e-mails que eu lhes enviei.

Aos grandes e raros amigos que conquistei ao longo desses anos. A presença, o apoio e a jovialidades de vocês tornaram minha rotina na Universidade muito mais leve. Obrigada Raquel Lassalvia, com quem tive o prazer de partilhar aspectos dessa pesquisa e que contribuiu muito com ela, Marina Salgado, Juliana Florêncio, Daniela Linkevicius, José

Willem Paiva e em especial, Ana Letícia Contador, minha querida amiga e parceira de tantos momentos, pelas palavras de incentivo, carinho e amizade. Obrigada!

A jornada não teria sido fácil se também não contasse com o apoio, amor e hospitalidade dos meus tios, Tatiane Sena e Márcio, que abriram as portas da sua casa para me receber nos dias em que eu estava em Brasília. Seus filhos, João Márcio, Társis e Ana Gabriela foram generosos em dividir o quarto, me fazer sentir em casa, entender meu cansaço, e por isso fazer silêncio, massagear meus pés e se preocupar comigo. Não tenho como agradecer tamanha generosidade. Por vocês meu amor e gratidão!

Grata aos amigos Itaberabenses, Márcia Regina Vilas Boas e Meirivaldo Almeida que nos últimos meses tem me dado apoio, cuidado e abrigo em Brasília. Os dias que passo na companhia de vocês são sempre muito divertidos e leves.

Agradeço aos prezados colegas professores, aos funcionários e alunos da Escola Espaço Criativo, principalmente as queridas, coordenadora Ellen Zanin e a diretora Haydée Fernandes, que entenderam minha ausência, sonharam comigo e que acreditam e potencializam meus sonhos e projetos. Obrigada pela valorização e reconhecimento do trabalho que prestei a esta instituição.

Ao Ministério Apostólico Restauração e Vida, representado pelos admirados pastores Aêde e Vitor Carneiro, pelos conselhos, encorajamento e pelas palavras de vida que tem me fortalecido e direcionado. Principalmente, por trazer a existência, pela fé, aquilo que ainda não era palpável no mundo físico.

Agradeço aos meus familiares, em especial à minha mãe, Ana Martha, que me incentivou, persistiu e insistiu para que eu participasse da seleção de mestrado, no momento em que, nem eu mesma acreditava mais ser possível. Todo agradecimento seria pouco para retribuir às renúncias que ela fez ao longo da vida, por mim e por meus irmãos. Sou extremamente grata pelo seu exemplo como mãe, educadora, incentivadora da aprendizagem e pelo amor, nas derrotas e vitórias, e até nos dias corridos, quando esqueço de ligar. Obrigada por dar suavidade à minha existência e trazer calma nos dias de turbulência.

Minha gratidão e respeito a Olga Alves de Guimarães, parte fundamental da realização desta pesquisa e de quem em tornei uma admiradora. Obrigada pela solicitude e principalmente, pela confiança e paciência em abrir sua vida para mim durante anos, por partilhar, sem reservas, suas histórias e seus segredos. Esse trabalho também é seu.

Por fim, agradeço a quem dedico este trabalho: meu marido Leandro Andrade. Somente ele é capaz de dizer o quanto foi difícil deixar minha casa, meu trabalho, o convívio de amigos, abdicar de viagens e passeios em prol da dedicação à pesquisa. Em todo tempo,

sua presença foi incentivo, suas palavras me deram asas, seu amor me empurrou para vãos altos. Obrigada por acreditar em mim, por renunciar à minha presença, por sonhar meus sonhos e ser um porto onde posso descansar, renovar as forças e seguir. Obrigada, muito obrigada por sempre me esperar!

A Deus, autor e consumidor da minha fé. Aquele a quem devo tantas conquistas, em quem me apoio, me inspiro. A quem toda palavra não seria capaz de descrever a enorme gratidão pela vida e pela possibilidade de avançar em segurança.

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo investigar a trajetória de Olga Alves de Guimarães Carvalho, uma educadora nascida na cidade baiana de Itaberaba, região da Chapada Diamantina. A análise privilegia o período da sua juventude e o contexto em que Olga estava inserida, entre os anos de 1949 a 1961, a fim de compreender o processo de construção da consciência política de uma mulher, professora e poeta. Desenvolvo uma pesquisa com base nas lembranças de Olga Guimarães, partindo da premissa de que, para entender uma figura pública e a formação da sua consciência política, faz-se necessário compreender quem ela é, sua origem social, familiar, as influências que recebeu, sua filiação partidária, suas escolhas e caminhos percorridos. Igualmente importante é compreender a importância dos espaços de sociabilidade que frequentou e quais as condições sociais associadas às estratégias e motivações que possibilitaram, tanto o seu posicionamento político crítico, como sua atuação na política municipal.

Palavras-chave: Olga Guimarães; Consciência política; Mulher e relações de poder.

ABSTRACT

This dissertation aims at investigating the trajectory of Olga Alves de Guimarães Carvalho, an educator born in the city of Itaberaba, region of Chapada Diamantina. The analysis privileges the period of her youth and the context in which she was inserted, among the years of 1949 and 1961, to understand the making of the political consciousness of a woman, a teacher and a poet. I develop a research based on the memories of Olga Guimarães, taking as premise, in order to understand a public figure and the formation of their political consciousness, that it is necessary to understand who she is, her social origin, her family, influences, her party affiliation, her choices and paths, the social spaces she attended to and the social conditions associated with the strategies and motivations that enabled both critical political positioning and her performance in municipal politics.

Key words: Olga Guimarães; Political consciousness; Women and relations of power.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ACB - Ação Católica Brasileira

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

JEC – Juventude Estudantil Católica

NHL – Núcleo de História Local

PTB - Partido Trabalhista Brasileiro

VFFLB – Viação Férrea Federal Leste Baiano

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. SIMPLEMENTE OLGA: O CONTATO COM O SUJEITO E A ELABORAÇÃO DA PESQUISA	16
1.1 As entrevistas.....	17
1.2 Reelaborando as memórias.....	22
1.3 A visão de si e a multiplicidade do tempo.....	27
2. OS PAIS: UMA AUSÊNCIA PRESENTE.....	32
2.1 A memória dos feitos: preservando a figura do pai.....	34
2.1.1 A vida em Urandi-Bahia.....	35
2.1.2 O novo cenário.....	37
2.1.3 A memória dos feitos.....	40
2.2 Maria Isabel: uma ausência velada.....	45
3. OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA.....	50
3.1 A formação da consciência política.....	52
3.2 A família e o lar: o início da tomada de consciência.....	56
3.3 As ações coletivas e a potencialização da consciência política.....	61
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
FONTES.....	72
REFERÊNCIAS.....	73
ANEXOS.....	79

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como ponto de partida estudos sobre as relações de gênero, ainda no âmbito da graduação. O interesse pela temática de gênero se manifestou quando do conhecimento e leitura inicial dos escritos literários de Olga Alves de Guimarães Carvalho, sujeito e fonte desta pesquisa, e, posteriormente, ao conhecer mais a história de vida dessa mulher, poeta e trovadora, professora e figura política, nascida em 1944 na cidade de Itaberaba, região da Chapada Diamantina – Bahia.

Na graduação, a pesquisa e análise inicial da vida de Olga resultou na produção de trabalho monográfico, cujo objetivo foi um ensaio biográfico ressaltando aspectos referentes a educação dada às mulheres numa cidade do interior da Bahia, nos anos de 1940-1960. O trabalho cujo título “*Olga: leve como Pavlova, com muito de Benário e nada de Alaketu. Simplesmente Olga. Uma possível construção biográfica*” apenas apontou caminhos para problemas relacionados à própria Olga e ao contexto em que ela estava inserida, mas não os aprofundou.

Na fase atual da pesquisa, percebi que a recuperação da trajetória da vida de Olga poderia contribuir para enfraquecer a ideia de invisibilidade feminina, ao mesmo tempo, que possibilitar uma nova perspectiva de compreensão da mulher na política baiana. O estudo da sua trajetória, tornou-se um caminho possível, entre tantos outros também possíveis, dentro de um contexto determinado, que torna viável compreender a atuação de mulheres que percorrem caminhos contrários aos estabelecidos para as mulheres de sua geração (GOLDENBERG, 1997, p. 349).

Justifica-se assim, a escolha pela recolha da palavra de uma mulher, que configura, principalmente, na tentativa de contribuir para a discussão sobre a mulher e política na Bahia, bem como numa certa cumplicidade entre mulheres, no encontro entre a historiadora e sua testemunha, propício à “experiência hermenêutica” (PALMER, 1969, p. 201). Compartilho da afirmativa de Maria Odila Leite Dias (1992, p. 41), quando a autora diz que, ao experimentarmos o significado de um texto, neste caso, os relatos de Olga, chegamos à compreensão de uma herança que nos confronta e que está diante de nós, que nos representa e que, por isso, pode assumir um sabor de engajamento.

Além disso, é importante destacar que há uma considerável bibliografia produzida sobre as desigualdades de gênero no legislativo brasileiro, contudo, há pouquíssimas obras

dedicadas às reflexões sobre a presença das mulheres no poder político formal, bem como e sobretudo, o processo de formação dessas mulheres como seres políticos, sobre a construção da consciência política com base nas suas próprias trajetórias de vida. Os estudos que abordam a temática mulher e política, geralmente, trazem a questão quantitativa, com enfoques sobre a ausência ou ínfima participação nas esferas de poder.

Segundo Ana Alice Alcântara (1998) a temática da participação política da mulher, no caso baiano, é uma área pouco desenvolvida nos estudos feministas. Ratificando que este se constitui, ainda na contemporaneidade, como um espaço pouco problematizado, dentro e fora da academia, no que tange às disputas pelos espaços de poder institucional. Quanto à construção da consciência política, esse índice diminui ainda mais. As pesquisas nesse sentido se tornam reducionistas e generalizantes, por explicar o interesse da mulher pela política a partir de duas conclusões, a saber: são mulheres que foram colocadas neste campo por um homem importante em suas vidas (pai, companheiro, marido ou irmãos), ou, o que é muito difundido pelo movimento feminista e pela psicanálise, que tais militantes foram formadas nas bases ou na direção de sindicatos e partidos e motivaram sua participação política por uma questão de igualdade de gênero (GOLDENBERG, 1997).

Para Claudia de Faria Barbosa (2008) está cada vez mais visível no estado da Bahia, a presença de mulheres, que, pela experiência adquirida no cotidiano, a vivência de situações pertinentes à política e a busca de aperfeiçoamento contínuo através da dedicação ao estudo, que, pelo processo de transformação da identidade em consciência conquistaram a admissão na esfera política. Além disso, Barbosa afirma que, apesar da cultura local não incentivar a participação política das mulheres, ela ocorreu, conforme constatou em sua pesquisa. Olga mostrou ser uma mulher que sempre participou da política, nas conversas, nas discussões entre amigos, nos movimentos de bairros, nos partidos políticos. Outras tantas Olgas tiveram trajetória semelhante, mas com uma atuação restrita, sem terem tido poder.

A trajetória de vida de Olga Guimaraes se insere em épocas distintas e com especificidades próprias: sua infância, juventude, formação intelectual e iniciação em movimentos sociais. Esta iniciação se deu após 1949, tendo se intensificado no período em que ela morou em Salvador-Bahia, de 1959 a 1961. Período também de profundas transformações na cidade de Itaberaba e em sua estrutura política. É certo que sua trajetória é bastante extensa e densa, multifacetada, a compreender atuações em esferas distintas, dependendo do momento. Por isso, justifica-se o recorte temporal e o foco em um aspecto num tempo específico de sua vida: a juventude. Assim, essa dissertação analisa o processo de construção da consciência política de Olga Guimarães nos anos da sua juventude (1949-1961),

tentando investigar que elementos e experiências contribuíram para a formação da sua consciência política, tendo em vista os espaços de sociabilidade a que ela foi exposta.

Compreendi que, para realizar uma investigação de tal natureza, deveria empreender uma análise sobre o conceito de política e de consciência política. Para tanto, utilizo como âncora os estudos promovidos por Salvador A. M. Sandoval (2001) e Lúcia Avelar (2004). O suporte teórico, com base na proposta de Salvador Sandoval, fruto da contribuição de pensadores diversos, aponta para um modelo de compreensão acerca da consciência política. O autor propõe um modelo de análise que nasce do diálogo próprio do saber psicopolítico, ao entender que a Psicologia política busca contribuir para a compreensão da consciência política a partir de um campo interdisciplinar, concepção que transcende aos limites disciplinares e busca subsídios em diferentes disciplinas.

Para Sandoval (2001) a consciência diz respeito aos significados que os indivíduos atribuem às interações com o seu ambiente social, que servem como guia de conduta e só podem ser compreendidos dentro do contexto em que aquele padrão de conduta tem lugar.

Considerando que é na vida cotidiana que o indivíduo se envolve nas relações sociais e forma sua consciência sobre a sociedade, a estrutura e a dinâmica da vida cotidiana são aspectos importantes para traçar uma compreensão dos obstáculos à politização (SANDOVAL, 1989, p. 70).

O modelo analítico de consciência política é a representação da união dos aspectos identitários e das crenças construídas pelo indivíduo em suas relações na sociedade, fundamentada na percepção sobre o contexto social no qual ele está inserido, não podendo ser compreendida a partir de si mesma. Sendo assim, a consciência política refere-se aos significados conferidos pelo indivíduo às interações e ocorrências diárias por ele vividas, que, por isso, está em constante mudança e se dá a cada nova experiência adquirida em tempos e contextos diferentes.

Sobre o conceito de política, no sentido geral, isto é, amplo, refiro-me às considerações de Max Weber (1996, p. 55), que entende política como um conceito “extremamente amplo e compreende qualquer tipo de liderança independente em ação”. Contudo, relacionado à compreensão da consciência política, objeto de estudo deste trabalho, acrescento o enfoque dado por Lúcia Avelar (2004), que entende política como o conjunto de atividades que ocorrem tanto no espaço institucional, como no espaço informal, que diz respeito desde às atividades mais simples, como conversa com a família sobre acontecimentos políticos, à observação das questões sociais, ao agir criticamente e posicionar-se, até às atividades que

envolvem a política eleitoral, como votar, candidatar-se ou fazer parte de grupos políticos. A esses comportamentos críticos que se dão fora da esfera política institucionalizada chamarei de política difusa.

A fonte primária desta pesquisa é a própria Olga Guimarães. Os relatos orais de Olga foram estruturados a partir de cinco encontros realizados na sua residência em Itaberaba-Bahia, a maior parte, gravados e transcritos de modo fidedigno à fala da colaboradora. Além dessas cinco sessões, houve uma entrevista curta realizada via correio eletrônico (e-mail). A opção pela escolha da fonte oral, a partir da análise das memórias, matéria-prima deste trabalho, justifica-se pelo fato de a pesquisa priorizar a trajetória de vida, a partir da perspectiva da própria Olga, com o intuito de perceber como se configurou a sua relação no âmbito da família, com a sociedade e nos espaços dos quais fez parte na sua infância e na juventude, e como essas relações interferiram na construção da sua consciência política.

Opta-se pela fonte oral, tanto pelo fato de Olga estar viva e bastante lúcida, disposta a colaborar com o projeto, bem como por entender que a fonte oral abre o leque de possibilidades de análise das micro-ações individuais, que iluminará questões e/ou contextos mais amplos (REVEL, 1998, p. 11). Para além da preocupação em “dar voz aos sem voz”, ou seja, valorizar vidas invisíveis pela historiografia, a fonte oral oferece interessantes e consistentes contribuições a este trabalho.

Exposto o problema central dessa dissertação, convém agora informar o modo como está distribuído o argumento nos capítulos do texto. Antes, considero de fundamental importância pontuar que a disposição dos capítulos foi resultado da análise das entrevistas e sobretudo, da percepção das insistências na fala de Olga acerca de como e onde se constituiu sua consciência política. Tentei ajustar os capítulos de modo a que eles mantivessem certa conexão. Entretanto, caso o leitor não perceba tal aspecto, ressalto que priorizei a sequência temporal estabelecida na memória dos fatos narrados pelo próprio sujeito desta pesquisa.

No primeiro capítulo, que está subdividido em três seções, dedico-me à apresentação do processo de elaboração e execução das entrevistas, realizadas em dois momentos distintos da pesquisa, com espaço de oito anos entre um momento e outro. Na sequência, analiso o exercício da reelaboração das memórias de Olga Guimarães, com apoio na bibliografia teórica. Por fim, abordo a visão que Olga faz de si mesma e as múltiplas temporalidades presentes em suas lembranças - o tempo social, o biológico e o emocional.

No segundo capítulo, analiso o impacto da família na construção da consciência primária. Para isso, abordo a história dos seus pais e o vínculo que Olga estabelece com eles, nas memórias que ela reelabora sobre seu pai, Nelson Guimarães, tomadas pelo desejo de

preservar a sua figura como de um personagem importante para o município. À monumentalização da figura do pai, corresponde a imagem conflitante da mãe. No mesmo capítulo, examino, a partir das lembranças de Olga, aspectos da relação amorosa e conflitante com a mãe, Maria Isabel. Uma relação que se manteve, na maior parte do tempo, silenciada.

No terceiro capítulo discuto o conceito de consciência política, chave da compreensão da pesquisa, com base nos autores citados anteriormente. Em seguida, analiso o espaço do lar e demais lugares de sociabilidade que Olga passou durante a sua juventude, tanto em Itaberaba, como no período em que ela residiu em Salvador-Bahia, como as agremiações estudantis, os grupos de atuação católica. Esse exercício visa a compreender o impacto da ampliação dos círculos de convivência sobre o amadurecimento da consciência política de Olga já na sua fase juvenil.

Como última informação ao leitor, justifico que, em toda a narrativa, emprego o uso da primeira pessoa, por me considerar parte integrante do processo de construção da memória-lembrança da professora Olga. Por entender que, a memória que construí em todo tempo de contato com Olga, foi fundamental para a constituição deste trabalho. Tais memórias vão desde a observação dos espaços em que conversamos, dos gestos que ela fez em cada momento, da sua expressão facial e, principalmente, memória das conversas que tivemos quando não era utilizado o gravador, conversas anotadas com observações sobre seu estado físico e emocional e que somente poderiam ser compartilhadas por mim.

1. SIMPLEMENTE OLGA: O CONTATO COM O SUJEITO E A ELABORAÇÃO DA PESQUISA

O debate acerca das teorias e práticas é sempre necessário quando se desenvolvem atividades de pesquisa. Refletir sobre as diferentes estratégias metodológicas, como forma de operacionalização de um método, requer criticidade e o reconhecimento de que nenhum método é perfeito, ainda que formalmente constituído e reconhecido pelos meios acadêmicos.

Na busca de seus objetivos, os historiadores são auxiliados pelos manuais que tratam de métodos de pesquisa e que trazem funções e sequências de procedimentos para que a pesquisa seja munida pelas formalidades que requer o conhecimento acadêmico. Diferentes fontes, observadas por distintas perspectivas, possibilitam a melhor percepção das controvérsias, inevitáveis em um processo de pesquisa.

Movimentos de renovação teórico-metodológico promoveram um deslocamento das pesquisas de análise estrutural das redes sócio-políticas para o estudo do cotidiano, assim como da busca pelas expressões coletivas para o indivíduo. Essas renovações se devem muito em parte à democratização do conhecimento dentro das academias, o que possibilitou novas versões da história e permitiu a construção do conhecimento com base em relatos de histórias de vida ou de pessoas que testemunharam e vivenciaram um determinado período.

Assim, com o intuito de demonstrar o detalhamento da pesquisa, este capítulo tem por objetivo apresentar ao leitor os bastidores do processo de construção do objeto da pesquisa. Mostra os primeiros contatos com o sujeito, colaboradora e fonte primária deste trabalho, Olga Guimarães, os nossos encontros, o método da coleta de depoimentos, as longas horas de conversas, as reelaborações da memória e o paralelo entre a gradual conquista de confiança e o avanço no espaço da intimidade da sua casa, condição de extrema importância para a continuidade dos trabalhos.

A inspiração para esse capítulo surge das minhas leituras acerca da relação entre história oral e as considerações metodológicas, tão majestosamente postas por Ecléa Bosi (1994), bem como da análise de autores que centraram suas reflexões na memória, principalmente Michel Pollak e o conceito de memória social e individual e Maurice Halbwachs em conformidade com Pollak no que se refere à memória e identidade. Sobretudo, por entender que a história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece que as trajetórias individuais ou de grupos merecem ser ouvidas, bem como as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas.

A disposição desse capítulo é a seguinte. Primeiro, discuto o processo de elaboração e feitura das entrevistas, que foram realizadas em dois momentos diferentes o que implicou em diferentes percepções do sujeito. Na segunda parte, analiso o exercício da reelaboração das memórias de Olga Guimarães, a luz da bibliografia teórica. Por fim, a terceira parte abordará a visão que Olga tem de si mesma, o conceito que ela faz de si, a partir das lentes do presente.

1.1 As entrevistas

A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.

Ecléa Bosi

Cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Portanto, não há nesta pesquisa uma pretensão de buscar uma história verdadeira, pois seria muito ingênuo. Mas posso afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pela colaboradora, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública a sua percepção anseio, de alguma forma, contribuir para a elucidação parcial de uma dada situação.

Compartilho da argumentação de Paul Thompson (1992, p. 137), para quem nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual. Todas podem ser insuficientes, ambíguas ou até mesmo passíveis de manipulação. No processo de transformação dos objetos estudados em sujeitos, analisado também por Thompson, é preciso haver cuidado na entrevista e na transcrição, de forma a constituir precisão no relato oral. O mais importante é que o historiador perceba o quê o sujeito quer expressar e quais são seus motivos.

Conjuntamente, é de fundamental importância estar ciente da premissa posta por Guimarães Neto (2006, p. 47), que considera que o escrever é sobretudo, produzir um texto. A operação oral, contar e falar, também não deixa de ter uma relação primeira com a produção de textos e discursos estratégicos. Para a autora, deve-se assinalar a importância de se levar em conta o relato oral como um texto onde se inscrevem desejos, reproduzem-se modelos, apreendem-se fugas, ou seja, um texto passível de ser lido e interpretado e, da mesma forma, um texto articulador de discursos.

A escrita e as narrativas orais não são fontes excludentes entre si, mas complementares. As fontes orais não são meros sustentáculos das formas escritas tradicionais, pois são diferentes em sua constituição interna e utilidade inerente. Assim, as entrevistas, como um discurso a ser analisado, envolvem também outros aspectos: o técnico, referente aos suportes de memória e equipamentos utilizados, seu manuseio e qualidade na reprodução das falas, ou sua articulação com imagens, de acordo com o equipamento de registro. Há ainda a

consideração pelo conteúdo, vinculado ao modo como, uma vez concedido o depoimento, este pode adquirir, não apenas um formato divergente do produzido originalmente, como também gera sentidos que têm na memória e nas lembranças o principal elemento recursivo.

Acerca do depoimento como fonte, há que considerar que o respeito ao documento escrito, cuja orientação para não danificar e não rasurar são princípios de um comportamento ético do pesquisador, deve ser posto para o depoimento colhido por intermédio de entrevistas. Seguindo as sugestões de Thompson (1992), busquei realizar transcrições fidedignas, preservando a grafia de palavras não dicionarizadas ou vícios de linguagem, as repetições de palavras, e as expressões do seu corpo, instrumento de comunicação extremamente valioso e em alguns momentos deficitário, com o objetivo de manter os sentidos atribuídos pelo depoente.

Conforme Bossi (1994), “Pessoas, entretanto, não são papéis. Seres vivos não são papéis”. A autora queria deixar claro que conversar com os vivos implica numa parcela ainda maior de responsabilidade e compromisso, pois tudo que é dito ou escrito sobre o sujeito da pesquisa, não apenas lançará luz sobre as pessoas e personagens históricos, como acontece quando a pesquisa é com mortos, mas trará consequências a curto e longo prazo para a existência dos informantes e seus círculos familiares, sociais e profissionais. Ou seja, uma série de procedimentos éticos, que servem para regular as relações entre os próprios historiadores e seus depoentes e leitores, devem ser levados em consideração.

Na prática da pesquisa que se utiliza de história oral, todos os aspectos anteriormente citados devem estar muito claros para o pesquisador. O trato da fonte oral e com as entrevistas não é algo tão fácil como se discute nos manuais sobre o assunto. No início da pesquisa, em 2006, quando ocorreu o meu primeiro contato pessoal com Olga, tais pressupostos estavam consolidados, mas nada era tão preciso como uma observação de Janaina Amado (1997), em que a autora aponta que a grande maioria dos indivíduos concorda em conceder entrevistas por um motivo principal: a oportunidade de ter a própria história registrada, podendo transmiti-la, por meio da fita e da tese/livro do historiador, a outras pessoas, no futuro.

É pertinente pontuar que a prática das entrevistas, o método de coleta de entrevistas, seguiu alguns procedimentos: em primeiro lugar, procedi com respeito ao modo de entender o mundo e o modo de ser da minha colaboradora, segundo, o respeito ao seu estado físico, típico da sua idade e, terceiro, consideração ao estado psicológico. Busquei me manter neutra, no sentido de, nem concordar ou discordar dos seus posicionamentos, embora muitas vezes Olga tenha solicitado minha opinião. Cultivei a flexibilidade, revendo roteiros, estimulando a liberdade no curso das lembranças narradas por Olga. Procurei, de certa forma, dominar o

conteúdo que conduziria as perguntas e fundamentalmente o cultivo ao importantíssimo hábito da escuta.

Nesta primeira etapa da pesquisa, no ano de 2006, ainda no âmbito da graduação, Olga estava com 61 anos de idade e recebeu, uma jovem estudante universitária apenas com vinte e poucos anos, indecisa, cheias de perguntas desarrumadas, com um gravador de voz – mp3 à pilha, com algumas poucas leituras sobre história oral e inexperiente quanto à prática metodológica. A bateria do gravador não tinha muita durabilidade, gravava umas três horas com pausas, o que me fez usar muito papel e caneta. Nesses momentos, fazia anotações dos comentários de Olga, do que ela compartilhava e de tudo que eu observava no ambiente em que estávamos.

Olga me recebeu em sua casa, que era a antiga casa de seus pais. Um sobrado na avenida Rio Branco, espaçoso, e cheio de muitos objetos. Ficamos numa ante sala, local onde comumente as visitas são inicialmente recebidas. Um lugar pequeno, com uma mesa, que servia de altar para alguns santos de sua devoção e para expor fotografias de seus pais e familiares. À medida em que a conversa foi avançando, fomos para a sala. Lembro-me de que mudamos de ambiente, porque era na sala que ficava uma estante com suas produções e, como no começo falávamos das suas trovas, Olga decidiu me mostrar de perto seu acervo literário.

Eu poderia não saber exatamente qual temática abordaria sobre sua vida, mas Olga estava certa de que eu levaria seu nome a outros, sua poesia ganharia novos horizontes e seu nome de poeta e trovadora passaria a ser conhecido em mais espaços. Ela falava de si com muita propriedade, em primeira pessoa, enfática, não titubeava com as palavras. Eu elaborava uma lista de perguntas que, com facilidade, Olga modificava e dada a ênfase a uma ou outra. Ela gostava de falar dos seus feitos como figura pública, dos prêmios que ganhou, dos títulos, dos aplausos e era como se aquela fosse sua chance de ser ouvida com exclusividade. Como no trecho a seguir:

Eu recebi uma carta e tenho-a guardada no meu currículo, de uma menina de Piritiba e ela desentendeu-se com o companheiro e pensou em suicidar-se, daí ela virou e fez assim “é bom acabar logo com a vida, por que a vida não me diz mais nada, eu nunca fui tão desmerecida, tão grãozinho de areia, como estou me sentindo.” Então na estante ela viu meu livro, “Simplesmente amar”, e abriu em um poema meu. Nesse momento que ela disse que leu, foi tudo na vida dela. Ela disse, esse poema salvou minha vida. Isso pra mim foi de uma beleza inigualável, porque não somente o ego da gente por sermos humanos e sentir-se lisonjeada com determinadas colocações que fazem de valorização do que a gente produz, do que a gente é [...] (GUIMARÃES, 2006).

Contar a própria vida não é algo natural. Para Michel Pollak (1992) pensar em si mesmo em termos de duração, de continuidade, e situar-se em termos de início e fim, não é simplesmente natural. Mesmo não sendo uma fácil tarefa, Olga prontamente se propôs a fazê-la. Usava a primeira pessoa, expressamente segura do eu e da sua identidade como quem tem experiência do domínio de realidade. Para Émile Benveniste (1988) o predomínio de pronomes pessoais no conjunto de um relato de vida seria uma medida, ou um indicador, do grau de segurança interna da pessoa, bem como, é reconhecer-se com direito à fala. Michelle Perrot (1989), reforça tal aspecto ao afirmar que:

Tudo depende da natureza da relação com a pesquisadora; uma certa familiaridade pode vencer as desistências e liberar um desejo recalçado de falar de si, com o prazer de ser levada a sério e ser enfim, sujeito da história. As mulheres se orgulham do gravador, sentindo até um certo orgulho no uso dele (PERROT, 1989, p. 17).

Na primeira entrevista, não tive o controle da situação, pois Olga estava muito empolgada. Falava e mostrava muitas coisas. Sorriu sozinha, chorou e me deixou sem reação. Ela falava: - “Ana, vamos mudar essa pergunta?” “Esta aqui está mal elaborada”. E então compreendia que, para além de um simples processo de entrevista, Olga desejava de vez imprimir sua cara ao projeto e com um grande empenho em dar um sentido à sua biografia, ela provocava as próprias lembranças com muita facilidade e com um desejo de explicação.

Em pouco tempo, da ante sala, eu já era levada diretamente para a sala de estar. Era um local de memórias. Um sofá com capas bordadas à mão, seus quadros na parede, objetos que pertenciam a membros da família herdados de geração a geração, muitos cômodos, uma moldura de seu pai com a turma da alfabetização, seu diploma de farmacêutico prático, uma máquina de datilografia, uma estante de livros, muitos livros em todas as partes. Olga passou a me receber já com muitas coisas espalhadas pela sala: recortes de jornais, cartas, documentos, fotografias e a história por trás de cada objeto. Ela não tinha pressa. Passávamos uma tarde inteira transitando neste ambiente e no final estávamos tomando café e comendo bolo na cozinha.

O gravador captava sua voz bastante ofegante, os ruídos da sua casa, os pássaros e carros que passavam pela rua bastante movimentada e sempre o chamado de seu marido, que interrompia as conversas para saber algo. Chamava a atenção de Olga para uma cena na televisão, para um fato que ele soube na rua; não me dirigia a palavra. Ele aparecia na sala com certa frequência, a demonstrar não gostar de ter sua intimidade invadida. Olga lhe explicava o que estava acontecendo ali e novamente o porquê daquelas tardes ocupadas.

O vínculo com minha colaboradora foi se consolidando com o passar do tempo e se traduziu não apenas numa afinidade, mas resultou no amadurecimento da compreensão sobre a vida do sujeito, que estava sendo revelada, no âmbito de suas memórias. Procurei fazer as mesmas perguntas repetidamente e em diferentes ambientes da sua casa (local onde sempre nos encontramos). As perguntas foram repetidas porque, dependendo do ambiente em que estávamos, Olga dava mais ou menos ênfase as respostas. Minha estratégia era obter mais consistência de respostas. Questionei também, sobre histórias da vida familiar, de tantos parentes quanto foi possível.

Na fase atual da pesquisa, Olga já não era a mesma que eu conheci em 2006. Embora, fisicamente, Olga estivesse menos ativa, em termos emocionais, ela estava mais alerta. Ainda assim, sua casa continuava aberta para mim. A ante sala, sua ampla sala de estar, os armários do quarto, seu novo armário onde guardava os muitos documentos e papéis importantes, sua cozinha, o quintal. Esses mesmos espaços onde as entrevistas aconteciam, eram locais que provocavam emoções e reações diversas em Olga e que por consequência tinham efeito direto na sua narrativa.

Relembrava o que já fora dito como se tivesse lido os antigos roteiros de perguntas. Pulava perguntas e dizia: - “Essa eu já respondi Ana, não está lembrada?”. Como pesquisadora sabia com exatidão o que estava fazendo ali, como deveria proceder e estava atenta ao desejo ainda mais aceso de salvaguardar de sua história e imagem por parte de Olga. Ela abria as portas do armário novo e confessava falando baixo: - “Antes que eu morra, vou te mostrar isso porque aqui todos acham que eu só guardo lixo.”

Walter Benjamin (1994) afirmava, que quando os velhos se assentam à margem do tempo já sem pressa, sabendo que seu horizonte mais próximo é a morte, a narrativa floresce. E a narrativa floresceu novamente. Sem muitos “eus”, com a mesma firmeza e clareza surge o “ela”, uma nova narrativa de Olga em terceira pessoa. Uma narrativa de alguém que fala de si, analisando-se. Aludindo àquela que não está, “ela” se refere, portanto, a ausência, uma ausência representada no campo da presença. Dufour (2000) compara os pronomes Eu, Tu, Ele como conchas vazias que se preenchem na enunciação. Para ela, falar consiste em trocar a capacidade de utilizar o eu em preencher essas conchas vazias. É essa possibilidade que buscamos em todas as nossas conversas. Como se Olga dissesse: - “eu estou aqui diante de você, mas olho para a Olga que viveu no passado.”

As narrativas de Olga apresentaram-se de duas formas: psicológica, no sentido de que ela propõe um modelo histórico para explicar a sua personalidade, utilizando-se de contextos locais e familiares. Bem como explica os contextos social e político, quando declara o direito

de todo cidadão de biografar-se. Além do aspecto psicológico, há sentido literário, pelo uso de um estilo e de uma linguagem que se ausenta de si e olha para quem ela foi no passado, como um narrador e personagem sendo um, consciente, sabendo que se trata de um projeto de ser ela mesma o motivo da fala.

Assim, Olga foi se expondo, se formulando e reformulando sua visão de mundo, como na fala a seguir.

E o que a gente mais analisava nessas manhas de formação era justamente a convivência e a vida desses marginalizados que eram das invasões dos alagados ali logo no fundo do largo da Madragoa que hoje já tá um aterro muito grande e já tem casa construída e até edifício de 3 andares tem. A gente visitada lá via as palafitas entrevistava os moradores a gente passava pelos caminhos de tábuas tipo pontes e embaixo era o mar. A minha visão social política começou daí. A visão humanística do ver julgar e agir as situações do dia a dia (GUIMARÃES, 2016).

“Esses depoimentos femininos se constituem em fonte privilegiada de lembranças, em que a experiência e o mundo são vistos e contados pelas próprias mulheres” (MALUF, 1995, pp. 80-83). Principalmente a memória pessoal, que se transforma em fonte histórica justamente porque o indivíduo está impregnado de elementos que ultrapassam os limites de próprio corpo, e que dizem respeito aos conteúdos comuns dos grupos a qual pertence ou pertenceu. Fragmentos que compõem identidades e forneceram vias de acesso a uma personagem multifacetada, descortinando pontos de vistas e versões testemunhais de uma identidade que escapa aos dizeres do uno e do indivisível.

Encerro, argumentando que, apesar das dificuldades que envolvem o trabalho com a memória, a História Oral se mostra um campo especial de contato direto e humano com a fonte, sobretudo possibilita que diferentes versões sobre um mesmo acontecimento sejam trazidas à luz. Nesse aspecto, a tão defendida neutralidade nem é mencionada, enquanto que o conflito entre as memórias toma seu lugar. A História Oficial pode ser contestada, ao mesmo tempo em que a História se enriquece e os sujeitos históricos, até então silenciados, tem seus papéis ativos realçados (DELGADO, 2006).

1.2 Reelaborando as memórias

As discussões acerca da memória vêm ganhando cada vez mais espaço nos mais diversos setores sociais. Seja no âmbito acadêmico ou político-social, fala-se muito em memória, sendo que esta temática tornou-se central em diversos debates políticos e culturais referentes ao ato

de preservação e do lembrar. A memória parte das vivências do sujeito, no entanto, a memória é heterogênea, mostra-se fluída e instável.

O conceito de memória encontra-se multifacetado a partir das várias referências bibliográficas consultadas. Segundo Astred Erll (2008, pp. 1-13), a fim de obter uma ampla compreensão sobre o conceito de memória, sugere-se que a memória seja vista como a interação entre o presente e o passado, dentro de um contexto sociocultural. Nesse aspecto, o entendimento do termo permite a ampliação e a inclusão de fenômenos, como objeto de estudo, que podem ir desde o ato individual de lembrar, até as memórias de um grupo, nacional ou transnacionais.

Para Michael Pollak (1989), memórias são sempre “enquadradas” a partir de pontos de vista particulares dos grupos, que demonstram conflitos existentes para a legitimação de memórias coletivas hegemônicas em determinada sociedade. A construção da identidade pela memória se dá em sua relação com o outro, por confrontos e negociações. Negociações que estão diretamente ligadas às formas pelas quais a memória é passada e repassada, vivida e revivida de geração a geração, bem como e o quê de tais memórias devem ser compartilhadas pelo grupo.

As considerações de Pollak foram de fundamental importância para a compreensão do problema desta pesquisa. Pollak defende que a memória, ao ser coletiva, tem uma dimensão social, sendo parcialmente herdada pelos sujeitos. Porém, os indivíduos também têm suas lembranças. Estes são capazes de formar e acessar memórias, participando ativamente da construção das recordações dos grupos. O sujeito administra as influências que chegam de fora, a fim de construir suas próprias recordações.

A memória apresenta, de fato, um caráter coletivo que não pode ser negado. No entanto, isso não significa que o indivíduo esteja livre do processo de formação de lembranças. O sujeito tem, sim, suas próprias recordações, assim como desfruta de certo tipo de liberdade, consciência e poder de ação, em todos os níveis da vida social. Assim, entende-se que a memória não é totalmente coletiva, nem totalmente individual.

A consideração do poder de agência dos indivíduos nos permite observar a articulação entre o indivíduo e a sociedade, ação e estrutura, numa dialética que evidencia que os planos micro e macrosociológicos são complementares e não podem ser entendidos de modo isolado. Pollak reconhece, portanto, o poder da agência dos sujeitos e a importância das práticas individuais para a constituição, mudança e atualização das estruturas sociais. Nesse aspecto, a História Oral se apresenta como um método valioso para a construção do conhecimento sobre

o passado, partindo de memórias individuais como via de acesso para a reconstituição de memórias coletivas.

A segunda importante contribuição de Pollak para a base conceitual desta pesquisa é que as memórias, sejam elas individuais ou coletivas, incluem três elementos: acontecimentos, personagens e lugares. Os acontecimentos consistem em eventos dos quais uma pessoa pode ter participado diretamente ou não. As personagens que integram as lembranças de alguém podem, efetivamente, ter feito parte do seu círculo de convívio, ou podem apenas terem se sido citadas, devido à sua relevância como figuras públicas. Por fim, há os lugares, que servem de base para o desenvolvimento das memórias de um sujeito, sejam espaços públicos ou privados.

Segundo Pollak (1989), nas pesquisas de história oral que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, obviamente o que se recolhe são memórias individuais. No entanto, as lembranças e memórias de Olga são ao mesmo tempo, algo particular, que constituem a sua subjetividade, e estão também vinculadas à memória social, familiar e do grupo da qual faz parte. Ecléa Bosi (1994) deixa claro como a essência de um determinado período ou lugar pode emergir por meio de relatos individuais. Segundo ela, a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações.

Pela memória, o passado não só vem à tona misturando-se com as percepções imediatas, como também as deslocam. Assim, a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda, ativa, penetrante e invasora. Por mais relevante que seja a memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e, das camadas do passado a que tem acesso, pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI,1994).

Para Olga, os espaços de sua casa são, como denomina Pierre Nora, “lugares de memória”, não no sentido de monumentalização, mas como suportes materiais que remetem a situações vividas ou presenciadas, a determinadas pessoas, a experiências que marcaram sua vida, a espaços de aprendizado, de debates políticos, enfim. O passado é rememorado sempre associado a lugares em que ela perpassou. Suas lembranças têm apoio nos cantos da cidade e está centralizada na casa dos seus pais, lugar em que afirma ter vivido os momentos mais importantes da infância e juventude, o quintal da casa, aquele pedaço da avenida Rio Branco, que parecia naquele tempo tão extensa e era o lugar mais bonito na cidade, a farmácia do seu pai, os ambientes escolares. Cada espaço era lugar de afeto e estava muito mais entranhada em Olga do que ela mesma imaginava.

As memórias de Olga apoiavam-se na estabilidade espacial da residência e na confiança de que sempre fora atenta a cada detalhe daqueles lugares de afeto. Tais lembranças eram constituidoras de valores ligados as práticas coletivas como a vizinhança, a extensa família composta de quatorze irmãos, as longas conversas com seu pai antes de dormir, apegos a muitas coisas, aos cheiros que a feira livre tinha, a certos objetos, a muitos objetos da família. Estes são alguns apoios da sua memória. As histórias que ouvi referem-se, do início ao fim, a velhos lugares, inseparáveis dos eventos nela ocorridos. A casa, os arredores, algumas ruas, o trajeto para a escola, o centro da cidade de Itaberaba, o bairro onde estudou em Salvador foram descritos com muita emoção ao longo das entrevistas.

Olga conta sua história de vida e reelabora ganchos significativos entre o passado e o presente, que são articulados em feixes de relações e visões de mundo familiares, de motivações subjetivas para esta ou aquela decisão, de condutas e representações das experiências. É a síntese de uma trajetória nem sempre linear, ou coerente das múltiplas representações. Aqui deve-se compreender que os consensos se refazem e desfazem a todo momento. O que é aceito anteriormente pode ser negado hoje. A história de vida da professora é um fluxo contínuo do cotidiano que não cessa, mas que se rompe, se desfaz e se renova a todo instante.

O que é importante pontuar, portanto, é que as relações do passado se tornam presentes por meio das lembranças e que neste caso, as lembranças de idosos são peça fundamental da compreensão dos valores e crenças de uma geração. E como nos lembra Ecléa Bosi (1994), os velhos são os guardiões do passado, a partir de suas experiências, as tradições são retomadas e as lembranças de um tempo distante se tornam vivas no presente. Conforme Beauvoir (1990), é na velhice, por ela conceituada como fenômeno biológico com consequências psicológica e que modifica a relação do homem no tempo, com o mundo e com sua própria história, é que se percebem as transformações ocorridas no espaço, na história, nas instituições, nos papéis sociais e no imaginário social ao longo das gerações.

O idoso, ao lembrar do passado, não se entrega a devaneios e sonhos, mas está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida. Neste momento da velhice social, resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da Instituição, da sociedade. Bosi escreve: “A narrativa da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p.68).

A memória é um trabalho. Para Michel Pollak (1989), como atividade, a memória refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, resignificando as noções

de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser dito, sem que seja resultado de um cálculo consciente e utilitário. Para ele, quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma razão importante que pode ser desde a busca de novos conhecimentos até o encontro com outros e consigo mesmo, objetivando um resultado enriquecedor do ponto de vista individual e social, pelo qual as identidades estão em permanência construção e reconstrução.

Neste aspecto, a memória torna-se um meio para a formação do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo, em sua construção de si. Sentimento de identidade, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Ou seja, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da sua vida, a imagem que ela constrói de si e apresenta aos outros, a fim de que acreditem na sua própria representação e, sobretudo, para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Pollak (1992) concebe a identidade a partir de três elementos: a unidade física, que se refere ao corpo, no caso dos indivíduos, e ao território, no caso dos grupos; continuidade no tempo e o sentimento de coerência. Ao lançar as origens de um grupo no passado, investindo-o de autoridade, a memória serve de base para a construção de uma narrativa coerente sobre sua trajetória, contribuindo para a criação do sentimento de identidade. Segundo o autor, essa seria uma das “funções” da memória, ela participaria não só da criação do senso de igualdade entre os membros de uma dada coletividade, mas também da demarcação de fronteiras entre os outros.

A relação entre memória e identidade faz com que Maurice Halbwachs (2006) estabeleça também uma associação entre memória e tradição. Nesta última, a memória não diz respeito simplesmente a uma experiência iniciada e concluída no passado, mas, sim, a algo que permanece vivo, animando os pensamentos e ações dos indivíduos e grupos no presente. Para Pollak, à semelhança de Halbwachs, a memória contribui para a criação do sentimento de identidade dos indivíduos e grupos.

No caso das entrevistas de Olga, essa dinâmica estava muito clara. Havia notoriamente o desejo de construir uma identidade, que se produzia em referência aos outros, com referência aos critérios de aceitabilidade, de credibilidade, e que se processou por meio da negociação direta com os outros em sua vida – o pai, o esposo, a mãe e a entrevistadora.

Olga tinha uma história, um nome e um passado a zelar, carregava uma herança herdada, adquirida e associada às figuras familiares. Não podia passar para a posteridade suas fragilidades, embora elas existissem. Era preciso cuidado com o que fosse dito a seu respeito.

Por isso, apurava suas palavras, tinha coerência na fala e organizava suas lembranças de modo a perpetuar a imagem de si, que já estava completamente solidificada para ela.

Sua motivação em narrar também estava muito associada ao desejo de expressar o significado da experiência através dos fatos. Recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria experiência e à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim do discurso (PORTELLI, 1996). Assim, Olga, tanto nos discursos orais como na escrita autobiográfica, insistiu em falar por si, em interpretar e julgar-se a si mesma e aos demais, entrelaçando continuamente fatos e a análise, sempre carregada de subjetividade.

Simbolicamente, a memória é capaz de congelar o tempo por um instante, fornecendo uma imagem bem acabada sobre determinado momento de nossas vidas, possibilitando que ele seja revivido de algum modo por nós. O tempo, no entanto, consiste também numa construção social. O modo como o percebemos é marcado por padrões e convenções coletivas que organizam a experiência dos indivíduos. Embora tenha uma dimensão subjetiva, a padronização do tempo é fundamental para a sincronização das ações individuais, permitindo o desenvolvimento da vida social.

1.3 A visão de si e a multiplicidade do tempo

Quem é Olga Guimarães? Essa foi uma das primeiras perguntas feitas à minha colaboradora na primeira etapa da pesquisa, em 2006. Sua inicial identificação foi a poesia, as trovas.

Eu faço parte do Dicionário dos poetas contemporâneos de Francisco Igreja, daí você relata esse isolado como poeta, entendeu? Eu faço parte. Aí ó depois desse você vem com as poesias, publicações minhas, viu? (GUIMARÃES, 2016).

Olga se afirmava poeta “leve como Pavlova”, como fez questão de frisar. Sua leveza decorria de uma escrita literária, sinônimo, para ela, de um canto de paz, de alegria, um canto suave, caracterizada por palavras: sonhos, vida, amor e esperança.

Nós somos especiais, só não sabemos porque, mas nós somos especiais. E é isso que me alenta, me conforta e agradeço a cada momento o poder da vida, o dom da beleza e da graça. Não a beleza física, essa beleza de poder jogar com as palavras, de poder falar, de transpor o interior. E poder ser alento para alguém. (GUIMARÃES, 2006).

Aos oito anos de idade, Olga fez seu primeiro verso, que seria uma paráfrase “Dos meus oito anos” de Casemiro de Abreu. Nelson Guimarães, seu pai, a elogiou e lhe explicou a estrutura do verso que ela tinha composto e então passou a incentivar o exercício poético. Comprou para ela cadernos de escrita, designava-lhe leituras diárias e lhe dava a missão de revisar e criticar as trovas que ele escrevia.

A tarefa de revisar e criticar os escritos do pai lhe custava tardes na farmácia Saraiva, de propriedade de Nelson. Entre um atendimento e outro, mantinham horas de conversas até, de fato, chegarem a um consenso e finalizarem os trabalhos. Então, aos quatorze anos, Olga faz o poema “Visão” ganhando de vez a estima do pai e o título de melhor poeta que ele.

Nos propérios dos meus sonhos, Vou cantando a visão serena e pura, Meus desejos passo a passo desfilam ao meu lado, Como se fosse alcançá-los, Choro canto grito gemo [...] Dos meus olhos uma lagrima cai, E buscando cada vez mais alcançar a felicidade, Deixo a cada passo, rastros da saudade (GUIMARÃES, 1958).

Olga se dizia apaixonada pela poética de Olavo Bilac (1865-1918), cronista e poeta brasileiro do período literário parnasiano. Os parnasianos de modo geral marcaram muito sua escrita poética. Desde a perfeita elaboração formal, principalmente nos sonetos, por reflexões de ordem social e moral, bem como na busca por refúgio na religião e na metafísica, tendo na linguagem a presença significativa da musicalidade.

De Nelson, seu pai, Olga teve muita influência Simbolista, muito de Cruz e Souza¹. A poética de Nelson tinha estilo e expressões do português arcaico, com forte característica nostálgica, principalmente após uma crise cardíaca que o deixou impossibilitado de escrever com a mão direita. Abalado emocionalmente pela condição de saúde, a poética que Nelson passou a desenvolver depois de adoecer não teve muita ligação com a da filha.

Diferentemente do pai, que tinha na poesia um meio de instruir os leitores, para Olga, a poesia era para se deliciar, para envolver. A poesia de Olga Guimarães é basicamente estruturada em forma de trovas². Mesmo quando ela se expressa dentro de uma estrutura livre, ou dos quatorze versos da forma acadêmica do soneto, o ritmo impresso e a evidente preocupação rítmica, denunciam, antes de qualquer coisa, a trovadora que ela é na sua essência literária.

¹ O simbolismo foi um movimento que se desenvolveu nas artes plásticas, teatro e literatura, com origem na França no final do século XIX em oposição ao Naturalismo e ao Realismo. No Brasil, o simbolismo teve início no ano de 1893, com a publicação de duas obras de Cruz e Souza: *Missal* e *Broquéis* (GÓIS, 1959; PEREGRINO, 1957).

² A trova é definida como uma composição poética de quatro versos com sete sílabas, rimando pelo menos o segundo com o quarto verso e tendo um sentido completo. Composição lírica ligeira e popular.

Como dito na segunda parte do título deste trabalho - “Com muito de Benário”. Olga se identifica como ser político, com consciência crítica e política. Ela via no desempenho como educadora um caminho possível para mudar destinos, de ser atuante, intervir em problemas sociais, reivindicar direitos e promover transformações. Tais possibilidades foram ampliadas quando, após se aposentar do magistério, Olga segue o caminho da política institucional, candidatando-se a um cargo no legislativo municipal e sendo eleita por dois mandatos.

O primeiro passo para Olga acessar a memória, era sua localização de grupo, classe e a profissão. Maurice Halbwachs (2006) aponta que a identificação com o grupo é fundamental para a reconstituição da memória, pois os grupos aos quais as pessoas pertencem, seja por tarefa, seja por escolha, são extremamente significantes na sua experiência de vida, a ponto de a história do grupo social ser tratada, não raras vezes, como a própria história do indivíduo. Quando um indivíduo lembra um fato do passado, sua história se confunde com a história do grupo, há uma identificação com o grupo que pode determinar até a maneira de pensar e se comportar.

Assim, se a memória da infância e dos primeiros contatos com a poesia e com o mundo, se aproximam, pela sua leveza e espontaneidade, da pura evocação, juntamente com a recordação do seu pai, já suas lembranças políticas acusam, muitas vezes, um pronunciamento, um teor ideológico, uma visão de mundo dos grupos dos quais fez parte.

Na memória política de Olga, os juízos de valor intervêm com muita insistência. Ela não se satisfaz em somente narrar como testemunha histórica, neutra. Ela quer também julgar, emitir sua opinião, marcando bem o lado em que estava naquela ou nesta situação, reafirmando sua posição ou matizando-a. Quando da sua firmeza ao se comparar a Olga Gutmann Benário Prestes, militante comunista alemã de origem judaica, Olga Guimarães é enfática em considerar sua aproximação com Benário, enquanto mulher e forte na luta pelos seus ideais, mas o fato de ser comunista não lhe dizia respeito.

Ser comunista para sua época, para a família na qual foi criada, não era coisa boa, talvez por isso, manifesta-se com ressalvas. Segundo Olga, seu pai era fortemente contrário ao comunismo, embora fosse ligado ao PTB local, não se aliou a esses ideais. Olga, como seguidora do pai, não poderia fazer o contrário. Porém, hoje, era muito mais fácil se comparar a uma comunista, pois já não há mais convenções de época, já não há mais Nelson. Com o olhar de agora era mais simples afirmar “com muito de Benário”. Nesse sentido, Vladimir Safatle (2012, p. 207) conclui que “a atualização de uma lembrança nunca poderá ser a mera apresentação de um conteúdo previamente arquivado. Ela é a construção de um sentido a partir das exigências do presente”.

Ao narrar a memória política, Olga tentou intervir, através da sua interpretação, no mundo social, confrontando a realidade jurídica, cultural e política que pretendia silenciar a memória ou produzir outras visões do passado. Para Habermas (1997, p. 92) a memória política é um tipo de ação estratégica, que passa a existir quando indivíduos ou grupos a colocam, intencionalmente, na esfera pública, como um espaço social em que os fluxos comunicacionais se condensam em opiniões públicas que exercem influência na circulação do poder político.

O que chama atenção é o fato de a minha colaboradora, ao longo da narrativa memorialista, seguir misturando a marcação pessoal dos fatos com a estilização das pessoas e situações, além de fazer crítica a determinadas ideologias. Causou-me a impressão de que sua consciência política é o resultado da interação entre cultura e cognição, entre opiniões individuais sobre o mundo cultural e social e opiniões sobre os sistemas de ideologias, sejam eles instituições, mídia, símbolos, códigos culturais (SANDOVAL, 1994). Quando questionada sobre os movimentos sociais e ideológicos dos quais participou, Olga afirma

Analisava o fato via julgava o fato os pros e os contra os positivos e os negativos e o agir como agir em determinadas situações e tinha sempre uma tendência esquerdista de valorização do homem enquanto homem e do homem enquanto trabalhador e garantia dos direitos do homem pela humanização da técnica e valorização do social e da democracia. Era uma tendência esquerdista disfarçada (GUIMARÃES, 2016).

Nota-se que a lembrança de certos momentos públicos (guerras, revoltas, greves, movimentos diversos) pode ir além da leitura ideológica que eles provocam na pessoa que os recorda. Há um modo de rever os fatos da história, um modo de repensá-los, sofrê-los na carne que os torna uma marca resistente e que se mistura com a vida cotidiana, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a memória histórica da memória pessoal experienciada, familiar e social (BOSI, 1994).

É evidente que, nas entrevistas, todos os tipos de tempos estão presentes simultaneamente. O passado contido nas memórias daquele que relata, o presente como local de processo das entrevistas e lugar de auto-interpretação, e o futuro que é pensado na perspectiva de “como quero ser visto, lembrado”. Essa percepção do tempo integrado está muito forte em Olga Guimarães e por isso é necessária uma condução bastante atenta e consciente das entrevistas. Ao integrar essas três temporalidades, as entrevistas de história oral são um tipo de tarefa abrangente e cheia de possibilidades.

São as várias historicidades em um único sujeito que volta ao passado e se vê e se relata na perspectiva do que ele é hoje. Martin Heidegger (2014) sugere que a temporalidade, a capacidade de uma pessoa de interagir com os tempos passados, presente e futuro, permite que ele ou ela se envolva no cuidado do seu próprio ser. Para tanto, o narrador transita também por distintas temporalidades, o que implica o abandono da linearidade cronológica. Assim, ganha forma o tempo contextual, o tempo familiar, o tempo interior, o tempo da memória.

Aqui reside um dos aspectos centrais desta pesquisa. Entender a mulher posta em primeiro plano nas suas distintas temporalidades. Uma mulher que gerou narrativas utilizando todos os três tempos, transformando o mundo objetivo em um mundo subjetivo da vida em que ela se encontra.

Seus conceitos de si são fruto do malabarismo que ela faz com o tempo, não deixando passar despercebida pelos fatos do passado, pelo que ela é hoje e por aquilo que ela quer ser no futuro, assim como a maior parte de indivíduos que são ouvidos em entrevistas, Olga procurou destacar os elementos que concorrem para a formação de uma identidade positiva, auxiliando a manutenção de uma posição privilegiada de poder e status – ainda que isso não se dê de modo totalmente consciente e calculado.

Assim, surge sem demora, o conceito de si que leva o título deste trabalho: “Olga: leve como Pavlova, com muito de Benário, nada de Alaketu. Simplesmente Olga Guimarães.” Para Olga, suas trovas trazem a leveza para o leitor, assim como os passos da bailarina russa Olga de Pavlova. Sua atuação profissional é politizada, tanto na educação quanto na Câmara Municipal e, sobretudo, nos bastidores dos espaços sociais por onde ela passou, relacionando-se com a história de atuação de Olga Benário. Como não há nada de Olga Francisca Régis ou Olga de Alaketu, uma iyalorixá de candomblé do Terreiro LLe Mariolaje em Salvador-Bahia, somente uma fé constante, Olga Guimarães, então finaliza, com simplesmente. “Simplesmente”, para ela é como uma marca, pois quase todos seus livros publicados levam este termo no título. “Simplesmente Olga Guimarães”.

2. OS PAIS: UMA AUSÊNCIA PRESENTE

Neste capítulo, examino as condições para a emergência da causa política de Olga, tomando o universo da sua família como lugar de formação de sua consciência crítica do mundo. No âmbito deste trabalho, entendo família como agrupamento para onde as primeiras lembranças de Olga são direcionadas, a partir do ponto de vista dela mesma.

Este capítulo parte da compreensão de que a vida está atrelada a uma teia de relações e dimensões que constitui o ser, geralmente fixado aos laços familiares e de parentesco e que, ao interagir com as histórias, as tradições e as contradições que enfrentam, as pessoas concebem seus próprios lugares como pontos de partida seguros de onde começam a construir a sua identidade. Neste particular, seguimos as sugestões de Marina Maluf (1995, p. 49), que defende que “discutir sobre o grupo familiar pressupõe um quadro referencial extremamente valioso para a reconstituição de experiências passadas. É a moldura onde se desenha as primeiras lembranças pessoais, as impressões de mais longa duração”.

A intenção é compreender a influência que a família, em especial, seus pais, exerceram na construção da identidade de Olga, enquanto ser politizado. Ou seja, promover a discussão sobre como as famílias e as tradições interferem na forma de ver o mundo. Isto está bem claro na vida de Olga, que insiste neste ponto. As lembranças da entrevistada acentuam a necessidade de caracterizar a vida de seus pais como a fonte de determinados bens simbólicos, que representam, a seu ver, uma situação social e, ao mesmo tempo uma referência moral.

A fonte principal para a feitura deste capítulo é a própria Olga. O que será posto a partir de então, está intimamente relacionado ao que Olga quis rememorar e narrar. O resultado versa sobre o universo da entrevistada, ou seja, sua versão sobre a história de sua família e não “a verdadeira história da sua família” (CABRAL; LIMA, 2005, p. 369). São dados que possuem relevância para o objeto deste trabalho, que não consiste em uma genealogia. Sobretudo, são dados que partem de uma seleção dos fatos, da recriação deles, a concepção de família e a relação com seus pais, resultado das análises de entrevistas e das reminiscências de uma filha que guarda lembranças dos pais já falecidos.

Para Halbwachs (1990), a família é o primeiro espaço de contato da criança com o mundo, é nela que iniciam-se as relações, que ocorre o conhecimento de fenômenos e fatos pela prática de observação e pelo processo de tomada de consciência de si. Dá-se início a uma

troca de experiência nas práxis cotidianas, à construção das relações de parentesco e aos significados atribuídos nas relações entre eles. Para o autor, “A memória familiar é uma construção coletiva, uma corrente de pensamento contínuo que retém do passado somente o que está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (1990, pp. 81-82).

Halbwachs ressalta que transmitir uma história, sobretudo a história familiar, é transmitir uma mensagem que se refere ao mesmo tempo, à individualidade da memória afetiva de cada família e à memória da sociedade mais ampla, expressando a importância e permanência do valor da instituição familiar. A memória das pessoas e de suas famílias é o primeiro elo na composição da memória do grupo social que compõe um país. De geração a geração, na vida cotidiana, através dos tempos, as pessoas transmitem suas experiências, seus preceitos e seus ensinamentos úteis. A importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado origina-se do fato de a família ser, tanto objeto de recordações dos indivíduos, quanto o espaço em que essas recordações podem ser avivadas.

Segundo Philippe Ariès (1981), a compreensão da família como elemento estruturante da sociedade tem início na Idade Moderna, a partir do surgimento da burguesia. Momento também em que se valoriza a criança e a sua manutenção junto aos pais e surge a preocupação com a educação e o tratamento igualitário entre os filhos, com a criação das escolas, com a divisão dos espaços da casa, o distanciar entre patrões e empregados e, principalmente, com a preservação da privacidade familiar. Assim, a família passa a ser pensada como uma instituição social, com padrões, valores e regras próprios que se alteravam ao longo do tempo.

Os historiadores da família no Brasil, estiveram atentos ao debate teórico que se processava nos meios acadêmicos europeus e norte-americanos, a partir dos anos de 1970, desenvolveram, nas últimas décadas, pesquisas que trouxeram revelações admiráveis sobre o nosso passado e novas visões acerca da sociedade brasileira, resguardando nossas especificidades históricas, bem como adaptando e desenvolvendo metodologias próprias a documentação disponível.

Os conceitos de família brasileira podem ser encontrados em autores que publicavam obras entre os anos de 1930-1950, principalmente nos trabalhos de Gilberto Freyre, Oliveira Vianna e de Antônio Cândido. Tais autores partem do pressuposto de uma família patriarcal rural e extensa no século dezenove e anteriores e que se transforma em nuclear, quando transplantada para um ambiente urbano e moderno, no século XX³. Eni Mesquita Samara e Mary Del Priore, também exploraram a história da família brasileira, ampliaram a visão dos

³ Trata-se das obras de CÂNDIDO, 1951; FREYRE, 1987 e VIANNA, 1987.

dados históricos, repensaram os estudos anteriores e reavaliaram os critérios de pesquisa até então utilizados. As conclusões dessas autoras enfraqueceram as convicções de historiadores, antropólogos e sociólogos, que consideravam a família brasileira unicamente patriarcal⁴.

O capítulo será subdividido em dois sub-tópicos. Primeiro, trato da convivência de Olga com seu pai e da sua importância para a formação da consciência política da biografada. Segundo, o vínculo de Olga com a mãe, Isabel, aspectos de uma relação que foi citada poucas vezes no decorrer das entrevistas. O intuito maior é entender a família Guimarães como o berço de aprendizado político de Olga, no que diz respeito à educação para a formação de uma identidade consciente e atuante no espaço público.

2.1A memória dos feitos: preservando a figura do pai

A estrutura desta primeira parte obedecerá à cronologia disposta pela própria Olga, que rememora a história de seu pai dividindo-a em três momentos: o inicial diz respeito aos primeiros anos de vida de Nelson, na sua cidade natal, Urandi – Bahia, até o casamento com Maria Isabel. O segundo momento refere-se à sua chegada em Itaberaba – Bahia, no ano de 1938, à constituição familiar que fora montada juntamente com a mudança de cidade. A terceira parte aborda aspectos profissionais, as primeiras experiências políticas de Nelson, seu pai enquanto poeta e trovador, a relação com os membros da família e o vazio após o falecimento do pai. De certo não é esta uma biografia como descrição linear da vida de um sujeito, algo descartado. A biografia aqui é redefinida inserindo a trajetória num campo de possibilidades (BOURDIEU, 2002).

Ao longo das entrevistas que foram realizadas, percebi que as lembranças de Olga acerca do pai eram sempre as mais prazerosas e, contraditoriamente, as mais dolorosas. Mesmo quando não é mencionado nas perguntas, Nelson aparece nas narrativas. As lembranças do pai enchem Olga de emoção, são narrativas longas, detalhistas, heroicas muitas vezes. Narrativas que apresentam claros sinais de que suas memórias têm ligação com um Nelson vivido, sustentáculo político de outros políticos e já ciente de seu legado, tanto para a família, como para o município de Itaberaba.

Ressalto que não pesquisei mais para assegurar a veracidade de certas informações, como por exemplo, se Nelson participou na Coluna Prestes, feito citado por Olga em uma das entrevistas. Reafirmo que o objetivo é escrever o caminho desenhado por Olga, na seleção

⁴ As conclusões das autoras estão contidas nas obras: PRIORE, 1999 e SAMARA, 2004.

dos fatos por ela escolhidos e, neste caso, compreender a imagem que ela construiu de seu pai, importante influência em sua vida, partindo do pressuposto de que o resultado de uma entrevista não é o que aconteceu no passado, mas o que Olga recorda e como ela recorda.

2.1.1 A vida em Urandi-Bahia

Na antiga Vila Bela das Umburanas nasceu, em janeiro de 1904, Nelson Alves de Guimarães Carvalho. Filho de Silvino Alves de Carvalho e de Joaquina Guimarães Carvalho, ambos egressos de família simples da região. A família Guimarães tem origens ainda pouco conhecidas, mesmo sendo extensa. Nelson teve sete irmãos. Olga afirmou que seu pai dedicou boa parte da sua juventude aos estudos. Era um, entre os poucos e seletos alunos do professor Santana, da cidade de Rio de Contas⁵. Nelson gostava de ler. Escrevia charadas e era um colecionador de leituras de enciclopédias. Formou-se farmacêutico prático, manipulador de fórmulas, o farmacólogo, como era dito na época⁶.

Seus pais faleceram cedo, quando Nelson tinha 17 anos. Antes deles, perdera um jovem irmão por causa da tuberculose. Até então, Nelson dedicava-se aos estudos, mas com a morte dos pais, tornou-se o responsável e provedor de seis irmãs. Somando a renda que a família havia acumulado aos seus serviços farmacêuticos, Nelson adquire sua primeira farmácia em Urandi - Bahia.

Urandi é situada a 105 km de Caetité. Como grande centro mantenedor da região, Nelson fazia frequentes viagens a esta cidade. No alto sertão, viver entre o campo e a cidade, as vilas e o mercado central, significava manter os meios necessários para os negócios da família⁷. Idas constantes às feiras, armazéns e negócios com tropeiros asseguravam o abastecimento dos mercados internos e meios para a venda da produção, que davam à economia uma dinâmica própria (PIRES, 2009, p. 117). Por tais razões, a economia de Caetité estava bastante articulada com as vilas do alto sertão da Bahia.

⁵ Segundo Olga, ser aluno deste professor, um senhor negro, culto, muito respeitado na região, que direcionava os alunos da sua classe, tanto para a formação profissional, quanto para as artes, era sinônimo de privilégio. No momento em que ela aponta este fato, não se recordou o primeiro nome dele. Procurou o diploma do pai, que continha esta informação e que ficava na parede da sala, mas percebeu que seu irmão tinha levado o quadro para a casa dele e assim não houve a possibilidade de verificação.

⁶ O uso do termo “farmacopolo” foi utilizado por Olga para identificar a profissão do pai. Segundo afirma, era assim que se chamava um manipulador de fórmulas ou farmacêutico prático.

⁷ Maria de Fátima Novaes Pires demarca a região e a denomina “alto sertão” ou “sertoins de sima” (PIRES, 2009, p. 15)

Olga relata que, nessas idas e vindas a Caetité, Nelson conheceu Maria Isabel. Ela era uma jovem de 21 anos, ele um jovem senhor com 30 anos de idade que já fora casado. Nelson apaixonou-se por Maria Isabel. Mas tinha uma história que não condizia com a sonhada pelos Cotrim, a família de Isabel. Para casar-se com Maria Isabel, o noivo deveria ter nome e posses e Nelson não cumpria os requisitos. Era separado, cuidava de seis irmãos e, apesar da boa educação que lhe fora dada, não dispunha de muitas posses. Olga salienta que Donério Cotrim, o pai de Maria Isabel, considerando o passado de Nelson, proibiu a união de ambos.

Desde os tempos coloniais, os assuntos referentes ao casamento e à família, mantêm uma forte influência exercida pela Igreja e pelo Estado. A família modelo, então, era a patriarcal, baseada na figura do patriarca romano, que possuía poderes sobre seus escravos, funcionários e sobre suas mulheres (DEL PRIORE, 1993, p. 25). Este modelo patriarcal esteve enraizado no Brasil até meados do século passado, o que nos leva a perceber que, na sociedade baiana, prevalecia a desigualdade no que diz respeito aos direitos da mulher, partindo do pressuposto de que nela perpetuavam-se pensamentos e atitudes que colocavam a mulher no lugar de submissão, impedindo que a mesma tivesse vontades próprias ou liberdade individual.

Em 1937, contrariando a vontade do pai, Maria Isabel abriga-se em Caetité, na casa de amigos e casa-se no civil com Nelson. O casamento no religioso aconteceu três dias após, na cidade de Urandi onde o futuro esposo residia⁸. O pai de Maria Isabel, ao saber do ocorrido, publicamente deserdou a filha. Assim, Maria foi morar definitivamente com Nelson, à revelia do pai e, em janeiro de 1938, Maria Isabel já estava com bebê de colo. Nasceu em Urandi o primeiro filho do casal, Nelson Alves de Guimarães Filho, que não recebe o sobrenome Cotrim, assim como os outros quatorze filhos seguintes. Conforme relatou Olga, este também foi um ano de mudanças para a família.

A região do alto sertão, apesar de ser banhada por rios, oscilava entre curtos períodos de chuva e longas temporadas de estiagem. As secas recorrentes deslocavam sertanejos de suas regiões de origem. No ano de 1938, o aumento dos problemas conjunturais associados às dificuldades de locomoção nas estradas do sertão, estimularam ainda mais as migrações (PIRES, 2009, p. 120). Para Nelson e Maria Isabel, tais problemas somavam-se ao fato de terem que, sem ajuda de parentes, dar conta do sustento da nova família. Nelson tinha a farmácia em Urandi, mas, com a situação de instabilidade que se encontrava a cidade, reflexo do que estava acontecendo também em Caetité, eles decidem se mudar para Itaberaba, na Chapada Diamantina.

⁸ Neste momento da entrevista Olga não deixa claro como ocorreu este casamento civil. Afirmou que Isabel encontrou apoio em membros da família do marido, residentes em Caetité, o que facilitou a concretização da união.

Buscavam uma melhor situação financeira. Confiando na sua formação, Nelson aproveitou a oportunidade e comprou a farmácia Saraiva posta à venda pelo Doutor Antônio Augusto Saraiva e então mudaram-se para a cidade de Itaberaba, distante 260 quilômetros de Salvador.

2.1.2 O novo cenário

Foram aproximadamente 570 quilômetros até chegarem a Itaberaba. Segundo a memória de Olga, após a chegada do seu pai, trazendo consigo duas irmãs solteiras, Maria Isabel e o primeiro filho do casal, a família Guimarães residiu na Praça do Rosário, primeiro núcleo de povoamento da cidade e local no qual se encontrava a igreja matriz de Nossa Senhora do Rosário. Olga ressalta que se tratava de uma cidade em construção, partindo da observação das transformações no espaço urbano e dos processos sociais, transcorridos desde as primeiras referências ao seu surgimento a partir do século XVII.

A cidade estava inserida num cenário bastante diferente do que era no início do século XX, quando ainda apresentava um típico panorama agrário. Neste século, sob influência dos discursos de modernização, Itaberaba vivenciou a implementação da luz elétrica, a canalização da água, o alargamento das ruas, a construção de praças e novas vias públicas além da chegada de serviços antes inexistentes na cidade, tais como agências bancárias, correios, cineclubes, dentre outros serviços⁹.

Olga pontuou que na tentativa de materializar os discursos de modernização que circulavam na cidade, característico do período pós 1938, era necessário que algumas medidas fossem adotadas. Anteriormente, Itaberaba já estava sendo submetida a algumas intervenções urbanas, a começar pelo crescimento demográfico, pela eletricidade, abandonando as precárias estruturas de iluminação elétrica movidas a querosene, e pelas políticas de desruralização do perímetro urbano. Olga assinala a inauguração da estação ferroviária da Viação Férrea Federal Leste Baiano (VFFLB) em 1926, que interligava Itaberaba a outras regiões do Estado, inclusive a Salvador e o processo de eletrificação na cidade que era associado à imagem de cidade civilizada¹⁰.

Os representantes políticos elegeram um conjunto de medidas com o objetivo de impedir uma infinidade de práticas consideradas anti-urbanas. Dentre elas, destacam-se: a

⁹ Sobre o processo de modernização de Itaberaba ver: BOAVENTURA, 2013.

¹⁰ Sobre a chegada do transporte ferroviário e a abertura das primeiras estradas no século XIX na região da Zona da Mata do Orobó ver: BRANDÃO, 2007.

criação de animais nos centros urbanos, estender roupas nos logradouros públicos, colocar objetos domésticos nas portas, janelas ou varandas, colocar carnes, couros e peles para secar no espaço público, rolar pipas, tonéis ou barris no espaço das ruas, afetando em especial os aguadeiros que utilizavam tais meios para distribuir água na cidade (LIMA, 2012, pp. 19-21).

O ideal de cidade civilizada fazia parte também do pensamento dos dirigentes políticos locais e da elite de Itaberaba. Essa elite era composta pelos profissionais liberais, funcionários públicos, negociantes, o clero e os comerciantes. Deste grupo, saíam os representantes políticos do município, principalmente, os prefeitos, em sua maioria formados em engenharia, direito e medicina (CERQUEIRA, 2003, pp. 73-74). Sendo que, os médicos exerceram um relevante papel no processo de construção da nova cidade.

Percebendo esse contexto, Olga afirmou que Nelson notou que Itaberaba reunia todas as condições para proporcionar melhor qualidade de vida à família Guimarães. As políticas de modernização e o desenvolvimento econômico atraíam pessoas de diversas regiões da Bahia para a cidade. Em 1938, já de posse da farmácia Saraiva, Nelson e família é recebido na cidade. A popularidade que a farmácia Saraiva já possuía, somada à experiência de farmacêutico prático de Nelson, logo o mesmo tornou-se bastante conhecido e respeitado na cidade. Assim, o sucesso nos negócios melhorou a condição de vida da família, que logo viria a mudar para a principal e mais cobiçada avenida da cidade.

Nessa ocasião, Nelson e Maria Isabel já tinham quatro filhos. Estes foram nomeados a partir de um acróstico formado pela junção dos nomes Nelson e Isabel, sendo os filhos: Nelson Filho, Edson, Luís Geraldo e Silvino. Em 1944 nasceu o quinto filho do casal. Embora todo enxoval tivesse sido marcado com o nome Osório, em 28 de Abril de 1944, nasceu Olga Guimarães.

Olga nasceu na residência da família na praça do Rosário. Ela assegurou que era uma criança forte, atenta e saudável. Trouxera alegrias para seus pais e foi motivo de muito ciúmes e cuidado por parte dos quatro irmãos. Nelson se apegou à filha e Isabel se fortaleceu com a chegada da filha, afinal, antes de Olga, havia perdido um bebê com três meses e meio de gestação, fato que a abalou muito. Até os quatro anos de idade, Olga cresceu no clima silencioso e tranquilo da praça do Rosário. Relembrou que ali era o local de passeio de fim de semana das famílias, de encontro de amigos e de casais. Era um espaço de devoção e fé, sendo o lugar preferido da família Guimarães.

Itaberaba continuava a crescer. No contexto da década de 1940 inicia-se, na gestão do prefeito Plínio Mata Pires, um novo processo de modernização. Os termos, modernidade e civilização é utilizado por Mario Pinto Peixoto da Cunha, tenente coronel e Presidente do

Conselho Nacional de Águas e Energia Elétrica, numa circular com ordens expressas do então Presidente da República Getúlio Vargas, em 1940. O termo modernidade nos anos de 1940-1950 é bastante utilizado nos discursos da Câmara e no jornal que circulava na cidade e era sinônimo de mudanças tanto na estrutura urbana quanto nos hábitos dos moradores.

Assim, torna-se perceptível o crescimento urbano, o alargamento das ruas e avenidas, que não mais se restringem às redondezas da praça onde estava situada a igreja matriz. Houve o povoamento de novos bairros, principalmente após a abertura de créditos em 1947 para a construção de casas populares¹¹. Associado ao grande investimento na organização da cidade, houve rígido controle da limpeza urbana, da não permanência de animais nas ruas, da coleta do lixo, a fim de conter epidemias e doenças de toda ordem. Nesse cenário de transformações, em 1948, a família Guimarães muda-se para a Avenida Rio Branco, principal avenida no centro da cidade, que abrigava os moradores de famílias mais nobres do município.

Nas memórias da infância de Olga, a avenida Rio Branco era extensa. Iniciava-se com a praça J.J Seabra, espaço público, local frequentado por jovens, moças e rapazes que procuravam para se encontrar. Segue-se na extensa avenida, os prédios da Câmara Legislativa e da Prefeitura Municipal, a sede do Clube Social de Itaberaba, fundado em 1946 e que foi construído com o objetivo de contribuir para o progresso social e cultural da cidade, o Banco do Brasil e o Cine Teatro. A avenida finalizava com a estação ferroviária da VFFLB que diariamente, segundo as recordações de Olga, despertava os moradores com uma alta buzina que anunciava sua chegada.

Aos quatro anos de idade, Olga chegou ao novo endereço da família. As novas lembranças constituídas na avenida Rio Branco são muito claras para ela. Desde a infância os espaços de convivência na avenida constituíram muito do que Olga é hoje. Ela foi crescendo juntamente com as muitas crianças da vizinhança, com o aumento da extensão da avenida, com as mudanças que aconteciam no espaço urbano da cidade, com os burburinhos da feira livre ao fundo de sua casa, com o fim dos aguadeiros e seus barris de água sendo arrastados pela via sem calçamento. Suas memórias estão ali, em cada casarão da avenida, em cada novo estabelecimento que era inaugurado, nos hábitos cotidianos, nos espaços, na rua.

Olga reconstrói sua vida, lembrando a trajetória familiar e estabelecendo, na lembrança, o espaço familiar, a representação da família e suas relações internas. A própria representação da família e do parentesco sofre assim a marca do tempo. No seu pai, há o início da trajetória da grande família. Nesse sentido, falar do pai é falar em seu poder familiar, na

¹¹ Arquivo Público Municipal Roque Fagundes de Souza, decreto lei número 9.777, p. 03 de 13 de janeiro de 1947.

capacidade de agregação de uma ampla rede familiar em torno de si, não apenas em momentos de festividades e determinadas datas, mas também como elemento articulador de comunicação e conhecimento entre os membros desta extensa família. Cabe ressaltar que a ênfase na forma de lembrar do crescimento da cidade e sobretudo, de informar sobre a mudança de bairro que a família viveu, configura para Olga, um marcador de status que indica que seu pai cresceu juntamente com o crescimento da cidade e que, por isso, deveria ser lembrado pelo município como partícipe e cooperador deste desenvolvimento.

2.1.3 A memória dos feitos

Ao pretender expor a trajetória de vida do pai, Olga reconstrói suas lembranças relacionando-a aos principais aspectos da sua existência, de forma que sua vida e personalidade são apresentadas por meio de fases e identidades bem distintas: como pai, poeta, profissional e homem político. Identidades que parecem corresponder a pessoas diferentes, unidas em Nelson apenas pelo fio biográfico e por uma personalidade doce e forte, elegante, nobre e comunicativa.

Olga constrói uma narrativa com uma imagem para Nelson, ressaltando aquilo que seriam seus bons atributos, sua boa relação com outros personagens, resgatando sua gênese. Uma narrativa onde Nelson aparece como um exímio pai, que centralizava em sua figura a atenção da família e filhos, mas não os subjugava, como o poeta influente e admirado pelo grupo do qual fazia parte, o farmacêutico atuante na comunidade junto aos mais carentes e principalmente e o político nato que era, articulado, influenciador e de opinião forte.

Olga participou efetivamente da vida do pai, tanto na esfera particular quanto na pública. Além de filha foi companheira na escrita e edição de seus livros, em passeios pela cidade, ouvinte atenta de suas histórias, interessada na sua atuação desde os tempos em Urandi, além de uma observadora e admiradora do Nelson como homem público e preocupado com a sociedade da qual fez parte. Por isso, a narrativa sobre o pai, se apresentou permeada por uma narrativa baseada em laços estreitos e sensíveis, indo além dos fatos históricos, aliada à intimidade de uma relação familiar.

A morte de Painho foi uma morte que a gente sentiu e eu até muito mais apegada a ele do que a Mainha. Mas Mainha ficou e com Mainha ficou uma parte de Painho. A presença de Mainha com a morte de Painho não causou tanto vazio. E ele sempre dizia assim, “minha filha, morreu, acaba” (GUIMARÃES, 2008).

As lembranças de Olga sobre Nelson surgem como se nada tivesse acabado. Nelson ainda está ali, tão forte nas suas recordações, nos espaços da sua casa, nos seus livros, nos conselhos que ela dá, no que Olga se tornou e na sua história.

(...) é painho o senhor não morreu, o senhor não acabou, o senhor permaneceu, nessa energia que move o universo, o senhor permaneceu nesse tempo que constrói um novo tempo como exemplo para essa juventude, para as pessoas. E está escrito na tumba dele: “Jaz na instância funerária, sobre a acampa amortecida. Numa cruz escrevo em áurea, foi poeta e amou na vida.” Se é isso, então o poeta é imortal e ele permanece imortal (GUIMARÃES, 2008).

Olga imortalizou Nelson em suas memórias. Na maior parte das entrevistas, a figura do pai surge associada aquilo que ele fez ou foi. Noto que tais lembranças são acompanhadas pelo desejo de proteção da sua imagem e valorização da sua figura. Há em Olga um nítido desejo de salvaguardar para a posteridade e principalmente para o município de Itaberaba uma história para ele, quase heroica, a de um homem exemplar. Quando lhe pergunto quem foi Nelson, Olga não hesita com as palavras: era a primeira filha dele, tão desejada e aguardada, estava sempre com ele, apreendera de perto com o pai, em detalhes, quase que com devoção.

Segundo Olga, Nelson viveu a maior parte do tempo na farmácia. Era ali que exercia sua função, receitava medicamentos, escrevia charadas para um jornal local, interagiu com a comunidade, recebia políticos, promovia discussões partidárias, lhe ensinava sobre fórmulas e treinava a escrita poética, estrutura das trovas, do soneto juntamente com a combinação de versos. Foi no balcão da farmácia que Nelson se fez conhecido em Itaberaba. Sua boa reputação lhe rendeu cargos e títulos. No trecho abaixo, ela expressa essa questão:

(...) ele foi delegado de polícia em Itaberaba. Porque nessa época não tinha delegado de polícia de carreira de direito mas tinha nomeação de pessoas de bom comportamento de boa reputação (...)então ele vivenciava o meio social com bastante sociabilidade comunicação com boa comunicação boa amizade, amistosamente ele convivia com as pessoas (...) (GUIMARÃES, 2017).

No decorrer na sua narrativa, Olga ressalta o que para ela era predominante em Nelson, o senso de responsabilidade pelo outro, de ser cidadão ativo, de instruir. Isto era perceptível, para ela, nas trovas que o pai escreveu, nos livros havia um objetivo primeiro de instrução ao leitor, de fazer suscitar a criticidade, a formação de opinião, a reflexão. Nelson era árduo defensor da educação, da aprendizagem e passava isso para os filhos. Foi autodidata, não teve formação de nível superior, mas era curioso, gostava de ler e tinha uma instrução muito alargada, segundo a filha.

Por diversas vezes recebeu homenagens em Itaberaba, sendo seu nome dado a uma escola municipal e chamado de “distinto”¹² por um jornal da cidade ao publicar nota de nascimento de um de seus filhos. O jornal “A Tarde”, de Salvador – Bahia, expediente do dia 10 de maio de 1984, também publicou a seguinte nota, citada por Olga em tom eloquente:

“Nelson Guimarães enriqueceu o patrimônio cultural de Itaberaba com o seu livro de versos “Acordes da Escalada do Amor”. São verdadeiros retalhos d’alma, em que o poeta dá expansão ao seu estilo, cantando com ternura e apurada sensibilidade artística a vida de uma numerosa família exemplar a que ele preside com amor. São versos que leem com emoção”.

Para Olga, seu pai, na juventude, viveu intensamente a Coluna Prestes¹³, pegando até em armas e se movimentando junto com o bando de Prestes quando este chegou a Chapada Diamantina. A respeito deste episódio, Olga diz nunca ter escutado isso diretamente do pai, mas afirma já ter ouvido boatos a respeito dessa atuação. Há muito cuidado nesta fala de Olga, ela teme pela má interpretação quando se trata do seu pai ter pegado em armas. O que importava para ela, é que este fato não anulasse a imagem de boa reputação que seu pai carregava, mas o quanto que podia revelar sobre sua coragem e desempenho político.

Ainda sobre o desempenho político de seu pai, Olga frisa que ele foi um árduo defensor de Getúlio Vargas, assim como da democracia. Paradoxalmente, ele também era anti comunista, foi filiado e frequentou reuniões partidárias, como o Partido Trabalhista Brasileiro-PTB e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB nos anos 1960, sendo fundador deste último em Itaberaba, juntamente com Josenildo Miguel de Brito¹⁴ e Jayme Calmon. Seu nome aparecia sempre ligado a figuras políticas baianas, Waldir Pires¹⁵, Fernando Santana¹⁶ e Roberto Santos¹⁷, amigos pessoais e de ideais de Nelson. Sobre este aspecto, Olga afirma:

Na fundação do MDB tinha uma relação com Salvador e sempre teve a relação com Waldir Pires muito bom relacionamento ele tinha um relacionamento muito bom também com Fernando Santana e ele também com um deputado estadual de Conquista

¹² Nas pesquisas realizadas no jornal local O Itaberaba, há uma nota ressaltando a importância do trabalho empreendido por Nelson Guimarães na farmácia Saraiva. Na nota Nelson e Maria Isabel são chamados de “distinto casal”. NHL/CEDOC. Jornal O Itaberaba, Itaberaba, 20 de Agosto de 1949, p. 5

¹³ A Coluna Prestes foi um movimento político, ocorrido entre os anos de 1925 e 1927, liderado por militares, contrários ao governo da República Velha e às elites agrárias no Brasil. Teve este nome, pois um dos líderes do movimento foi o capitão Carlos Prestes. Para saber mais ver PRESTES, 1991.

¹⁴ Josenildo Miguel de Brito foi o 16º prefeito de Itaberaba, candidatou-se ao cargo pelo PSDB-Partido da Social Democracia, com um mandato que correspondeu aos anos de 1989-1992.

¹⁵ Waldir Pires: político egresso do Movimento Democrático Brasileiro, dentre outros cargos, foi deputado federal em três mandatos e ministro de Estado (1986) (cf. VELASQUÉZ, In: ABREU, 2010. Acesso em 24.05.2018).

¹⁶ Fernando Santana: exerceu por três mandatos o cargo de Deputado Federal da Bahia. (cf. GUIMARÃES, In: ABREU, 2010. Acesso em 24.05.2018)

¹⁷ Roberto Figueira Santos: ex governador da Bahia (1975-1979) (Idem).

que ele inclusive angariou votos aqui e trabalhou pra este cidadão era uma pessoa muito bacana muito centrada e ele tinha muita admiração a Roberto Santos, por quem Painho tinha um carinho muito grande. (GUIMARÃES, 2017)

A amizade com importantes personagens da política baiana está citada em um dos vários livros de poemas publicados por Nelson. Em especial, “Acordes das minhas ilusões”, lançado em 1980, cuja primeira parte do livro está dedicada as cartas recebidas de seus admiradores políticos. Olga fez questão de mostrar o prefácio escrito por Roberto Santos, ex-governador da Bahia (1975-1979), citado como grande amigo do seu pai.

A criação política de Nelson Guimarães, ao tempo em que suscita admiração e aplauso pela qualidade da obra literária, desperta reflexões relacionadas com a própria biografia do autor (...). Parabéns Itaberaba, que entre os cidadãos que formam o seu clima espiritual de tão brilhantes tradições, soube atrair e reter um artista consumado de tão acendrada inspiração (...) (SANTOS, 1980).

Segundo Olga, Nelson atuou nos bastidores da política, lançando e apoiando candidaturas pelo partido que era filiado. Muitas vezes se posicionando contrário a opinião da esposa e das famílias mais tradicionais na cidade, como a família Cincurá.

Era um conflito muito intenso a gente no meio os irmãos, eu por exemplo votei em Geraldo por conta da questão (...) votei num candidato da ARENA eu sendo MDBISTA. Engraçado né? São as coisas que acontecem mas o Baby ganhou, o Belmiro. A maioria da cidade era a favor dos Cincurás, era Arena. MDB sempre foi minoria. Muito tempo depois foi que Miguel conseguiu se eleger com o apoio do PMDB. Miguel chegou a ser o primeiro candidato pela MDB Painho lançou depois foi Baby – Belmiro, Miguel perdeu pra Antônio Andrade Santos, depois de Antônio foi Belmiro (GUIMARÃES, 2017).

A narrativa se desenrola entre lembranças e saudosismos. Enquanto Nelson alcançava diferentes patamares na vida pública, sua quinta filha se preocupava em se aproximar e ser aprovada pelo pai. Ciente da sua condição como mulher, o que implica numa certa condição de subalternidade, sabia que foi criada em um sistema patriarcal, que normalmente não questionava. Assim, noto, que em vários momentos, Olga tem como objetivo ganhar a confiança de Nelson, demonstrando ciência do caminho mais longo a seguir por sua condição e ao mesmo tempo, tentando driblar este caminho, já adulta, por atalhos que ela conhecia bem, o magistério.

No decorrer das entrevistas, Olga minimizou as falas, amenizou atitudes, as vezes, autoritárias do pai, como quando foi impedida de cursar medicina em Salvador por ser mulher, atitude que o pai não teve com seu irmão. Com voz trêmula e lágrimas nos olhos afirma:

Apenas quando eu me formei, quando queria seguir medicina e tinha de fazer um cursinho em Salvador, o meu irmão foi, porque pôde ficar em pensão, mas Olga não podia, por que Olga não poderia ficar em pensão. Olga era menina, era mulher, e não podia ficar em pensionato, mesmo que a dona da pensão fosse uma pessoa conhecida por eles. Quando eu estudei, eu fui ficar na casa de uma prima, vizinha ao Santa Bernadete, e deixou por isso, porque o colégio era vizinho. Era pra eu ter voltado pra lá, fazer o pré- vestibular, o mesmo que meu irmão fez, por que nós éramos da mesma série, eu tinha adiantada mais um ano e ele tinha perdido um ano, então ficamos juntos. E o que ocorreu? Ele formou-se médico, mas tornei-me professora, da qual profissão não tenho arrependimento. Mas meu teste vocacional feito na Santa Bernadete deu 90% pra medicina (GUIMARÃES, 2006).

Olga consentiu nas representações dominantes da diferença entre os sexos demonstrada pelo pai, aceitando sua decisão. Contudo, o consentimento não a tornou vítima ou rebelde, ativa ou passiva desse contexto social. Percebo o consentimento como o ponto central no funcionamento de um sistema de poder, cuja dominação, neste caso, era imposta pela figura masculina, como bem analisa Roger Chartier:

(...) nem todas as fissuras que corroem as formas de dominação masculina tomam a forma de dilacerações espetaculares, nem se exprimem sempre pela irrupção singular de um discurso de recusa ou de rejeição. Elas nascem com frequência no interior do próprio consentimento, quando a incorporação da linguagem da dominação se encontra reempregada para marcar uma resistência (CHARTIER, 1995).

Depois de ter frisado a impossibilidade de fazer o curso dos seus sonhos, diante da rigidez da divisão de papéis entre os gêneros, principalmente típicas da sua época, Olga, com esta fala, denunciava um elemento que garantia a reprodução do poder masculino, por força desse acesso ou não a determinadas carreiras profissionais. A decisão do seu pai está tão impregnada desta mentalidade de reprodução de papéis masculino e feminino, que mesmo hoje entendendo o que de fato motivou esta decisão, Olga afirmou que certamente foi uma atitude de proteção do pai.

Assim, ela reconstruiu ações, encenou diálogos que teve com o pai e diálogos que o pai teve com outras personagens, intercalando-os com comentários explicativos acerca de sua personalidade e a do pai. Contou a história, na condição de filha, de testemunha ocular, de guardiã da memória, como alguém que deseja confidencializar um fato e evitar uma injustiça.

Em toda a narrativa sobre a história do pai, Olga se posiciona como a pessoa que teria credibilidade, pois, teve acesso a sua vida particular, e legitimidade, como auxiliadora do pai em muitas funções, protetora de vários documentos da família essenciais para a reconstrução histórica daquela época, por viver hoje onde seus pais moravam e principalmente por ser partícipe de fatos importantes do cenário no qual vivera. Olga se dispõe a apresentar o Nelson

verdadeiro, o que ela conheceu em sua intimidade, que dividiu com ela seus anseios e segredos.

2.2 Maria Isabel: uma ausência velada

Mainha deixou um vazio muito grande, não sei também porque é recente, mas não é isso, porque tem 3 meses. E a cada instante eu vejo a presença dela, ai eu digo, se o poeta não morre, o educador morre? Ela está em cada coração, é parte de cada um que ela educou. Se o poeta não morre porque seus versos permanecem vivos dentro de nós, muito menos o educador. Ai eu me vejo assim e penso, que privilégio meu, serei imortal duplamente? Como poeta e educadora (GUIMARÃES, 2006).

Quando iniciei as primeiras entrevistas com Olga havia apenas três meses que sua mãe tinha falecido. Dona Maria Isabel morava na mesma casa com Olga, que era sua cuidadora deste a morte de seu pai. Olga citou Isabel poucas vezes. Sua história aparece quando Olga fala da sua origem, de como sua família foi formada, do papel que sua mãe desempenhava no magistério, da influência que exerceu quando da escolha pela carreira na educação e em alguns momentos que Isabel é associada a uma mulher de personalidade forte e de opiniões contrárias a do pai.

Maria Isabel de Carvalho nasceu no ano de 1915, na cidade de Caetité-Bahia, era filha de Donério e Flaviana Cotrim. A primeira leva da família Cotrim instala-se na Bahia, vinda de Portugal, no início do século XVIII, na região do alto sertão baiano (Caetité, Guanambi, Rio de Contas, Livramento, Brumado, Caculé). Ali adquiriram posses, gado e acumularam fortuna. Formaram novos núcleos familiares unindo-se aos Teixeira, aos Brito e aos Godim, tornando-se os maiores proprietários de terras na região da Chapada Diamantina e da bacia do alto rio das Rãs (COTRIM, 2001).

Olga contou que Donério Cotrim era um homem muito conhecido em Caetité, e em toda região. Ele foi criador de gado e comerciante de produtos diversos, bem como possuía grandes fazendas em Urandi. Maria Isabel derivava de uma família pequena e abastada. Seu núcleo familiar era formado por seus pais, Donério e Flaviana e seu único irmão João Cotrim. Segundo Olga, uma família pequena, interiorana que via na figura do pai, o provedor das necessidades familiares e mantenedor da moral e dos bons costumes.

Toda família transitava entre as fazendas das posses de Donério Cotrim e a cidade de Caetité. Era comum que muitos negócios realizados nas fazendas se desdobrassem nas cidades. A cidade, o núcleo urbano, era indispensável a expedientes mais burocráticos das transações comerciais, a exemplo de pagamento de impostos de exportação para a coletoria provincial ou estadual, manter conversas com outros fazendeiros e ainda pelas possibilidades de assistência

médica, mesmo precárias, jurídica, de comunicação e sociabilidade (PIRES, 2009, p. 107). O acesso à educação, para poucos ainda na primeira metade do século XX, também eram serviços disponíveis na cidade.

Aos 17 anos, Maria Isabel se formou na Escola Normal de Caetité. Agora como professora por formação, Isabel começou a traçar uma trajetória de independência e visibilidade, não somente pelo sobrenome que carregava, mas pela função na qual exercia. Ser professora, neste momento, era sinônimo de muito prestígio e estima social. Olga afirma que com Isabel não foi diferente.

Contudo, existiam as ressalvas, porque as mulheres que tomavam iniciativas contrárias às normas sociais, as que tivessem um nível de instrução mais elevado ou as que ganhassem seu próprio sustento, mesmo através do magistério, eram percebidas como desviantes e como ameaças aos arranjos sociais e à hierarquia de gêneros de sua época. O trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso, este deveria ser exercido de modo a não afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar (LOURO, 2002, p. 465).

O senhor Donério estava atento aos costumes, a filha deveria ser educada, principalmente, para a manutenção da fortuna da família, casando-se com um rapaz de renome, mas não foi o que aconteceu. Como já citado, Maria Isabel casou-se com Nelson contra a vontade do pai e mudou-se para Itaberaba com sua nova família, cortando os laços com seus pais em Caetité. Olga ressalta que essa história teria sido contada várias vezes entre a família e que Nelson afirmava ter raptado Isabel, enquanto a mesma retrucava que tinha ido com ele por vontade própria, então eles sorriam e o amor dos pais era exaltado entre os irmãos.

Isabel empenhou-se no exercício do magistério. Apesar de dedicada a educação enquanto professora do Colégio Castro Cincurá, que se localizava bem próximo da sua residência, enquanto mãe, sempre destinava um tempo do seu dia a contar histórias e ensinar uma lição para a vida. Olga revela que apesar da ausência diária da mãe, quando da partida para o trabalho, no retorno para casa, a mãe não deixava de cumprir suas obrigações domésticas, embora a educação estivesse em primeiro lugar, a ponto de deixar os filhos doentes para ir trabalhar e não faltar aula, “porque lá são 30 que me esperam e aqui tem só um me esperando. Ela sempre bem firme: - Primeiro o ensino”.

Com a mãe, Olga demonstra ter uma forte ligação enquanto educadora e responsável por promover a compreensão da valorização da mulher, enquanto ser humano, “enquanto gente que deve ser respeitada e apreciada pela sociedade”. Aprendeu muito observando sua mãe. Nos primeiros passos da vida escolar, quando aos quatro anos de idade foi à escola acompanhando dela. Enquanto a mesma lecionava, Olga afirmou ter ficado naquele espaço aprendendo a fazer

seu nome e as primeiras atividades educativas referentes à pré-escola, bem como, à medida que foi crescendo, Olga ia notando a atuação de professoras, que, assim com sua mãe, deixava o espaço privado para exercer o magistério.

(...) a segunda professora que eu tinha a primeira aqui em Itaberaba com colégio particular foi professora Floracy Alencar de Melo e por conta do marido não queria que ela trabalhasse fora, devido à popularidade de que marido de professora trabalhava e marido de professora que ganhava mais ou quando a mulher ganhava mais que o homem, ele era chamado de “Felipes” que vivia as custas de mulher. Então a valorização do trabalho feminino veio se dar muito mais fortalecido nas décadas de 60,70, daí na década de 40 ainda tinha esse problema e 30 quando Dona Floracy teve o seu colégio particular (GUIMARÃES, 2006).

Com voz baixa e pausas, Olga conta como a história da professora Floracy Alencar marcou sua vida. Tal fato, com ao passar do tempo, trouxe para ela, a percepção da determinação dos papéis feminino e masculino dentro da estrutura do casamento, e principalmente na cidade de Itaberaba, nesse contexto da década de 1940. Aponta que a ascensão feminina ao espaço público tornava-se uma ameaça à identidade de macho dominador e a sua posição de poder hegemônico é posto em questão. Começando pela forma como eram divididas as obrigações da montagem do novo lar.

Com o decorrer do tempo, ficou claro para Olga que ao homem caberia a maior responsabilidade de aquisição dos bens, como providenciar a casa, os móveis. À mulher, competia o preparo do “enxoval”. Segundo esse padrão, o papel do homem era o de mantenedor, por isso ele precisava estar estruturado economicamente, a fim de manter uma família. Enquanto a mulher cabia o cuidado com os filhos e marido, não estando sob sua responsabilidade o sustento da casa, nem mesmo o de apontar qualquer contribuição, visto que era esperado que elas não exercessem atividades remuneradas dentro ou fora de casa.

Para Olga, Isabel, ao trabalhar fora de casa, quebrou paradigmas. Era firme na sua escolha pela educação, assim como também era com as opiniões políticas. Não educou as filhas para o casamento tampouco ensinou atividades que eram consideradas própria de meninas, como bordar e costurar. Mesmo convivendo numa sociedade com padrões e normas pré-estabelecidas a respeito da mulher e de seu papel social, priorizava uma educação que não centrava na figura da mulher, as obrigações restritas à casa, e ao matrimônio.

Não houve preparo nenhum para o casamento, nem conversa com a mãe. O preparo que eu tive para o casamento foi dentro do conceito das aulas de biologia e educação para o lar onde tinha economia doméstica na época nas séries intermediárias, as chamadas economias domésticas. Até a conversação mãe filha eu não tive, não tive nem na época da primeira menstruação, nem tive na época do casamento. Aprendi

bordado na Escola primária com Dona Iracema, na primeira à quarta série e no Ginásio de Itaberaba quando tinha a disciplina Arte. E ai já estudava a parte lúdica, a parte de trabalhos manuais (GUIMARÃES, 2006).

Muitas vezes em conversas à mesa, Olga lembra que era muito comum Isabel emitir opinião, contrariar a fala do marido e demonstrar escolhas partidárias. Esses momentos de diálogos familiar eram claramente os mais lembrados por Olga deste a infância. Sobre este aspecto ela discorre:

(...) o diálogo na família sempre tinha e controvérsias também porque Mainha era totalmente contrária a Painho. Mainha era ARENA e Painho era MDB e Mainha detestava o lado de lá e Painho detestava o lado de cá, certo? Ele dizia que era pra ela ser como se diz propositalmente contrária a ele dada a natureza dela de ser totalmente possessiva e mandatária (GUIMARÃES, 2017).

Isabel era vista como possessiva e autoritária. A sua liberdade dependeu da sua capacidade de se manter ao mesmo tempo dentro e fora de casa, de ignorar a crítica social por exercer atividade profissional remunerada, de esconder uma desconfiança atenta à fonte de poder e à a sua capacidade de superação. Perspicácia para repensar as regras do jogo, inventar novos valores e sentidos novos às palavras e as atitudes típicas da sua época. Isabel permaneceu firme até os últimos dias de vida. Para Olga, a morte de seu pai a deixou muito debilitada, mas ela não perdeu a firmeza nas palavras, muitas vezes era teimosa, implicava com tudo que Olga lhe dizia ou aconselhava. Seu pai, por já ter percebido tal fato, sempre que podia, fazia questão de apontar a semelhança de temperamento da mãe e da filha.

Enquanto ouvia seus relatos, me perguntei inúmeras vezes qual seria o motivo de Olga falar pouco sobre Isabel. Porém, não senti necessidade de entender o porquê desta ausência, pois não cabia tal questionamento. Mas vi tristeza em seus olhos nos momentos em que Olga citava “Mainha”. Era perceptível que se orgulhava por ter seguido na carreira do magistério, tal como sua mãe. E quando questiono de que forma Olga está ligada aos seus pais, ela afirma:

Estão ligadas sim, porque nós somos o que somos e mais aquilo que construímos. O ser educador tem um lado materno, o ser poético tem lado paterno e eu sou um pouco de Nelson e Isabel e sou muito de Olga, um pouco dos pais e muito do meu ser propriamente dito. Mas essa construção tem uma base que eu entendo que foi edificada no berço. E que os pontos que eu tenha captado e aprendido não podem ser os mesmo que os outros tenham captado e aprendido. Mas uma coisa foi comum a todos, a valorização, a moral e os bons costumes, da retidão. A postura de responsabilidade e de valorização de trabalho que desenvolve. Isso é imorredouro pra gente, tanto no exemplo de meu pai, como no exemplo de minha mãe (GUIMARÃES, 2006).

Portanto, os detalhes das figuras paterna e materna, que ouvi pessoalmente ou através das histórias contadas no meio familiar, são um traço constante nos depoimentos de Olga. Seu

objetivo é marcar sua identidade através da inserção numa família considerada importante, seja do ponto de vista político e econômico, seja também por sua força moral, representadas pelas figuras do patriarca e da matriarca que congregaram os familiares por muito tempo, estando sua fala, por isso, sempre revivendo a importância da família.

A família, com suas múltiplas variações e as diversas configurações que tem assumido ao longo da história e nas diversas culturas, tem sido a base de toda discriminação e opressão do gênero feminino. É nela que se estabelece a principal relação de poder do homem sobre a mulher, e é através dela que essa relação de poder tem se propagado para outros institutos. A despeito da família Guimarães, foco deste capítulo, Olga teve condições de romper com o casulo e ver o mundo mais longe de Itaberaba.

3. OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE E A CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA POLÍTICA

O objetivo central deste capítulo é analisar como se articulam os elementos que compõem a construção da consciência política de Olga Guimarães, nos diferentes espaços em que esta construção acontece. A pesquisa se desenvolveu a partir da problematização de dois espaços de convivência: a primeira diz respeito ao espaço do lar e às relações familiares, e o segundo às práticas e movimentos sociais em grupos. Entendo que esses espaços são os mais enfatizados por Olga nas suas falas. Ênfases que revelam o valor simbólico que adquiriram para a entrevistada ao longo de sua vida. Tal exercício de problematização me auxiliou a responder ao problema original da pesquisa, que diz respeito à construção da consciência política.

Como foi ressaltado no capítulo anterior, as relações familiares estiveram presentes fortemente em nossas entrevistas. Percebi que a interferência da família vai desde as conversas e ensinamentos corriqueiros, às condições de acesso ou apropriação de determinados produtos ou informações sobre a realidade social, na transmissão de princípios até o incentivo para a educação. Notei que uma família, como a família Guimarães, que conversa sobre participação, questões sociais e política ou que tem um de seus indivíduos participantes em atividades que se relacionem a essa prática, potencializa, pelo exemplo de seus integrantes, o desenvolvimento da consciência de outros membros, que poderão vir também a se engajar com questões sócio-políticas.

Associada à influência familiar, Lucia Avelar ressalta que a identidade de si, que é a matéria prima da participação política, se constrói na experiência e pelo contato com movimentos sociais diversos. Para a autora, as redes de solidariedades são, também, redes de reconhecimento recíproco que auferem identidade pessoal e coletiva aos seus membros. Assim, constituídas, elas são o elemento por excelência do movimento social, da ação coletiva compreendida de forma ampla e sobretudo, promotora de uma maior conscientização política (AVELAR, 2004, p. 230). A organização dessas redes, na medida em que exige trabalho, presença e o envolvimento de seus membros, retira os indivíduos de seu isolamento social, amplia a sua visão de mundo, oferecendo-lhes outros valores e crenças antes não identificados.

Para além de perceber as motivações de Olga para atuar em espaços de ação social, a exemplo da atuação de Olga no sindicato de professores da cidade, é de fundamental relevância entender como se dá a construção de sua consciência política no contato com os participantes desses mesmos espaços, pressuposto primeiro para qualquer posicionamento no

espaço público. É importante salientar que o conceito de política que será abordado ao longo desta seção, diz ao respeito:

(...) às diferentes atividades da vida política, que vão desde as mais simples, como as conversas com os amigos e familiares sobre os acontecimentos políticos locais, nacionais e internacionais, até as mais complexas, como fazer parte de governos, mobilizar pessoas para protestar contra autoridades políticas, associar-se em grupos e movimentos para reivindicar direitos, envolver-se nas atividades da política eleitoral, votar, candidatar-se, pressionar autoridades para mudanças nas regras constitucionais, para favorecer grupos de interesses dos mais diversos, e mais uma plêiade de atividades que circundam o universo da vida política (AVELAR, 2004, p. 223).

Como enfatizado no trecho anterior, o que me interessa é a política não institucionalizada, que não se refere apenas ao ato último da forma de decisão política, ou seja, ao voto, assim como também à filiação a partidos políticos e ao exercício de cargos eletivos. Entende-se política como a que acontece nos espaços de discussão, que se difunde nas ruas, entre os vizinhos, nos balcões de bares (ou de farmácias) ou em conversas informais, mas que está associada ao senso crítico e a capacidade de tomada de posição. Enfim, entendo o político como uma dimensão presente em toda prática social e não a um espaço específico.

Na primeira parte deste capítulo, trago o conceito de consciência política apoiado nas reflexões de Salvador A. M. Sandoval (2001). A tese central de Sandoval consiste em conceber consciência política como um fenômeno psicossocial, que surge da relação do indivíduo com o mundo social, como um processo de significações, referentes à maneira como o indivíduo percebe o mundo, os outros, a si mesmo e a suas ações. Entendo o modelo analítico de Sandoval (2001) como uma inspiração teórica que, no entanto, não constitui um esquema orientador rígido de análise a ser seguido.

Na segunda parte analiso o espaço do lar, tomado como a base inicial da formação da Olga cidadã, crítica e engajada socialmente. Por último, eu trabalho a ação política com base nas reflexões de Lúcia Avelar (2004) e examino os movimentos de ação coletiva dos quais Olga fez parte na juventude. Entendo, a ação coletiva, com base em Touraine (1998), como parte de um movimento social, que se baseia em novas práticas políticas, concebidas por outras transformações, que não se organiza em torno de dois pólos identificados e visíveis, mas difusos, fragmentados, cuja diversidade não é apreensível em um conceito engessado. Uma ação coletiva portadora de uma identidade, de um adversário e de um projeto (TOURAINÉ, 2003, p. 119).

Em entrevistas, a professora afirmou que começou a participar da Ação Católica desde os 9 anos. Aos 14, Olga já participa da chapa eleita do Grêmio Estudantil Euclides da Cunha,

no Ginásio de Itaberaba, e, no ano seguinte, em Salvador, integra a Juventude Estudantil Católica – JEC, que tem por sede o Colégio São José. Nos anos em que viveu na capital baiana, de 1959 a 1961, Olga participou intensamente da JEC.

3.1 A formação da consciência política

Na análise psicopolítica sobre a construção da consciência política de uma mulher, com base nos processos vividos por ela mesma, verifiquei um entrelaçamento das categorias consciência e participação política. Contudo, o que interessa é entender o que caracteriza a consciência e especial a consciência política, como um requisito fundamental para a entrada na política institucional, por exemplo. Conscientizar-se é politizar-se. Se, no processo histórico, a liberdade e a justiça social foram negadas às mulheres, a conscientização se tornou um processo complexo e, conseqüentemente, a politização e a possibilidade de se tornarem cidadãs plenas foi limitada, sobretudo nas perspectivas de gênero.

As experiências dos sujeitos no seu cotidiano os despertam para a percepção e a crítica do contexto social no qual se inserem, dando destaque aos aspectos que precisam ser reorganizados. Numa interação dialética, os sujeitos experimentam a interferência social em suas vidas, o que acarreta numa transformação em sua consciência e gera o anseio de participar na deliberação das coisas públicas. Nesse processo, não há como identificar a ordem exata dos acontecimentos e das mudanças, em um movimento em espiral, entre avanços e recuos, todas as categorias se entrelaçam, transformando as identidades e os sujeitos (GONÇALVES, 2009, p. 202).

As mulheres, enquanto sujeitos históricos, são produtos das relações sociais, mas, simultaneamente, se constroem como também constroem a sociedade da qual são frutos (BADIOU, 1994). Se, por um lado, há uma marca social que define modelos de feminino em cada mulher, por outro lado, a partir da consciência política, a mesma pode ressignificá-los e promover uma reconstrução de si mesma, através de um estilo que é transformador de si e da realidade que a circula. Passa, assim, a escrever uma nova história para si, diferente do que lhe fora imposta dentro do espaço social, que não o desconsidera, pois está em relação com ele. A mulher incorpora a socialização do masculino ao do feminino, abre espaço para uma nova construção de si, sem deixar de ser ela mesma (GONÇALVES, 2009, p. 202).

A consciência de si e a identidade são guiadas por mecanismos similares. A identidade é um projeto em devir e implica na construção de novas representações, transformação dos

conteúdos sociais e produção de novos significados. “A consciência é o que se é, ela permite pensar as relações nas quais se insere, tal como existem no momento presente. Mas não traz forçosamente consigo um projeto de emancipação” (LAVINAS, 1992, p. 15).

Próprio da consciência é estar no mundo. Esse procedimento faz-se permanente e irrecusável. A consciência em sua essência é um caminho para algo que está fora, que a circunda e que o ser humano apreende por sua capacidade ideativa.

A consciência não é um mero espelhamento do mundo material, mas antes a atribuição de significados pelo indivíduo ao seu ambiente social, que servem como guia de conduta e só podem ser compreendidas dentro do contexto em que é exercido aquele padrão de conduta (SANDOVAL, 2001, p. 59).

Este conceito dado por Sandoval, com influências de autores como Alain Touraine (1966) e Charles Tilly (1968), evidencia que é preciso considerar que não somente o cotidiano influencia a consciência do sujeito, mas também as instituições que ele entra em contato. É nessa perspectiva, que o modelo analítico proposto pelo autor, que aqui será compartilhado, compreende os processos que concorrem na construção desta consciência política, com base nas dinâmicas exteriores e subjetivas do indivíduo. O autor reforça:

(...) a consciência política seria uma composição de dimensões sócio psicológicas inter relacionadas, de significados e informações, composição que permite aos indivíduos tomarem decisão para a melhor ação dentro de contextos políticos e situações específicas (SANDOVAL, 2001, p. 185).

Assim, consciência política é entendida como sinônimo de politização do sujeito, às ações politizadas do sujeito e, em última instância, ao desenvolvimento do seu caráter político, sendo formada por aspectos identitários e pela cultura construída socialmente. Tal cultura é expressa na sociedade por um conjunto de crenças internalizadas pelo indivíduo e pela percepção politizada do contexto social em que se localiza o sujeito. Em se tratando do sujeito desta pesquisa, pude constatar que a consciência política de Olga foi fruto da sua socialização, somado ao que ela construiu a partir de sua liberdade e criatividade.

O modelo proposto por Salvador Sandoval é composto por sete dimensões analiticamente diferentes, mas que se interpenetram em múltiplas combinações para formar o conjunto de representações que determinam o envolvimento de uma pessoa em sua sociedade como um ator político. Primeiramente, Sandoval define *Identidade coletiva* – que consiste no sentimento de pertencimento ou identificação do indivíduo com um ou mais grupos ou categorias sociais. A segunda dimensão, *As crenças, valores e expectativas sociais*, diz

respeito aos valores e expectativas “impostos” socialmente através de diversos processos de dominação promovendo um impacto direto nas escolhas e no agir dos indivíduos. A terceira dimensão, *Identificação de adversários e de interesses antagônicos*, assume um papel de destaque, pois a identificação de interesses antagônicos e de adversários auxilia na mobilização de indivíduos a agir contra um objetivo específico em defesa de suas posições. A quarta dimensão, *Sentimento individual de eficácia política*, é apontado como essencial para o indivíduo que se lança em um processo participativo. O autor elenca também as dimensões *Sentimento de justiça e injustiça*, *A vontade de agir coletivamente* e, por fim, as *Ações e objetivos do movimento social*. No âmbito deste trabalho, vou me apoiar nas formulações das dimensões segunda, quarta e sétima do sistema de pensamento de Sandoval (2001).

Não irei me atentar ao estudo de todas as dimensões e de suas implicações na vida de Olga, pois, meu interesse recai sobre as seguintes insistências nas falas da entrevistada: a memória de seus feitos é sempre marcada pelo pertencimento a algum grupamento social – fosse a família, a escola, a JEC ou o professorado. Daí que, dentre as formulações de Sandoval (2001), as reflexões do autor sobre as crenças dos indivíduos, sobre a eficácia de suas ações e sobre o objetivo do movimento social se revestem da maior importância para guiar a análise da narrativa de Olga.

A principal dimensão que perpassa as memórias de Olga, é a *Crenças, Valores e Expectativas Societais*. Tal dimensão expressa a ideologia política e a visão de mundo que ela desenvolveu em relação à sociedade, bem como à representação social que ela construiu sobre a estrutura social, as práticas e a finalidade das relações sociais. É um aspecto extremamente importante das suas falas, considerando-se que a construção da memória de Olga possui um conteúdo ideológico bastante evidente.

(...) Como militante político-partidária, inscrevi-me inicialmente no PMDB sendo eleita vereadora constituinte. Depois, filiei-me ao PDT tendo sido a primeira mulher Itaberabense a candidatar-se à Prefeitura Municipal pela Coligação Frente Popular de Itaberaba -PDT-PT-PSB (...) (GUIMARÃES, 2016).

Como apontado na fala acima, Olga manifesta seus valores, suas crenças, suas opiniões e seu posicionamento político no contexto do fato narrado – a sua filiação partidária - e como norteador de decisões no passado. Ao evocar o passado, Olga manifestou seus juízos de valor, sua identidade social, assim como, expressou sua posição política ou mesmo a posição política daqueles aos quais se referiu como tendo convivido no passado.

As pessoas dão à estrutura social e às instituições, diferentes significados, dependendo de sua inserção nelas. E assim desenvolvem sentimento de pertinência ou de exclusão

das categorias sociais e grupos que contribuem para a estruturação da vida social (SANDOVAL, 2001).

Em suma, esta dimensão se apresenta como uma dimensão do modelo de consciência política em que o sujeito expressa sua visão de mundo, que é interligada às representações sociais sobre a natureza, a estrutura, as práticas e as finalidades das relações sociais de uma dada sociedade, que são sustentadas individualmente, mas são construídas nas interações e experiências vivenciadas pelo indivíduo dentro de grupos, em instituições, na família e na sociedade como um todo.

Por *Eficácia política*, Sandoval (2001) entende a percepção do sujeito sobre sua própria capacidade de influenciar nos acontecimentos políticos e sociais da sociedade em que se vive. O autor considera esta dimensão a chave para mobilizar e gerar uma ação coletiva com objetivo de promover mudança social. Além disso, ele aponta que, ao atribuir as dificuldades enfrentadas pela sociedade às ações de certos grupos ou indivíduos, faz com que as pessoas e os movimentos acreditem que suas ações coletivas constituirão possibilidade de mudança social.

Vejamos um trecho de entrevista de Olga em que este aspecto da ação política fica evidente:

E o que a gente mais analisava nessas manhãs de formação era justamente a convivência e a vida desses marginalizados que eram das invasões dos alagados ali logo no fundo do Largo da Madragoa que hoje já tá um aterro muito grande e já tem casa construída e até edifício de 3 andares tem. A gente visitada lá via as palafitas entrevistava os moradores a gente passava pelos caminhos de tábuas tipo pontes e embaixo era o mar. A minha visão social política começou daí. A visão humanística do ver julgar e agir as situações do dia a dia (GUIMARAES, 2016).

Olga aponta que a motivação para a entrada em movimentos diversos era o de diminuir as injustiças sociais e exercer, enquanto cidadã, um papel transformador, com base numa visão humanística, de olhar para as situações de pobreza, de necessidades, de corrupção e de se posicionar em favor daqueles que necessitavam.

A última dimensão, não menos importante, *Ações e objetivos do movimento social* considera que os participantes, ao se associarem aos movimentos, estão cientes da relação que existe entre os objetivos do movimento social e as estratégias de ação com seus sentimentos individuais de busca por justiça, seus interesses materiais e simbólicos, crendo que as ações coletivas propostas são coerentes com seus sentimentos de eficácia política. Sandoval (2001), ao concluir a discussão sobre consciência política, afirma que “esta dimensão reúne os outros componentes da consciência política na medida em que eles interagem com as características

da organização do movimento construindo uma predisposição sócio psicológica para a ação coletiva”.

A partir deste modelo de consciência política, não desconsiderando outras possibilidades de análises, que penso haver um caminho para entender o processo de construção da consciência de Olga. Construção que foi fundamental para fortalecer os vínculos identitários, o sentimento de pertencimento de grupo, o sentimento de eficácia política individual e coletiva, e por conseguinte, o trabalho coletivo.

A seguir, examino o ambiente do lar, espaço inicial para a formação da consciência política de Olga, na medida em que este ambiente criou segurança para sua participação e como consequência, Olga se sentiu mais confiante e confortável para se envolver com os assuntos da comunidade.

3.2 A família e o lar: o início da tomada de consciência

Mas essa construção tem uma base que eu entendo que foi edificada no berço (GUIMARÃES, 2006).

Olga cresceu em um ambiente familiar bastante agitado. Em casa, havia os quatorze filhos, duas tias e as babás. Durante o dia, os pais estavam ausentes, pois, seu pai passava o dia na farmácia e sua mãe lecionava. Os irmãos mais novos ficavam com as babás e os mais velhos cuidavam uns dos outros, tanto no período que estavam na escola como quando estavam em casa. Era uma rotina com funções específicas para cada um. Olga descreveu essa rotina como sendo muito prazerosa.

Sua lembrança da infância está muito ligada ao espaço do lar, ao convívio com os vizinhos e aos momentos com os irmãos e os pais. Percebo que a memória da casa tem um significado individual, que diz respeito às lembranças e singularidades de sua família, ao mesmo tempo, tem um significado coletivo, com sentidos mais amplos, de espaços coletivos, de lugares vivenciados por um grupo social composto de pessoas aparentadas.

Para Bachelard (1993), a casa, em muitos casos, desempenha um papel crucial na sensível relação afetiva do ser em seu espaço. Porque o espaço é sobretudo um espaço habitado: o homem não habita somente a sua casa, o seu ninho, o homem habita efetivamente o mundo, isto é, sua experiência delimita diferentes níveis de apropriação do espaço, que, entretanto, se iniciam com a plenitude da habitação de uma casa, de uma morada, núcleo da intimidade protegida. Para este autor, a casa e o lar são os primeiros espaços de interação do ser humano, o primeiro espaço de aprendizagem.

A casa é nosso contato no mundo. Ela é, nosso primeiro universo. O passado, o presente e o futuro dão à a casa dinamismos diferentes, dinamismos que frequentemente intervém, às vezes se opondo, às vezes estimulando-se um ao outro. A casa, na vida do homem, afasta contingências, multiplica seus conselhos de continuidade. Sem ela, o homem seria um ser disperso. É o primeiro mundo do ser humano (BACHELARD, 1993, p. 201).

A família Guimarães residia em uma casa bem espaçosa. Nas palavras de Olga, sua casa era uma escola. Todos os espaços eram espaços de aprendizagem. Seu pai colecionava enciclopédias e enchia a casa de livros. Nelson era um leitor assíduo de literaturas variadas. Sua mãe espalhava seu material de trabalho pela casa: livros, diários de classe, atividades dos alunos e muitas anotações. As babás eram instruídas a sempre contar histórias aos mais novos. Aos mais velhos, Nelson designava a leitura de um livro que deveria ser lido enquanto ele estava no trabalho.

Olga ainda ressalta que o espaço da rua era a extensão do lar. Os vizinhos estabeleciam laços de amizade como em um parentesco: uniam os filhos e faziam amigos. As mães, no final da tarde sentavam-se na porta de casa, compartilhavam experiências cotidianas ou até queixas de filhos e maridos. Olga revela que era bastante agitada. Gostava dos momentos em que podia brincar na rua. Observou que era constantemente chamada à atenção porque normalmente estava envolvida em brincadeiras de meninos: futebol, era goleira do time da rua, empinava pipa e jogava bolas de gude. Intercalava essas atividades com a organização de aniversários e batizados de bonecas nos quais os meninos eram os padrinhos.

Apesar disso, Olga não se interessava somente pelas atividades consideradas femininas, sempre conviveu com muitos meninos, principalmente em casa e ao observar sua conduta e como eles eram livres em suas brincadeiras, ela assegurou que também queria experimentar tais vivências. “(...) então eu fui líder desde criança.” Ela organizava o que todos iriam fazer, participava de encontros promovidos pela Igreja local e estava sempre à frente do grupo. Ela afirmou não entender exatamente o que lhe motivava naquele momento, mas ao lembrar analisou que essa motivação em participar e liderar era própria da sua personalidade e da influência do exemplo dos pais.

A rua era um espaço de interação. Era nessa dinâmica de interação entre os vizinhos que Olga teve suas potencialidades ativadas, possibilitando um desenvolvimento de suas funções psicológicas e lhe proporcionando a relação com este meio. A socialização na infância, proporcionada pelo convívio no lar e fora dele, permite ao indivíduo apropriar-se da noção de

localização social no mundo, o que lhe garante a identificação com o seu grupo sociocultural, com os valores, crenças e regras morais, princípios éticos e comportamentos de seu grupo.

À noite, quando todos estavam em casa, a família se reunia na mesa de jantar. Esse era o momento do dia preferido de Olga, pois, para ela, o pai tinha muito a ensinar. Conversava com cada filho sobre a vida, sobre a importância da educação e da leitura. Era o momento de fazer perguntas sobre os livros que ele deixava a cargo para cada um ler, de debater questões da cidade. Olga afirmou que observava atenta todas as conversas. Durante esses diálogos, segundo ela, seu pai a olhava constantemente, como quisesse lhe dizer algo. Olga sabia do que se tratava; sabia que era uma maneira que o pai encontrara para lhe ensinar. Era um código entre eles, insiste ela. Após a conversa, ele a questionava sobre o que ela tinha apreendido acerca de tudo que fora dito na mesa. Ele queria saber sobre o que ela aprendera com as palavras ali ditas, compartilhar a lição do dia, sobre como foi seu cotidiano na escola ou ainda sobre um verso ou uma trova nova que ele havia feito e dado a Olga para leitura e análise. Ainda segundo a entrevistada, a menina tinha voz na sua casa, pois sua fala era sempre solicitada e sempre respeitada.

Na infância, é a família que se encarrega de promover a interpretação do mundo. Noto que Olga interiorizava a realidade que era apresentada pelo pai nessas conversas a mesa e subjetivava de forma particular ao apreender o conhecimento, como a mesma aponta nesta passagem:

E que os pontos que eu tenha captado e aprendido não podem ser os mesmos que os outros tenham captado e aprendido. Mas uma coisa foi comum a todos, a valorização, a moral e os bons costumes, da retidão. A postura de responsabilidade e de valorização do trabalho que desenvolve (GUIMARÃES, 2006).

Os modos de viver, fazer, dizer e pensar de Olga podem ser tomados como processos compartilhados com o outro, neste caso, com os pais, em permanente interação. Partindo de tal pressuposto, posso afirmar que a realidade da vida cotidiana, exposta nesta descrição de conversas à mesa, se apresenta como um mundo intersubjetivo, interpretado pelo outro (os pais), a integrar Olga enquanto criança aos significados produzidos e acumulados historicamente pela família. Na perspectiva psicossocial, a socialização é vista como um processo dialógico de ensinar e aprender. Aprender os conteúdos sócios – histórico-culturais, objetivando a constituição do indivíduo como um membro ativo socialmente. Este aspecto está claro nesta fala de Olga:

Um nome importante nesse processo foi meu pai, Nelson Guimarães. Ele me estimulava (...) O que eu observava também era que ele valorizava o meu trabalho

tanto poético quanto o de pintura. (...) Minha mãe na via pedagógica e meu pai na veia artística e na política também, essa influência vem mais da tradição através das gerações, essa valorização da participação na sociedade (GUIMARÃES, 2016, p. 2).

Nos anos eleitorais, era comum que os comentários sobre a disputa eleitoral se tornassem onipresentes no cotidiano dos moradores de Itaberaba. Falava-se sobre possíveis alianças, ataques verbais entre os candidatos, acordos envolvendo trocas de bens por votos, estimativas da força dos candidatos e das promessas feitas pelos pleiteantes. Na farmácia Saraiva, esse assunto era tema central nos finais de tarde. Os amigos e partidários políticos de Nelson se juntavam para atualizar o que acontecia na esfera política municipal. Olga presenciou muitas dessas conversas, observava os discursos, o modo como discutiam, mas não emitia opinião.

Era ponto de bate papo de encontros de amigos principalmente depois das 17 horas. Quando empresários do comércio e homens da política local se juntavam para discutir e opinar sobre questões da cidade. Sim, eu ouvia as discussões as colocações dos participantes mas não emitia opinião (GUIMARÃES, 2016).

À noite, quando voltavam para casa, os mesmos assuntos rondavam a mesa e se iniciava um debate de opiniões. Nesses debates, Olga apreendeu muito sobre política. Era o espaço em que ela podia falar, ao contrário do que ocorria na farmácia. Para ela, foi em casa, nesses momentos, que se iniciaram os laços precoces com o mundo da política, bem como a familiaridade com a conduta de pessoas no público: o exercício do uso da palavra, o uso e controle das emoções nas cerimônias familiares. Além disso, os conselhos que ouvia eram carregados de representações simbólicas. Os filhos ficavam, assim, cientes do patrimônio político adquirido pela família ao longo das gerações e responsáveis por sua preservação. Eram pequenas ações, usualmente desconsideradas como de natureza política, que promoviam um trabalho de construção da consciência política da entrevistada. Era um trabalho que tinha lugar no cotidiano e na socialização familiar.

Considero, que parece peculiar na família de Olga o fato que a política não era um assunto tabu. Enquanto que, em outras famílias da cidade, os assuntos públicos poderiam ser exclusivos dos adultos, na de Olga, todos podiam se envolver e opinar. Além disso, é importante deixar claro que estas reuniões familiares não eram organizadas com o propósito de discutir política, tratando-se antes da inserção deste assunto em encontros cotidianos quando em tempo de disputa eleitoral. Contudo, ficou claro que conversar com parentes sobre política é um pressuposto para que se aprenda a ser um agente político, quando se tem gosto ou dom para isso, principalmente quando se trata de um parente com experiência política. Assim,

espelhando-se nos atos e exemplos dos pais, Olga teve mais chances de se tornar parecida com eles.

Neste ambiente tão impregnado de discussão política, a atuação dos pais no âmbito da política difusa da cidade e na ação social, tanto do pai na farmácia e sua preocupação com os menos favorecidos, quanto da mãe, na sua atitude zelosa com o magistério, Olga desenvolveu comportamentos semelhantes aos de seus pais. É usual acontecer assim em contextos marcados por fortes influências político- partidárias (CANEDO, 2007). Letícia Canedo ressalta que indivíduos com perceptível consciência política, muitas vezes são “fruto da atividade pedagógica familiar, dando sentido ao duplo jogo do trabalho de representação no qual as suas famílias se empenham: o domínio da cultura familiar e da cultura política.” (CANEDO, 2002).

A construção da consciência política de Olga adquire uma outra dimensão na sua juventude, quando ela deixa o espaço da família e começa a conviver com um universo mais amplo de pessoas. Na socialização que se iniciou na fase juvenil, Olga reconheceu o mundo de uma maneira diferenciada daquela apresentada pelos pais na infância, quando a jovem Olga começa a frequentar a escola e a Igreja. O processo de conscientização foi ampliado com a internalização dos contextos estabelecidos em tais instituições. As formas de acesso a determinados conteúdos tratados no lar se deram de forma mais racionalizada e menos infantil. A criança Olga foi se fazendo jovem e, simultaneamente, incorporou formas maduras de reflexão:

Fui dinâmica e participativa enquanto pré-adolescente e adolescente. E com isso eu não tinha muito tempo para pensar nas coisas do coração. Jogava muito ping-pong, gostava de jogar vôlei, fazia parte do time de vôlei do Colégio (...)Tinha uma vida bem participativa, cheguei a ser líder do Grêmio Estudantil, iniciei com o grupo teatral do Colégio, já saíamos para fazer os ensaios, as festas e meus pais não negavam isso. Meu pai estimulava a prática da poesia, pra ser poeta, e ele sempre virava e dizia assim “mulher no casamento sofre muito, então eu tenho que criar minha filha para ter uma vida independente (...) (GUIMARÃES, 2006).

Na juventude, pela sua consciência Olga percebeu e significou o mundo, os outros e a si mesma, em um processo de significação que se modificou em um contínuo processo de negação, superação e reprodução. Não ocorreram rupturas com que foi apreendido na infância, “mas sim negação, incorporação de algo novo que juntamente com o velho ou anterior se transformou, ganhando outra qualidade (SAWAIA, 1987). Portanto, não houve retrocessos, nem ausências, mas um processo contínuo de significação, síntese das muitas determinações históricas, sociais, matérias dadas e do amadurecimento da própria Olga.

Ao longo das lembranças de Olga, pude perceber que a socialização iniciada na infância, a palavra dos pais era reguladora de sua conduta e por isso ela estava subordinada às

suas interpretações. Na socialização que ocorreu na juventude, Olga foi progressivamente adquirindo a capacidade de ler a realidade, atribuindo um sentido pessoal. Na medida em que Olga foi aprendendo a questionar a validade das normas de ação e dos papéis sociais, foi firmando-se uma identidade própria.

A conscientização não se deu de uma hora para outra, antes tratou-se de um processo educacional e cultural fortemente arraigado em ideias pré-concebidas pela família a fim garantir uma adaptação ao contexto ainda na infância, seguido de uma consciência de si e para si em um processo de reflexão em profundidade na fase da juventude. Nesse processo, o cotidiano é visto enquanto historicidade, concretude e espaço de transformação e resistência, portanto político. Ou seja, lugar onde se construíram as relações de gênero, as estruturas familiares, as relações de vizinhança, os laços de sociabilidades, as implicações das temporalidades múltiplas e das mudanças econômicas e socioculturais.

O contexto do lar e das relações familiares é o espaço vital onde se realiza a socialização do indivíduo, possibilitador do desenvolvimento das suas potencialidades e da vivência com todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades, sentimentos, paixões e ideologias (HELLER, 1992). Essa natureza das relações cotidianas possui um papel importante na construção da consciência política.

O lar se apresentou como um universo estimulante de conversas diárias, ensinamentos e atitudes que mobilizou o engajamento de Olga em ações coletivas. Com o tempo, o processo de socialização vivido por Olga no lar, foi ampliado para além das relações familiares, ao frequentar a rua, atividades de cunho religioso, atividades esportivas e as agremiações estudantis. Munida de forte sentimento de solidariedade, de compromisso com seu grupo social, e nutrida da esperança de poder operar na reconstrução de uma nova sociedade, Olga encontrou nesses espaços fora de casa, a possibilidade de concretização da sua militância.

3.3 As ações coletivas e a potencialização da consciência política

Olga começou a frequentar a escola muito cedo. Como já citado no capítulo anterior, iniciou este contato com o espaço escolar ainda sob a tutela da mãe. Como na época ela já tinha irmãos mais novos, era acompanhante da mãe enquanto a mesma trabalhava. Olga pontua que o espaço da escola, nos momentos em que ainda não frequentava como aluna regular, foi um local de muita observação. Sua curiosidade a fez perceber o quanto aquelas professoras, inclusive sua mãe, se dedicavam ao ensino e especialmente como muitas eram mal vistas por exercerem uma função fora de casa. Porém, na vivência enquanto criança não conseguiu

perceber as tramas de negociação e conflito que se estabeleciam para que aquelas mulheres estivessem ali. Enquanto lembrava Olga explicava que entendeu o porquê dos falatórios, sobre o fato dessas mulheres trabalharem fora de casa, quando foi sua vez de escolher uma profissão.

No espaço escolar Olga afeiçoou-se com as artes. Afirmou gostar de teatro, de literatura, pelo forte incentivo do pai em casa e principalmente por estar envolvida nos eventos culturais. Foi com o grupo teatral do Colégio Estadual de Itaberaba, onde iniciou a formação do magistério, que Olga organizava e ensaiava as peças teatrais, as comemorações após os jogos estudantis e os festejos juninos. Sua crescente atuação no meio escolar lhe rendeu o cargo de representante cultural, na chapa eleita do grêmio estudantil Euclides da Cunha, em 1957, com apenas treze anos de idade.

O grêmio estudantil, foi citado por Olga, como um lugar primeiro da prática social, onde, enquanto jovem, pôde exercitar suas experiências participativas, de atuação coletiva e social. Conviveu com opiniões diferentes, exercitou o falar em público nas reuniões, aprendeu a lidar com problemas e a resolução deles e sobretudo, pensar e discutir questões próprias da escola e dos alunos. Sendo por isso, um terreno potencialmente fértil para seu envolvimento como estudante.

Nessa fase a gente vestia a farda e se transformava, eu acho que isso acontece até hoje com os jovens, era como se fosse não mais Olga pessoa, mas a Olga estudante, então a gente descia do Colégio Estadual pra vim pro jardim e a gente ficava no jardim (GUIMARÃES, 2006).

Na memória da Olga, o grêmio constitui-se em espaço apropriado para a aprendizagem e o desenvolvimento da consciência crítica, permitindo a reflexão sobre os erros e acertos nas relações sociais, políticas, educacionais e de poder que se estabeleceu dentro da escola. Foi no grêmio que, experimentando o uso da voz e da vez e o respeito aos outros, que Olga efetivava a participação, condição necessária ao processo de democracia. Assim como pontua Gonzáles e Moura ao afirmar que “os grêmios estudantis constituem uma entidade historicamente presente no enfrentamento de questões políticas, sociais e econômicas, atinentes à formação da realidade brasileira” (2009, p. 376).

O protagonismo juvenil vivido por Olga quando da participação nas atividades escolares, principalmente no grêmio, auxiliou na formação da sua identidade cidadã, inclusive no sentido de “em algum momento do seu futuro, posicionar-se politicamente de forma mais amadurecida e lúcida, com base não só em ideias, mas, principalmente, em sua experiência prática e vivências concretas em face da realidade” (COSTA, 2001, p. 26).

Paralelo as atividades desenvolvidas no grêmio, Olga ressalta como primícias de sua atuação política e social, o trabalho realizado como dirigente dos Benjamins de Ação Católica na paróquia de Nossa Senhora do Rosário, em Itaberaba.

(...) mas eu iniciei pequenininha com os Benjamins de ação católica que era um movimento inclusive de direita esse, mas já dava uma visão a gente de reflexão de fraternismo de solidariedade de como se diz empreender ações comunitárias em favor do próximo amor ao próximo isso aí já foi conduzindo minha cabeça e depois é a Cruzada Eucarística Infantil que era uma ação da CNBB e posteriormente eu fui pra JEC – juventude estudantil Católica (GUIMARÃES, 2017).

Olga relembra que nas décadas de 1950/60 o movimento da Ação Católica objetivava a formação de uma consciência de valor cristão que se empenhava pela cultura, pelas estruturas sociais, pela política e pela sociedade como um todo¹⁸. Como membro desta instituição, na ordem dos benjamins, cabia a ela orientar na fé católica, as crianças que frequentavam, juntamente com os pais, a igreja matriz da cidade. Este engajamento em questões de ordem religiosa foi acentuado quando Olga muda-se para Salvador em 1959.

O que motivou a mudança para a capital? Olga assinalou que nesta época, final dos anos de 1950 em Itaberaba, quem ia para o Colégio era uma elite¹⁹, filhos de fazendeiros e comerciantes. Esse grupo, normalmente terminavam os estudos em Salvador, pois tinham condições para sua estadia na cidade. Contudo, para ampliar o acesso à educação, os Doutores Antônio Augusto Saraiva, Nivaldo Fernandes e Antônio Almeida Lis Neto inauguraram em Itaberaba no ano de 1954, a Cooperativa Cultural de Itaberaba²⁰. Essa instituição de ensino doava bolsas de estudo a comunidade mais carente, através de uma seleção que era realizada na quinta série. Era um colégio gratuito para aqueles que passavam no teste de admissão e conseguiam a bolsa, mas os demais alunos pagavam uma mensalidade.

Mas era um colégio de graça para essas pessoas bolsistas, mas aqueles da elite dominante pagavam uma parcela. Nessa época os professores ganhavam pouco, uns contribuía gratuitamente. Na quinta série os alunos interessados na bolsa faziam um teste de admissão, mas a admissão castrava a entrada de muita gente, sendo uma educação seletista e sectária que bloqueava a continuidade do ensino. E nós

¹⁸ Associação civil católica criada em 1935 por Dom Sebastião Leme da Silveira Cintra, cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, em resposta às solicitações do papa Pio XI para que fossem fundadas em todo mundo associações leigas vinculadas à Igreja “com a finalidade de estabelecer o reino universal de Jesus Cristo”. Em 1966, as novas diretrizes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) determinaram seu desaparecimento. (KORNIS, In: ABREU, 2010. Acesso em 26.05.2018)

¹⁹ Expressão utilizada por Olga Magalhães quando se refere a classe média da cidade.

²⁰ O jornal local *O Itaberaba* publicou uma nota esclarecendo e informando a população sobre a possibilidade de inaugurar na cidade a Escola Normal de Itaberaba. Na publicação de 20 de Janeiro de 1954, o jornal relata em uma página inteira a inauguração da Cooperativa Cultural de Itaberaba e assinala este fato “como o início de um grande avanço de modernidade na estrutura educacional do município.” NHL/CEDOC. (Jornal *O Itaberaba*, 20 de Janeiro de 1954, p. 1-2).

considerados como da elite por sermos filhos de comerciantes e por consequência podiam pagar, éramos aprovados e íamos e os outros, nem admissão faziam, porque se passasse como eles iam pagar? (GUIMARÃES, 2007).

A realidade apresentada por Olga nesta fala justifica a pouca procura e matricula de alunos naquela instituição no ano de 1958. Apenas três alunas se matricularam naquele ano, no curso que seria destinado a formação de professoras. Eram elas: Vandete, Bernadete e Olga Guimarães. Nesse contexto, a opção era terminar os estudos em Salvador. Mesmo com a relutância do pai em concordar com essa decisão, não havia outra alternativa. Então em 1959 Olga mudou-se para Salvador.

(...) Olga não podia, porque Olga não poderia ficar em pensão. Olga era menina, era mulher, e não podia ficar em pensionato, mesmo que a dona da pensão fosse uma pessoa conhecida por eles. Quando eu estudei, eu fui ficar na casa de uma prima, vizinha ao Santa Bernadete, e deixou por isso, porque o colégio era vizinho (GUIMARÃES, 2006).

Olga foi matriculada no Ginásio Escola Normal Santa Bernadete, situado na Cidade Baixa em Salvador, que era basicamente uma escola para meninas, um colégio de freiras, e como tal, bastante rigoroso em seu regulamento²¹. Seu currículo, baseado numa nova experiência de trabalho em grupo, suas normas ou uniformes, o prédio, os corredores, os quadros, as mestras, tudo fazia deste, um espaço destinado a transformar meninas, mulheres em professoras. Seu ambiente interno tinha também uma organização plena de significados: seus corredores e salas, a capela ou o crucifixo, as bandeiras ou os retratos de autoridades, os quadros de formatura, estavam afirmando ou ocultando saberes, apontando valores e exemplos, sugerindo destinos (LOURO, 2002, p. 455).

Eu me formei no Ginásio Escola Normal Santa Bernadete. Nessa época estava acontecendo a reforma do ensino na experiência de Irmã Querubim e com a coordenação de Nilza Atta. E o que foi que aconteceu? Eu fui para uma ala de professores como Jaime Barros, o professor Carlos Barros aquele autor do livro de ciências. Fui aluna de Doutor Rogério, quem nos ensinou muito sobre a sociologia educacional e filosofia. E conseqüentemente Nilza Atta de língua portuguesa. Daí tivemos experiência do trabalho dentro da área do magistério voltada para o trabalho grupal, trabalho de equipe (GUIMARÃES, 2006).

²¹ A congregação das Freiras Missionárias da Imaculada Conceição da mãe de Deus foi uma congregação criada em 1930 na Alemanha por freiras que vieram para o Brasil fugindo da guerra e se estabeleceram em Pernambuco, Sergipe e Bahia. Em Salvador elas se instalaram no bairro da Ribeira, no Convento da Penha em 1932. O colégio cresceu rapidamente, chegando a ocupar o Salão Paroquial, o casarão junto ao Clube Itapajipe e casa número 01 na rua Francisco Marinho. Com a grande procura por vagas na década de 1940, as freiras decidiram ampliar o espaço e comprar dois casarões no Largo da Madragoa. No início dos anos de 1950, após uma série de eventos beneficentes, os casarões foram reformados e o espaço da nova escola foi inaugurado no Largo da Madragoa, região da cidade baixa, Salvador-Bahia. Ver <http://costaesilvasalvador.blogspot.com/2011/04/historia-do-colegio-santa-bernadete.html>. Acesso em 25.05.2018

No Ginásio Escola Normal Santa Bernadete a formação pedagógica, que correspondia ao Curso Normal, o qual habilitava as mulheres para lecionar nas séries elementares, apontava para a experiência dentro da área do magistério voltada para o trabalho grupal. Segundo Olga, este trabalho era baseado na perspectiva do “ver, sentir e agir”, muito difundido naquela época, justamente por causa da influência da educação de base que era desenvolvida e praticada pela Conferência Nacional dos Bispos no Brasil²². Princípios de uma prática educativa voltada para um ensino popular, no qual consistia em analisar a realidade a partir da doutrina da Igreja e em seguida traçar linhas de ação.

Esta instituição escolar, no final dos anos 50, tinha sido influenciada pelas preocupações que afligiam a Igreja Católica, no que dizia respeito as questões sociais geradas pelo modelo de capitalismo no país. Tais preocupações reforçaram suas ações especializadas e o movimento contra a fome e o desemprego que caracterizava a população, principalmente os moradores das redondezas da escola.

Margaret Todaro (1971), considera que a Igreja Católica desde o século XVIII, em consequência da difusão das ideias liberais e iluministas, vinha perdendo a sua hegemonia na sociedade. Assim, nos séculos posteriores, a igreja passou a concentrar a atenção na reordenação de uma prática pastoral através de uma ação social que se aproximava das classes mais oprimidas da sociedade. Era preciso trazer as pessoas afastadas da religião para Cristo e o caminho era refazer o seu discurso e ação, de modo a garantir a confiança dos descrentes.

Nesse contexto, intensificou-se a atuação de movimentos de estudantes católicos, com a finalidade de ressaltar a ideia da Igreja como instituição forte na luta em favor da democracia no país e inculcar a defesa do jovem católico como porta-voz dos que necessitavam gritar em busca de melhorias. Foi um período em que a Igreja, por meio de suas ações, defendeu muitos setores populares do país, a exemplo dos Direitos Humanos (GOMES, 1987). Olga deixa claro tal aspecto ao afirmar:

Todo domingo eu ia pra formação e na formação a gente almoçava lá a gente chegava oito e meia e tinha as palestras tanto com padres como com palestrantes sobre as questões sociais sobre capitalismo sobre envolvimento da juventude nos movimentos

²² Associação civil católica criada em 16 de outubro de 1952 no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, por iniciativa de dom Hélder Câmara, bispo auxiliar do cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro, dom Jaime de Barros Câmara, com o objetivo de “coordenar e subsidiar as atividades de orientação religiosa, de beneficência, de filantropia e assistência social” em todo o território nacional. Representando uma tentativa de centralizar o poder da Igreja, que se encontrava fracionado em dezenas de dioceses espalhadas pelo país, a CNBB se caracterizou no decorrer dos anos menos por uma atividade assistencialista do que por uma presença ativa no campo social. (KORNIS; MONTALVÃO, In: ABREU, 2010. Acesso em 26.05.2018).

políticos na busca dos seus valores e direitos humanos mas sempre com uma metodologia uma didática do ver julgar e do agir (GUIMARÃES, 2017).

O novo processo de doutrinação começaria com os jovens, adotando o método Ver, Julgar e Agir. Surgiram em seguida, os diversos ramos das moças, de estudantes, de adultos que posteriormente seriam unificados, porém, mantendo os ramos especializados, sob a autoridade e a orientação da hierarquia eclesiástica. A redescoberta dos valores políticos e sociais do catolicismo e em especial, de sua dimensão militante, “cumpriria reconquistar o ensino religioso nas escolas, combater uma crescente literatura anticlerical, aproximar os intelectuais e a elite do país dos valores religiosos que eles insistiam em ignorar” (TODARO, 1971, p. 428).

A Ação Católica teve o mérito de levar a doutrina social da Igreja às escolas, às universidades, às fábricas, aos meios de comunicação, aos sindicatos e estimular a criação de inúmeros outros movimentos sociais de inspiração cristã. Romeu Dale (1985), pontua que o segundo momento de atuação da Ação Católica entre os anos de 1950 a 1960, considerada Ação Católica Especializada caracterizou-se pela formação de grupos especializados: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JUC (Juventude Universitária Católica) e JOC (Juventude Operária Católica), que configurou como novo modelo de pastoral com os jovens.

Na escola normal Santa Bernadete, Olga juntou-se à JEC (Juventude Estudantil Católica). Nessa instituição, este grupo era muito atuante, ajudando a organizar, em especial, as Comunidades Eclesiais de Base, a inserção da comunidade nos problemas de vida cotidiana e a luta pela justiça. Era uma rotina cheias de atividades, pela manhã, Olga frequentava as aulas normais e, à tarde, participava de eventos organizados pelo grupo.

Eu ia pra casa e voltava, porque à tarde nós tínhamos reorientação educacional, que era voltada para a convivência grupal na sociedade. E a gente via os problemas da sociedade, problema da moradia, da invasão ali do Bairro da Ribeira, do Lagados. Então a gente ia pra lá, participava, entrevistava. Fazia um trabalho assim voltado para o aluno que precisava de reforço escolar a gente visitava na casa duas vezes na semana e trabalhava com eles. Convidávamos o grupo para domingo ir até a capela do Santa Bernadete, o colégio, e lá também tinha a catequese (GUIMARÃES, 2006).

As constantes visitas realizadas aos moradores do bairro da Ribeira, foi motivador de outras ações. Eles *Viam* a realidade daquele bairro, as péssimas condições que viviam aqueles moradores, *Julgavam* esta realidade com um olhar crítico e *Agiam* nesse contexto, entrevistando os moradores e exigindo junto aos órgãos responsáveis uma solução para o problema. Olga frisou que os colegas da JEC elaboraram, dentre outras coisas, uma lista de reivindicações dos

moradores daquele local, principalmente com relação aos problemas de moradia que enfrentavam e, estas pretensões, eram discutidas pelo grupo e transmitida aos órgãos municipais.

E o que a gente mais analisava nessas manhas de formação era justamente a convivência e a vida desses marginalizados que eram das invasões dos alagados ali logo no fundo do largo da Madragoa que hoje já tá um aterro muito grande e já tem casa construída e até edifício de 3 andares tem. A gente visitada lá via as palafitas entrevistava os moradores a gente passava pelos caminhos de tábuas tipo pontes e embaixo era o mar. A minha visão social política começou daí. A visão humanística do ver julgar e agir as situações do dia a dia (GUIMARÃES, 2017).

Olga considerou que mesmo tendo atuado na infância, em espaços de caráter religioso e em agremiações estudantis, foi na JEC que amadureceu princípios e ideias tão bem praticadas e ensinadas por seus pais. Segundo a entrevistada, foi na Juventude Estudantil Católica que ela compreendeu e apreendeu política, a se posicionar, agir em prol do outro, criticar e aperfeiçoou a oratória. Este movimento é a base maior para a construção da sua consciência política. A partir de então, os movimentos dos quais participou foram essenciais para a expansão da consciência política e o futuro interesse pela participação política via canal eleitoral.

E com isso eu aprendi muito a conviver e a desenvolver a expressão oral e falar mais em público e expressar melhor meus pensamentos. Com isso eu galguei, quando me formei, a simpatia do grupo de educadores de Itaberaba e fui logo contratada pela Cooperativa Cultural de Itaberaba, para ensinar no Ginásio de Itaberaba. Comecei a ensinar no Ginásio de Itaberaba com 17 anos (GUIMARÃES, 2006).

De volta à Itaberaba em 1961, já com o diploma do magistério, Olga revelou que, de certa forma, aquela não era a sua vontade principal. Queria voltar a Salvador, queria prosseguir nos estudos, tinha uma vontade de cursar Medicina. Mesmo tendo conquistado a admiração dos educadores da cidade, quando retornou a Itaberaba, Olga ainda sonhava com o curso de Medicina, o mesmo que em seu teste vocacional no Santa Bernadete tinha dado 90% favorável a sua habilidade com o curso. Porém, Olga não podia, era mulher, daí a não permissão do seu pai para ficar em pensão, mesmo sendo de algum conhecido da família.

(...) Era pra eu ter voltado pra lá, fazer o pré- vestibular, o mesmo que meu irmão fez, por que nós éramos da mesma série, eu tinha adiantada mais um ano e ele (Silvino) tinha perdido um ano, então ficamos juntos. E o que ocorreu? Ele formou-se médico, mas tornei-me professora, da qual profissão não tenho arrependimento. Mas meu teste vocacional feito na Santa Bernadete deu 90% pra medicina e deu 85% pro magistério e para as artes plásticas também deu 85% (GUIMARÃES, 2006).

Olga sonhava ser médica, mas lhe foi negada esta realização no momento em que ela podia escolher uma profissão. Optou pelo magistério, ao terminar o ensino médio, antigo 2º grau, em Salvador. Esta mudança permitiu uma socialização e consequente participação pelo canal organizacional, que incluiu as atividades no espaço não institucionalizado da política, bem como a fez perceber que o cidadão interessado pela política, como ela tinha aprendido e estimulada a ser, se envolve ou atua tanto nos modos de participação convencional e não-convencional, quanto pelos canais eleitorais ou organizacionais (AVELAR, 2004).

A inserção na política institucional, em princípio, não era o projeto de vida de Olga. Embora a socialização no lar tenha motivado uma crescente atuação social, esta socialização, mesmo que flexibilizando estereótipos de gênero, permitindo Olga estudar em outra cidade, participar de conversas caracteristicamente consideradas masculinas, como conversas sobre política, não deixou de manter estratégias de dominação, interferindo, pois nas suas escolhas profissionais.

A possibilidade da entrada na carreira política, começou a fazer parte dos horizontes de Olga à medida que foi se destacando em alguma outra ação de visibilidade pública, como em greves de professores, reivindicações da classe, na fase adulta e a atuação religiosa e em movimentos estudantis na juventude. A trajetória de Olga e a consequente atuação oferecida pelas ações coletivas ordem social e religiosa, abriram espaços para que a mesma começasse a questionar a organização política nacional. Ou seja, diversas atividades vivenciadas desde a juventude até a idade adulta, prepararam Olga para o aprendizado político, aprimorando sua criticidade frente às questões, interrogando-as e se posicionando.

A trajetória de Olga no campo político, função que exerceu após se aposentar do magistério, foi resultado das sociabilidades na infância e da autonomia desenvolvida no convívio do lar com os pais, irmãos e vizinhança somadas as sociabilidades no espaço público em movimentos que se envolveu. A participação de Olga, uma mulher, nesses movimentos rompeu com a condição de invisibilidade pública. “A saída do privado para o público envolveu a entrada em uma rede de relações que pressupôs novos saberes e informações que, por sua vez, redefiniu as relações de poder em nível privado” (PINTO, 1992, p. 133).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou entender a construção da consciência política de uma mulher, Olga Guimarães, no período da sua juventude, com base na compreensão da sua trajetória de vida, da relação familiar e na análise dos espaços de sociabilidade que Olga vivenciou. O estudo desse caso evidenciou que o processo de construção da consciência política é fruto do inter-relacionamento das esferas de ação, que, neste caso, traduziram-se nas relações entre as formas de identificação do Eu nas esferas sociais da vida cotidiana.

A consciência política do sujeito desta pesquisa foi concebida como uma construção de representações sociais formadas pela interação entre Olga e outros indivíduos, que assumiram configurações em constante processo de transformação. Porque tais representações emergiram das interações sociais, fez-se necessário analisar o contexto social em que foram produzidas. Assim, ficou claro que a casa e a família formaram, com sua complexidade, imagens para a análise da construção da consciência política primária de Olga, por serem os lugares iniciais de sociabilidade e de aprendizagem. Os espaços de ação e de atuação coletiva, entretanto, ao permitirem a ampliação dos círculos de convivência, resultaram no amadurecimento da sua visão política.

Na análise sobre consciência política, utilizei como suporte teórico as considerações de Salvador Sandoval (2001), para quem a consciência política é percebida como a interseção entre os fatores estruturais, as relações sociais interativas, as visões de mundo com seus preconceitos de fundo cultural e as reflexões sobre ser cidadão ativo e participativo. Sua formação é resultante do processo relacional entre o indivíduo e o meio no qual está inserido, a lidar com aspectos psicossociais no decorrer de sua história de vida e da inserção na sociedade (SANDOVAL, 2001).

Sandoval (2001) pondera que a consciência política é composta e organizada por dimensões de percepção da realidade social, passíveis de análise estruturada. O autor propõe o estudo da consciência política, com base no Modelo Analítico de Consciência Política, composto por sete dimensões analíticas distintas. Para Sandoval (2001), essas dimensões, em conjunto, constroem o ator político na sociedade, ao passo que se articulam dinamicamente, possibilitando diversas relações, não engessadas a um padrão sequencial, e nem necessariamente a uma articulação entre todas elas.

No processo de construção da consciência política, Olga foi elaborando símbolos e significados, bem como os parâmetros da vida social e a elaboração de concepções sobre o

seu modo de vida e convivência em sociedade. Uma vez constituídas, essas concepções moldaram sua consciência política e seu potencial de ação, enquanto agente histórico de transformação social. A construção da sua consciência apresentou-se com processo contínuo, cuja ressocialização se efetivou nas práticas da vida cotidiana, propiciando oportunidades e circunstâncias que emergiram como um dispositivo para o desenvolvimento de uma reflexão mais apurada de sua condição de vida. Dentre essas oportunidades, encontram-se as práticas de diálogo e escuta vivenciadas no âmbito familiar, na rua, na escola e nos grupos dos quais participou.

A família de Olga, em especial seus pais, foram o alicerce dessa construção. Seu pai, Nelson Guimarães foi o personagem mais citado ao longo das entrevistas que realizei com a entrevistada. A imagem que ela construiu do pai, poeta, farmacêutico prático, um cidadão de incontestável bom caráter e, sobretudo, o homem político que foi, tinha forte ligação com o que ela se tornou. Sua mãe, Maria Isabel, foi referência para a escolha da carreira profissional do magistério, bem como para reconhecer-se como mulher que deve ser valorizada, respeitada e com direitos. Nessa estrutura familiar, ainda na infância, Olga encontrou o ambiente propício para desenvolver o hábito de expor suas opiniões, para valorizar a aprendizagem e principalmente, para potencializar a habilidade de observar o mundo.

Na juventude, Olga movimentou-se, tomada por uma variedade de práticas reivindicatórias, como nos movimentos contra a crescente desigualdade social, por melhores condições de moradia, contra o desemprego, por melhorias no sistema de saúde e pelo acesso à educação. Parte da ideologia dessas reivindicações vinha da Igreja Católica, que teve papel decisivo na formação e ampliação da sua consciência política. Sua atuação em ações coletivas de cunho Católico, como os Benjamins e a Juventude Estudantil Católica, fundamentou sua participação em prol das camadas pobres da população de Salvador-Bahia, em favor da justiça social, baseada nos princípios de solidariedade e de esperança. A Igreja, literalmente, a engajou na resolução das contradições sociais. Neste período de militância, houve uma intensa valorização do cotidiano, como também uma não adesão a grupos organizacionais, como partidos políticos. Para Olga, a comunidade, por excelência, o lugar do cotidiano e das relações interpessoais, passou a ser o novo espaço do conflito e da emancipação.

Nesses contextos, a construção do ser político de Olga foi sendo moldado, mediante as relações entre os sujeitos, em espaços de intersubjetividades, os quais propiciaram os múltiplos processos de internalização de formas culturais de comportamento. Na medida em que foi amadurecendo, sua existência foi se tornando mais complexa e se modificando, por conseguinte, as complexidades da consciência política. Assim, sua consciência foi construída

com base nas significações do mundo cotidiano através da mediação de instituições, como a família, a escola, a Igreja e os movimentos sociais.

Por fim, acredito que a maior novidade desta pesquisa está em compreender, o processo de formação da mulher como ser político, da construção da consciência política, com base na sua própria trajetória de vida. Tal análise contribui para a discussão sobre a inserção da mulher na política institucional como resultado, não da interferência ou apoio por parte de um homem importante em suas vidas, como o pai, o companheiro, o marido ou irmãos, como comumente é apontado pela historiografia baiana sobre o assunto, a exemplo dos trabalhos de Alcântara (1998), mas motivadas a participar na política por procurarem a igualdade de gênero. A pesquisa também revelou que a formação de mulheres atuantes na política nem sempre resultou do envolvimento em lides sindicais e em partidos.

O objetivo é colaborar para que mais pesquisas mudem a perspectiva de análise da inserção de mulheres na política, ao privilegiar o exame de mulheres ainda anônimas, que, ao serem postas à luz, suas histórias traçarão um novo caminho para entender a atuação delas em espaços públicos, como resultado da experiência adquirida no cotidiano, da vivência com situações e assuntos políticos e da busca de aperfeiçoamento contínuo através da dedicação e estudo, sobretudo, pelo processo de transformação da identidade em consciência. Apesar da falta de incentivo para a atuação das mulheres na política institucional, há exemplos, como o da professora Olga, que mostram que elas participaram da política difusa, nas conversas entre familiares, nas discussões entre amigos, nos movimentos de bairros, nas articulações políticas profissionais, ou mesmo em partidos políticos.

FONTES

Fontes Manuscritas

Arquivo Público Municipal Roque Fagundes de Souza – Itaberaba.

Decreto lei número 9.777 de 13 de janeiro de 1947.

Núcleo de História Local – NHL/CEDOC – Universidade do Estado da Bahia – Campus XIII.

Jornal O Itaberaba, 20 de Agosto de 1949.

Jornal O Itaberaba, 20 de Janeiro de 1954.

Fonte Oral

Olga Alves de Guimarães Carvalho, 74 anos, professora aposentada, entrevista concedida em Dezembro de 2006, Agosto e Dezembro de 2007, Dezembro de 2016 e Setembro de 2017.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Janaína. A Culpa Nossa de Cada Dia: Ética e História Oral. In: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História*, n.º 15, São Paulo, Abr., 1997.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AVELAR, L.; CINTRA, A. O. (org.). *Sistema político brasileiro: uma introdução*. Rio de Janeiro: Fundação Konrad-Adenauer; São Paulo: Ed. Unesp, 2004.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BADIOU, A. *Para uma nova teoria do sujeito*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- BARBOSA, Claudia de Faria. *Famílias pressupostos para política local: sombra ou alicerce?* Dissertação de Mestrado Interdisciplinar, Salvador: UCSAL, 2008.
- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990, 3ª ed.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política - ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I, 2ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- BENVENISTE, Emile. *Problemas de linguística I*. Campinas: Pontes, 1988.
- BOAVENTURA, Franciny da Silva. “Penna, papel e tinta”: *Jornal O Itaberaba, cultura letrada e os ideais de modernização (1926-1936)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado da Bahia – Campus XIII – Itaberaba, 2013.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, 3ª ed.
- BRANDÃO, Marcos Sampaio. *Processos socio-econômicos do espaço regional no século XIX e implicações sócio-espaciais na gênese da cidade de Itaberaba/BA*. Dissertação de Mestrado em Geografia. Salvador: UFBA, 2007.
- CABRAL, João P. & LIMA, Antônio P. *Como fazer uma história de família: um exercício de contextualização social*. Lisboa: Etnográfica. 2005, Vol. IX.
- CÂNDIDO, Antônio. “The Brazilian Family”. In: T. Lynn Smith (ed.). *Brazil. Portrait of a Half Continent*. Nova York: The Dryder Press, 1951.

CANÊDO, Leticia Bicalho. As metáforas da família na transmissão do poder político: questões de método. Cadernos CEDES, vol.18. nº 42 Campinas: São Paulo, 2007. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621997000100004&lng=en&nrm=iso

_____. Heranças na política ou como adquirir disposições e competências necessárias às funções de representação política (1945-1964). In: *Pró-posições*, vol.13, nº 3, 2002.

CERQUEIRA, Epitácio Pedreira de. *Pedra que brilha*. 3ª Edição. Itaberaba: Salvador/EGBA, 2003.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). In: *Cadernos Pagu*, Campinas, São Paulo, nº 4, p.37-47, jan.2008.

COSTA, Ana Alice Alcântara. *As donas no poder. Mulher e política na Bahia*. Salvador: NEIM/UFBA -Assembleia Legislativa da Bahia, 1998.

COSTA, Antônio Carlos G. *Tempo de servir: o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador*. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

COTRIM, Dário Teixeira. *Breves notas sobre a origem do município de Guanambi*. Belo Horizonte; Editora Plurarts, 2001.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidade no Brasil colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edumb, 1993.

_____. *A Família no Brasil Colonial*. São Paulo: Moderna, 1999.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História Oral: memória, tempo e identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIAS, Maria Odila Leite da: "Teoria e Método dos Estudos Feministas: Perspectiva Histórica e Hermenêutica do Cotidiano", IN COSTA, A. de O. e BRUSCHINI,C.: Uma Questão de Gênero. São Paulo, Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

DUFOUR, Dany Robert. *Os mistérios da Trindade*. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia Freud, 1988.

ERLL, Astrid; NUNNING, Ansgar (editorial by). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlim: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2008.

- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala. Formação da Família Brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- GOÉS, Maria Cecília. “A natureza social do desenvolvimento psicológico”. *Cadernos CEDES*, Campinas: São Paulo, nº 24, 1991, p. 17-24.
- GOLDENBERG, Mirian. Mulheres & Militantes. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.5, nº 2, jan.1997.
- GOMES, Ângela de Castro. Silêncios e orações: as relações Estado, Igreja e classe trabalhadora no Pós 34. In: *Revista Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 1987.
- GONÇALVES, Betânia D. Impactos da participação e da consciência política na vida das mulheres líderes em política. In: *Pesquisas e Práticas psicossociais*, São João Del- Rei, 2009.
- GONZÁLES, Jorge Luís C; MOURA, M. R. L. Protagonismo Juvenil e grêmio estudantil: a produção do indivíduo resiliente. In: *Eccos Revista Científica*, São Paulo, Vol. II, nº 2, 2009.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Cidades da mineração: memórias e práticas culturais*. Mato Grosso na primeira metade do século XX. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato; EduFMT, 2006.
- GUIMARÃES, Maria Beatriz. “Fernando de Santana”. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Acesso em 24.05.2018.
- HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: entre facticidad e validad*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução, organização, nota prévia, anexos e notas de Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- KORNIS, Mônica; MONTALVÃO, Sérgio. “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil”. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010.

KORNIS, Mônica. “Ação Civil Católica”. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Acesso em 26.05.2018.

LAVINAS, Lena. Identidade de gênero. Um conceito de prática. In: *Encontro Anual de Anpocs*, 12, Caxambu, 1992.

LIMA, Alcides de Jesus. *Itaberaba: Transformações urbanas e luz elétrica (1938-1971)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado da Bahia – Campus XIII – Itaberaba, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. Contexto: São Paulo, 2002.

MALUF, Marina. *Ruídos da Memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Tradução de Maria Luísa Ribeiro Ferreira. Lisboa: Edições 70, 1969.

PERROT, Michele. Práticas da Memória Feminina. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, nº 18, pp. 9-18, ago/set.1989.

PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: COSTA, Albertina de O.; BRUSCHINI, Cristina (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992, pp. 127-150.

PIRES, Maria de Fátima Novaes. *O crime na cor: escravos e forros no alto sertão da Bahia (1830/1888)*. São Paulo: Annablume/Fapesb, 2003.

_____ *Fios da vida: tráfico interprovincial e alforrias nos sertões de sima – BA (1860-1920)*. São Paulo: Annablume, 2009.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992.

_____ Memória, esquecimento, silêncio. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. In: *Revista Tempo*. Rio de Janeiro: vol. 1, nº 2, 1996.

- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. _____. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SAFATLE, Vladimir. *Grande hotel abismo: por uma reconstrução da teoria do reconhecimento*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- SAMARA, Eni Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANDOVAL, Salvador A. M. Algumas reflexões sobre cidadania e formação de consciência política no Brasil. In: SPINK, Mary Jane Paris (org.). *A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar*. São Paulo: Cortez, 1994.
- SANDOVAL, Salvador A. M. “The Crisis of the Brazilian Labor Movement and Workers Political Consciousness”. In: *Revista Psicologia Política*, São Paulo, v. 01, p. 173-195, 2001.
- _____. Consciência e participação política: uma abordagem psicopolítica. In: *Interações*. São Paulo, Ano/vol. VI, n. 12, p. 69-90.
- _____. Considerações sobre aspectos micro-sociais na análise dos movimentos sociais. In: *Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO*, Ano V, nº 7, Set./1989.
- SAWAIA, Bader B. *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. Tese de Doutorado – PUC-SP, São Paulo, 1987.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 2ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- TODARO, Margaret P. *Pastors, prophets and politicians; a study of the Brazilian Catholic Church, 1916-1945*. Ann Arbor, Univ. Microfilms, 1971. Tese Ph.D. Columbia Univ. Faculty of Political Science.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VELASQUÉZ, Musa. “Francisco Waldir Pires de Sousa”. In: ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Acesso em 24.05.2018.
- VIANNA, Francisco de Oliveira. *Instituições Políticas Brasileiras*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1987.

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política, Duas Vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1996, p. 53-124.

ANEXOS

ROTEIRO DE PERGUNTAS E TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS GRAVADAS

1. QUEM É OLGA POETA?

Eu sou caracteristicamente considerada como romântica, eu não tenho um romantismo piego, mas eu tenho um romantismo otimista. Então o processo de herança e confiança em transformação social ta muito presente na poesia de Olga e você vê em “Quinhentos anos de Brasil” que é o livro Sê mente de esperança, o próprio título já diz. Nele eu faço uma perspectiva histórica, faço um poema paradoxo que eu comparo a realidade de vida atual de expectativas do brasileiro, conforme a questão da violência urbana enfrentada por todos nós, no qual eu questiono os direitos dos homens, onde estão?

Você pode observar que eu tenho uma visão romântica mais social, mas garanto dentro de mim uma espiritualidade constante de valores humanos de reforçar esses valores dentro da pessoa e minimizar mais o sofrimento das pessoas com um canto de paz, de alegria, com um canto suave. Tanto que você pode observar que as palavras chaves da minha poesia, são sonhos, vida e esperança.

Nós somos especiais, só não sabemos porque, mas nós somos especiais. E é isso que me alenta, me conforta e agradeço a cada momento o poder da vida, o dom da beleza e da graça. Não a beleza física, essa beleza de poder jogar com as palavras, de poder falar, de transpor o interior. E poder ser alento para alguém.

Eu recebi uma carta e tenho-a guardada no meu currículo, de uma menina de Piritiba e ela desentendeu-se com o companheiro e pensou em suicidar-se, daí ela virou e fez assim “é bom acabar logo com a vida, por que a vida não me diz mais nada, eu nunca fui tão desmerecida, tão grãozinho de areia, como estou me sentindo.” Então na estante ela viu meu livro, “Simplesmente amar”, e abriu em um poema meu. Nesse momento que ela disse que leu, foi tudo na vida dela. Ela disse, esse poema salvou minha vida. Isso pra mim foi de uma beleza inigualável, porque não somente o ego da gente por sermos humanos e sentir-se lisonjeada com determinadas colocações que fazem de valorização do que a gente produz, do que a gente é, mas eu até hoje não sei por que escrevi esse poema, eu escrevi num momento depressivo também. Então o poema não salvou apenas uma vida, salvou duas. Simplesmente Amar é um livro muito transcendental.

2. COMO SE DÁ O DESPERTAR PARA A LITERATURA?

Na adolescência eu fiz o meu primeiro poema “Visão”, mas ainda quando pequenininha fiz uma paráfrase Dos meus oito anos de Casemiro de Abreu, eu tinha de 8 a 9 anos. Foi o primeiro versinho que eu fiz que meu pai achou lindo. E depois aos 14 anos eu fiz Visão. Que fala da efervescência dos encantos juvenis, o amor, a conquista. Eu não tinha namorado na época, mas tinha amor platônico, era um amor dedicado a pessoa mais velha que eu. Que não tocava, mas que eu vislumbra, ansiava e sentia assim aquela efervescência mesmo da adolescência e do primeiro amor.

3. QUAIS SUAS INFLUÊNCIAS LITERÁRIAS?

Eu gostei bastante mesmo, nessa questão poética foi de Bilac, os parnasianos de modo em geral marcaram muito. Ai depois, dos parnasianos, ai já quando eu comecei a ser professora de literatura, eu me identifiquei bastante com Augusto dos Anjos e Drumont. Sempre achei a poesia de Cecília Meireles assim muito suave, muito doce, mas água com açúcar. As de Dumont não, eu achava mais penetrante, mais interessante. Eu me identificava mais com Drumont. Gostei demais, demais dos Parnasianos. As pombas pra mim é uma poesia de Raimundo Correa muito penetrante. Ora direi ouvir estrelas foi à poesia que me acompanhou durante toda a minha adolescência.

Painho teve muita influência Simbolista, muito de Cruz e Souza e Cruz e Souza. A poesia de Painho, estilo mais português arcaico, as expressões mais originárias do português arcaico e muito nostálgica, principalmente quando ele teve o Avc, que ele ficou sem escrever com o braço direito. Ele dava muito a mim as poesias pra eu ler, pra corrigir, pra dizer o que é que eu sentia.

A minha poesia é pra deliciar, pra envolver e ele achava que a poesia também tinha uma função de instruir, então difere muito da de painho.

4. UMA DEFINIÇÃO

Eu costumo dizer Olga com a leveza de Pavlov, Olga com muito de Benário, com nada de Alaketu, simplesmente Olga. E uma das palavras que mais defende na minha forma de escrita você vai ver que está mais presente é o simplesmente, simplesmente gente, simplesmente amar, simplesmente ser, sempre vai ter essa palavra, simplesmente. É uma marca.

5. QUEM É OLGA?

Então Olga nasceu aqui em Itaberaba, mais precisamente na praça do Rosário, hoje a casa é pertencente à família de Euclides Barbosa e quem mora nela é a professora Elenita Barbosa que ainda está viva e modificou a fachada da casa, dentro também teve algumas reformas. E vim para a Avenida Rio Branco, para a casa de meus pais, com 4 anos de idade.

Eu sou a quinta filha do casal Nelson e Isabel, por que meu pai fez um acróstico com o nome Nelson e Isabel e cada inicial do nome de Nelson (soletra), então era a inicial do nome de um filho. E Isabel (soletra), então o primeiro filho Nelson, Edson, Luís Geraldo, Silvino e Olga. A quinta filha Olga e a sexta Nelinda.

Então eu fui a quinta filha do casal, depois de quatro homens. E o interessante é que todo o meu enxoval estava marcado Osório, porque minha mãe não tinha mais perspectivas de ter uma filha, uma menina. Como eu era menina, fui assim queridíssima por meu pai e minha mãe, por conta que só tinha quatro filhos homens e teve uma perca também, com três meses e meio ela perdeu um menininho. Então eu na realidade seria o sexto filho e homem não foi, foi mulher. O quinto ainda foi homem, ela não tinha perspectiva de ter uma filha mulher e disse, “bem, vou colocar (não entendi). Eu dizia a ela, Deus teve pena do nome(risos), porque se fosse mulher ia se chamar Olga. Você sabe que em 1944 nós não tínhamos recursos pra identificar através de uma ultrassonografia o sexo.

Então fui bastante querida, querida também pelos meninos. E me interagiu bastante com as brincadeiras dos meninos. Então na avenida, ali na Avenida Rio Branco, pouco movimento na época, a gente fazia as traves de gol e eu era goleira de um dos times e os meninos todos da avenida vinham jogar. Eu pegava no gol do time dos meus irmãos. Então eu sempre muito moleca. (Risos). Empinava arraia e era craque em gude, principalmente por eles brincarem bastante disso. Brincava bastante de vendinha, brincava bastante de cozido e convidava os colegas e amigos vizinhos para o cozido que também os meninos ajudavam a fazer nas trempes

com paralelepípedo e os recipientes de barro. A gente fazia o feijão, fazia carne de sol frita, fazia cortado de quiabo, salada crua e com isso a gente socializava. Fazíamos batizados de bonecas com bolos de verdade, aniversário de bonecas, o padrinho a gente convidava um ou outro amigo. O mais interessante é que muitas vezes a gente não tinha como fazer os bolos de verdade, ai a gente fazia bolos de pedras e enfeitavas com velas de São Cosme. Muito divertido e muito interessante.

Então eu como mulher e Nelinda também, que tinha muito jeito pra costura, então fazíamos os vestidinhos das bonecas, das noivas e dos batizados das bonecas. Muitas às vezes os meninos bagunçavam a situação do momento por conta de serem realmente mais traquinos, eles eram bastante traquinos. Muitas queixas da vizinhança meus pais recebiam. (Risos) Eu era mais sossegada por ser menina e porque minha mãe não deixava ir às aventuras deles por ai a fora. Mas foi uma infância muito vivida, muito boa. (Aqui Olga explica os costumes de sua época sobre brincadeira de menino e de meninas)

Quando eu gostava de empinar arraia eu fazia um show. Teve uma vez que foi a maior felicidade do mundo, eu coloquei 20 novelos de linha no soro. Empinei de cima do sobrado desse prédio que hoje é a clínica de meu irmão Benelson, e eu colocava do lado de lá da janela o soro com uma calda muito bonita, muito trabalhada, nunca trabalhei nunca participei com meus irmãos de fazer cerou pra poder cortar, e com isso, não sei se pela quantidade exagerada de linha, a ventania forte, eu sei que não chegou a ir ao açude, mas pra mim foi, chegou até a Praça JJ Seabra. O soro quebrou e eu chorei demasiadamente nesse dia porque não encontrou de volta o soro. (Risos).

E uma infância assim muito sadia, minha mãe contava muitas histórias pra gente, tinham as babás, porque éramos um filho após o outro, éramos quatorze, e como ela ensinava no Castro Cincurá, ela deixava um dos meninos menores com a cozinheira e o menino de braço com a babá.

6. SOBRE A ATUAÇÃO DA MÃE: CERTA INDEPENDÊNCIA DA MÃE, INFLUENCIA DE VIDA, PROFESSORA, TRABALHO FORA DE CASA

Sempre as histórias eram contadas pelas babás a nós e também minha mãe sempre colocava a gente pra dormi, ensinava as orações, principalmente Santo Anjo do Senhor e

também contávamos histórias antes de dormirmos, ela ainda tinha tempo pra isso. (Ela explica a rotina de sua casa). E fomos criados assim num meio bastantes livros por minha mãe ser professora e meu pai ser um autodidata, não ter uma formatura de nível superior, mas ele era poeta e conseqüentemente vivia no mundo dos livros e da poesia, gostava de ler bastante e tinha uma instrução muito alargada. Ele (o pai) tomado de uma curiosidade comprava livros de enciclopédia pra gente, lia esses livros com a gente, estimulava a leitura e sempre perguntava a gente que páginas que a gente leu, o que a gente mais gostou e isso fazia com que a gente pegasse o livro pra ler que quando o irmão me dizia li tantas páginas, por isso maravilhoso, daí se ele perguntasse Olga quantas páginas você já leu, Ah eu não li nada, então eu recebia dos meus irmãos um calor repentino, de arreliar, por conta de não ter lido e não saber uma coisa pra contra a meu pai. Muito interessante isso.

7. FALE SOBRE A VIDA ESCOLAR, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Fui à escola, acompanhando minha mãe, com quatro anos de idade e a primeira professora que me acolher foi Acir Rocha. Na primeira série eu ficava ali na escola com ela, aprendendo a fazer meu nome, essas coisas. E depois, a primeira professora mesmo de fato, quando matriculada com 6 anos de idade, foi a professora Regina de Freitas (confuso o nome). Até pouco tempo eu tinha uma avaliação elaborada pela professora Regina que tinha escrito, dez com distinção. Era a avaliação que colocava na época pra quem era muito boa. (Risos de satisfação). Ela faz uma comparação com as provas elaboradas de hoje, segundo ela mais rebuscada, rica em detalhes.

Eu fiz na Escola Castro Cincurá essa primeira série até a terceira série. Na terceira série eu fui pra escola Coração de Jesus, Dona Iracema Queiroz de Oliveira, a segunda professora que eu tinha a primeira aqui em Itaberaba com colégio particular foi professora Floracy Alencar de Melo e por conta do marido não queria que ela trabalhasse fora, devido à popularidade de que marido de professora trabalhava e marido de professora que ganhava mais ou quando a mulher ganhava mais que o homem, ele era chamado de “Felipes” (grande pausa e revelação de uma mentalidade da época) que vivia as custas de mulher(fala baixo). Então a valorização do trabalho feminino veio se dar muito mais fortalecido nas décadas de 60,70, daí na década de 40 ainda tinha esse problema e 30 quando Dona Floracy teve o seu colégio particular. Dona Iracema Queiroz de Oliveira era assim praticamente uma professora que (certo receio) aplicava corretivo naqueles meninos mais indisciplinados. Se bem que eu não fui pra lá por causa da

indisciplina, eu era uma menina pacata, sossegada, ativa, porém muito curiosa e dentro dos limites da minha idade de 8 anos quando eu fiz essas series e com 10 anos eu concluí a quarta série e fui para o Colégio Estadual, por que fiz admissão com 10 anos. Na época só se fazia na quinta série eu fiz diretamente na quarta e passei, ai me aceitaram no Colégio Estadual. Eu não cheguei a fazer a quinta série não, eu pulei, e ai fui pro Colégio Estadual.

Eu era bem magrinha na turma de educação física da professora Valdecy Moura e eu ficava no final, porque era tão pequenininha e baixinha. Com isso vim me desenvolver massivamente depois dos justamente 13 14 anos, quando mudei da infância para a puberdade. E quando menina moça, eu criei um pouco de corpo e fui me desenvolvendo mais na intenção de busca de conhecimento não mais pelas atividades infantis, mas de adulto. Então com 16 anos eu fiz o meu primeiro poema com (grande pausa) com 18 anos meu primeiro quadro, minha primeira pintura em 1963. Então de 44 para 63, estava com 19 anos. Fui à época para o Ginásio de Itaberaba, 1971, eu me formei em magistério. Fiz 4 anos de ginásio no Colégio Estadual, fiz a chamada série intermediária, também no Colégio Estadual. Depois o primeiro ano de magistério. No segundo ano de magistério não tinha o número de pessoas aqui para cursar, só tínhamos 3 alunos. Daí por conta de ter somente 3 alunas nós fomos estudar fora. Éramos Vandete, Bernadete e Olga. E ai o que fizemos?

Fomos para Salvador. Eu fui pro Ginásio Escola Normal Santa Bernadete, na cidade baixa. (Aqui ela explica para onde foram as outras companheiras). Eu me formei no Ginásio Escola Normal Santa Bernadete. Nessa época estava acontecendo a reforma do ensino na experiência de Irmã Querubim e com a coordenação de Nilza Atta. E o que foi que aconteceu? Eu fui para uma ala de professores como Jaime Barros, o professor Carlos Barros aquele autor do livro de ciências. Fui aluna de Doutor Rogério, quem nos ensinou muito sobre a sociologia educacional e filosofia. E conseqüentemente Nilza Atta de língua portuguesa. Daí tivemos experiência do trabalho dentro da área do magistério voltada para o trabalho grupal, trabalho de equipe. E o ver, sentir e agir estavam muito voltados para essa época, 1961, justamente por conta da educação de base que era desenvolvida e praticada pelos bispos do Brasil, pela Conferência dos Bispos no Brasil. E voltados para uma educação popular onde a gente via o problema, julgava o problema e agia. Lá a gente estudou esse aspecto de trabalho grupal, voltado justamente para o desenvolvimento da análise da situação problema, a opinião de cada membro do grupo e buscar soluções em grupo.

Nos visitamos a Escola Parque que foi um projeto de Anísio Teixeira, onde os alunos permaneciam o dia inteiro, um turno trabalhava-se as matérias relativas as series que os alunos

estavam matriculados, inserido e no turno oposto atividades artísticas, culturais, atividades cívicas e uma modalidade física que o menino abraçava. Trabalhava-se com essas modalidades até o aluno encontrar um ofício que lhe desse uma garantia de sobrevivência, sustentáculo financeiro. Mas o Santa Bernadete não dava, a gente ia apreciava, porque era um colégio particular, mas nós ficávamos praticamente o dia inteiro. Eu ia pra casa e voltava, porque à tarde nós tínhamos reorientação educacional, que era voltada para a convivência grupal na sociedade. E a gente via os problemas da sociedade, problema da moradia, da invasão ali do Bairro da Ribeira, do Alagados. Então a gente ia pra lá, participava, entrevistava. Fazia um trabalho assim voltado para o aluno quer precisava de reforço escolar a gente visitava na casa duas vezes na semana e trabalhava com eles. Convidávamos o grupo para domingo ir até a capela do Santa Bernadete, o colégio, e lá também tinha a catequese. E com isso eu aprendi muito a conviver e a desenvolver a expressão oral e falar mais em público e expressar melhor meus pensamentos.

Com isso eu galguei, quando me formei, a simpatia do grupo de educadores de Itaberaba e fui logo contratada pela Cooperativa Cultural de Itaberaba, para ensinar no Ginásio de Itaberaba. Comecei a ensinar no Ginásio de Itaberaba com 17 anos. E também na rede estadual eu comecei na escola que era chamada na época Escola Lyons Clube, recebi um convite para ensinar alfabetização aos alunos. Ai fiquei com a pré-escola e a professora Cristina Caribe com o infantil. Pronto, em 1961 eu me formei e em abril de 62 eu comecei a atividade, março fui nomeada para assumir a Escola Lyons Clube, que hoje é a Escola Góes Calmon. Fiquei quatro anos na escola e parti e partir, eleita pelos professores da escola, pra ser diretora. E eu fiquei como diretora voluntária, sem nomeação, porque na época diretora não ganhava nada mais do que o salário de professor. Eu fui ser diretora, sem regência e depois fui nomeada diretora e quando diretora passou a ser passou a ser remunerada, eu ainda fiquei um tempo e fui diretora da Escola Góes Calmon por 17 anos.

Esse prédio da Lyons Clube foi iniciativa da Prefeitura Municipal de Itaberaba, o Lyons Clube construiu a primeira sala e passou para a Prefeitura Municipal de Itaberaba, já com duas salas construídas. Eu como diretora fui fazendo minimizes e com o dinheiro dos minimizes nós construímos, com a ajuda também da prefeitura, mais quatro salas. E depois então foi que o Estado já, agora no início do Terceiro Milênio foi que mandou uma verba muito grande que transformou ali numa escola que não é só de ensino fundamental é também já de ensino médio. Depois fui transferida para atender na coordenação do Colégio Estadual de Itaberaba, mais quatro anos até me aposentar. Então eu me aposentei com 25 anos de serviço

público 26 com o cadastro. Então me aposentei pelo Estado com 42 anos de idade. E como fica uma pessoa com 42 anos de idade com todo vigor enquanto educadora, querendo transformar a educação do município, sem atividade? Então fui para a rede particular no Colégio Ney Braga, fiquei lá 1 ano. Depois sair do Colégio Ney Braga para fazer um livro e encaminhar a FTD. “Estudos sociais de terceira a quarta série: nossa terra, nossa vida, Itaberaba e microrregião.” E a Ftd se interessou, mandou que eu fosse e pagou uma passagem de primeira classe, hotel 5 estrelas e chegou lá consultores da Ftd solicitaram da minha pessoa fazer modificações no livro. Algumas modificações pertinentes, as quais eu acatei, outras não. Eu não aceitei e a resposta pra mim foi, “é um apartamento que a senhora joga fora”, eu disse, “eu prefiro”, mas o livro tem que sair como eu quero. Quando eu tiver individualmente, sem editora, eu faço e até hoje eu não pude fazer. (Tristeza na fala). Mas mesmo assim eu divulguei o livro para a Escola Arvoredo, Rosalino Celestino de Jesus e outras escolas que viam e me pediam a respeito. Organizei a cartilha histórica cultural de Itaberaba com alguns aspectos deste livro (breve explicação sobre o conteúdo do livro citado anteriormente).

8. SOBRE E EDUCAÇÃO, TEVE ALGUMA DIFERENCIAÇÃO POR SER MULHER?

Olha só, quatro moleques, malandrinhos e depois a menina, a menina dos olhos, é como a poesia que ele dedicou a mim, minha princesinha Olga, Deus nos céus e de bondade concedei felicidade a minha princesinha Olga. Então ele me tinha como princesa e todo cuidado era pouco. Mas eu brincava com todos os meninos. Não senti diferença (fala forte, bem entoada). Apenas quando eu me formei, quando queria seguir medicina e tinha de fazer um cursinho em Salvador, o meu irmão foi, porque pôde ficar em pensão, mas Olga não podia, por que Olga não poderia ficar em pensão. Olga era menina, era mulher, e não podia ficar em pensionato, mesmo que a dona da pensão fosse uma pessoa conhecida por eles. Quando eu estudei, eu fui ficar na casa de uma prima, vizinha ao Santa Bernadete, e deixou por isso, porque o colégio era vizinho.

Era pra eu ter voltado pra lá, fazer o pré- vestibular, o mesmo que meu irmão fez, por que nós éramos da mesma série, eu tinha adiantada mais um ano (Quase choro) e ele (Silvino) tinha perdido um ano, então ficamos juntos. E o que ocorreu? Ele formou-se médico, mas tornei-me professora, da qual profissão não tenho arrependimento. Mas meu teste vocacional feito na Santa Bernadete deu 90% pra medicina e deu 85% pro magistério e para as artes

plásticas também deu 85%. (Grande pausa reflexiva sobre como teria sido a vida se estivesse feito medicina)

O curso superior eu tirei em Pedagogia pela Universidade Católica do Salvador e uma especialização em Administração Escolar em ensino de primeiro grau, então eu sou especialista em educação e agora recentemente, tem 3 anos, me especializei em Linguística e Literatura pela UFBA.

9. SOBRE ADOLESCÊNCIA E CASAMENTO

Nessa fase a gente vestia a farda e se transformava, eu acho que isso acontece até hoje com os jovens, era como se fosse não mais Olga pessoa, mas a Olga estudante, então a gente descia do Colégio Estadual pra vim pro jardim e a gente ficava no jardim. As vezes batendo papo, brincando e tinham muitos garotos apaixonados por Olga, Olga não ligava, porque Olga não dava importância. Ainda não tinha despertado em mim essa condição do amor, da sexualidade. Isso foi um pouco mais tarde. Com 14 anos tive uma vivência, um amor platônico. A minha paixão era um rapaz de 24, 6 anos mais velho. Então eu não ligava para os garotos, eu tinha uma visão mais madura. O coração batia forte, disparava, mas nunca chegou perto, nunca houve namoro. Mas na hora que via, aquela adrenalina toda era desprendida no organismo e os olhos lacrimejavam, brilhavam. Com o tempo, depois que o rapaz foi embora, ele era um técnico que estava aqui elaborando um campo de aviação, construindo com os engenheiros o campo de aviação, inclusive era noivo, noivo de aliança, interessante né? E ele sabia da minha paixão por ele, quando ele me encontrava dizia “coisa linda, coisinha”, isso pra mim era tudo.

Mas na realidade eu vim ter meu primeiro namorado, por incrível que pareça, com 17 anos que foi Cid, entre namoro e noivado foram 6 anos e meio, com 24 anos eu me casei. E convivo até hoje. Mas não é fácil a convivência matrimonial e a mulher precisa aceitar muita coisa o homem também. Se de um lado eu aceito o chamado “pula muro” “dele, o romance fora do casamento, não é propriamente aceitar, mas passar por cima, ele também aceitou a dedicação exclusiva a educação. Ser uma mulher hoje, dedicada os três turnos e educação do município, não é fácil. Ainda nos finais de semana da a contribuição ou informação transformadora ou me aperfeiçoando enquanto formadora, porque eu nunca parei de estudar até hoje.

10. A CONDIÇÃO DO CASAMENTO E A CONDIÇÃO DO TRABALHO FORA DE CASA

Tive 3 filhos. O segundo veio antes do primeiro fazer um ano. Mas depois ficamos 2 anos, todos se formaram. Um é pedagogo, tirou o nível superior, a outra é médica oftalmologista, com especialização o caçula é formado em direito com especialização em direito do trabalho e já é professor da Escola Jorge Amado, da escola que ele se formou. E ele me disse “minha mãe agora eu entendo a senhora, o que é ensinar”. Quantas vezes a gente criticava a senhora por deixar de sair finais de semana pra ficar corrigindo provas.

11. HOUVE UM PREPARO PARA O CASAMENTO?

Não houve preparo nenhum para o casamento, nem conversa com a mãe. O preparo que eu tive para o casamento foi dentro do conceito das aulas de biologia e educação para o lar onde tinha economia doméstica na época nas séries intermediárias, as chamadas economias domésticas. Até a conversação mãe filha eu não tive, não tive nem na época da primeira menstruação, nem tive na época do casamento.

Apreendi bordado na Escola primária com Dona Iracema, na primeira a quarta série e no Ginásio de Itaberaba quando tinha a disciplina Arte. E ai já estudava a parte lúdica, a parte de trabalhos manuais.

(Ainda na adolescência) Tinha uma vida bem participativa, cheguei a ser líder do Grêmio Estudantil, iniciei com o grupo teatral do Colégio, já saíamos para fazer os ensaios, as festas e meus pais não negavam isso. Meu pai estimulava a prática da poesia, pra ser poeta, e ele sempre virava e dizia assim “mulher no casamento sofre muito, então eu tenho que criar minha filha para ter uma vida independente, pois pode não dar certo e para não depender do marido “e sempre ele dizia assim” que a mulher mesmo que separada não deveria solicitar a pensão do marido a não ser que tivesse filhos, mas não pra ela, pois a mulher deveria saber se manter”.

12. FORTES INFLUÊNCIAS NA VIDA.

De meu pai e de minha mãe, enquanto educadora e mulher participativa na sociedade. Eu fui membro do Movimento Estudantil Católica, dirigi o movimento em Itaberaba, então eu fui líder desde criança. Fui membro da cruzada estudantil. Fui dinâmica e participativa enquanto pré- adolescente e adolescente. E com isso eu não tinha muito tempo pra pensar nas coisas do coração. Jogava muito ping- pong, gostava de jogar vôlei, fazia parte do time de vôlei do Colégio, nunca meu time ganhou, toda vida meu time perdia, então ninguém queria ficar com Olga por que dizia que não dava sorte, mas não era porque eu não me esforçava. Eu esforçava, caía, mas o time que eu estava sempre perdia. (Risos). É até engraçado isso.

13. O QUE MARCOU NAS FASES DA VIDA

Eu diria que foi a espontaneidade de viver, essa maneira de ser suave e tranquila minha, de deixar as coisas acontecerem. Nunca me preocupar com o que estar por vir, chegar. Hoje é importante, amanhã é mais que importante. Mas o hoje é o preparo para amanhã, se amanhã não der certo eu crio a situação para suprir aquilo que não deu certo. E isso me tem acontecido até hoje, valorizando bastante meu jeito de ser engrandecido demais o meu ego. Eu confio muito em mim, na minha força positiva de que a gente pode transformar a dificuldade encontrada pra suavizar mais a vida.

14. FRUSTRAÇÕES?

Há frustração sim. Nós não deixamos de ter. Então umas das frustrações minhas é eu não ter realmente é ter feito o curso que eu queria fazer, mas como eu disse, eu tenho essa capacidade de diante das dificuldades encontradas, transformar com a positividade que eu tenho. Mas tive bons momentos, de ter sido professora. E o meu desejo enquanto educadora foi positivo para a comunidade de Itaberaba, minha contribuição eu acredito que foi com certeza muito forte e muito grandiosa para gerações e gerações de alunos que passaram em minhas mãos. Não só como exemplo de pessoas, humanas, mas como profissional. Agora, é (grande pausa) o ser do ego afetivo é você ser mais amada. Eu sei que sou bastante amada pelos filhos, pelo esposo, pela minha família, pelos meus familiares, sempre fui muito querida. Mas eu sinto que deveria ter mais isso na prática, mostrado. Não é ser paparicada, mas é você sentir que o outro não demonstra para com você, em carinho, em amizade. Eu percebo isso entre meus

filhos, no meu marido. Percebia também em relação a minha mãe, a demonstração de carinho para comigo se fecha se tranca. Eu me dou muito mais do que os outros. Eu tô sentindo que de uns anos pra cá, esse aspecto, não na família ainda, mas no grupo social, no convívio eu estou sentindo isso mais intenso com relação a mim, de mais me valorizarem, de falarem e exporem ao público mais em relação ao meu desempenho, minha atividade, minha função.

As pessoas reconhecerem o meu valor é mais forte no meio em que eu convivo do que na família. A família pouco percebe quem é Olga de fortaleza pra eles e isso é frustrante, porque a gente sente.

15. ESPERANÇAS?

Eu sou esperançosa o tempo todo, porque quem é otimista nunca endurece nunca se enrijece sempre maleável. E eu tenho esperança que a educação e a arte vão transformar o mundo. Os homens ainda não reconheceram isso, porque as coisas estão tão simples de resolver, tão fácil. A gente complica muito, a gente intriga muito as coisas. A gente complica as coisas e acha que nada vai dar certo, não confia em si mesmo. Eu digo assim, a gente tem que ter confiança em Deus, mas a gente também tem que ter confiança nos homens. Se eu deixar de confiar nos homens, eu deixo de confiar em mim mesma. Porque se eu posso mudar alguma coisa, todos também podem mudar. A minha esperança é sempre num mundo melhor.

16. SOBRE A MORTE DO PAI E DE MÃE, O QUE SIGNIFICOU?

A morte de painho foi uma morte que a gente sentiu e eu até muito mais apegada a ele do que a Mainha. Mas Mainha ficou e com Mainha ficou uma parte de painho. A presença de Mainha com a morte de painho não causou tanto vazio. E ele sempre dizia assim, “minha filha, morreu, acaba.” E quando eu vou visitar o túmulo eu fico justamente me lembrando dessas palavras que eu não esqueço e digo “é painho o senhor não morreu, o senhor não acabou, o senhor permaneceu, nessa energia que move o universo, o senhor permaneceu nesse tempo que constrói um novo tempo como exemplo para essa juventude, para as pessoas.” E está escrito na tumba dele: “Jaz na instância funerária, sobre a acampa amortecida. Numa cruz escrevo em área, foi poeta e amou na vida.” Se é isso, então o poeta é imortal e ele permanece imortal. E aí veio Mainha, minha deixou um vazio muito grande, não sei também porque é recente, mas não

é isso, porque tem 3 meses. E a cada instante eu vejo a presença dela, ai eu digo, se o poeta não morre, o educador morre? (Choro). Ela está em cada coração, é parte de cada um que ela educou. Se o poeta não morre porque seus versos permanecem vivos dentro de nós, muito menos o educador. Ai eu me vejo assim e penso, que privilégio meu, serei imortal duplamente? (Risos) Como poeta e educadora.

Talvez uma falta de modéstia ou um engrandecimento do meu jeito de ver as coisas e de valorizar a educação e a vida.

17. OLGA EDUCADORA E OLGA POETA

Estão ligadas sim, porque nós somos o que somos e mais aquilo que construímos. O ser educador tem um lado materno, o ser poético tem lado materno e eu sou um pouco de Nelson e Isabel e sou muito de Olga, um pouco dos pais e muito do meu ser propriamente dito. Mas essa construção tem uma base que eu entendo que foi edificada no berço. E que os pontos que eu tenha captado e aprendido não podem ser os mesmo que os outros tenham captado e aprendido. Mas uma coisa foi comum a todos, a valorização, a moral e os bons costumes, da retidão. A postura de responsabilidade e de valorização de trabalho que desenvolve. Isso é imorredouro pra gente, tanto no exemplo de meu pai, como no exemplo de minha mãe. De colocar o trabalho a frente da família, de deixar os filhos doentes, doentes pra ir trabalhar e não faltar aula, porque tinham lá, como ela dizia, são 30 que me esperam e aqui tem só um me esperando. Ela sempre bem firme, primeiro o ensino. Se hoje fosse assim a educação seria mais educação.

18. FALE UM POUCO SOBRE SEUS PAI

Nelson é formado em farmacêutico prático, manipulador de formulas, que se chamava farmacólogo, foi aluno do professor Santana de rio de contas, um professor negro, que na época tinha muito prestígio. Veio para a cidade de Itaberaba, na Chapada Diamantina em 1938, trazendo o primeiro dos quatorze filhos, Nelson Alves de Guimarães Filho, nascido em janeiro do mesmo ano, juntamente com duas irmãs, pois tinha perdido os pais, ficando para ele as responsabilidades da família.

Para casar com Maria Isabel de Carvalho, o pai dela que era filho de português que contraiu núpcias com uma descendente indígena. Maria Isabel foi professora formada pela Escola Normal de Caetité, tinha uma influência muito grande tanto por ser professora como por vir de uma família abastada da região, a família Cotrim. O pai dela não queria o casamento com Nelson, pôr o mesmo não ser bem visto devido a ter contraído um casamento anterior e ter tido filhos. Mesmo assim, Isabel contrariou a vontade do pai, vindo a casar-se em Caetité, passando a residir em Urandi até sua vinda para Itaberaba em 1938.

Vindo a falecer ele em 1993 e ela em agosto de 2007.

Chegando a Itaberaba compra a farmácia Saraiva de Doutor Antônio Augusto Saraiva, um grande médico da cidade na época. Era na farmácia que ele se dedicava não somente ao atendimento de consultas e receitas de remédios, bem como entre um cliente e outro a escrever poemas, versos e desvendar charadas, sendo por isso bem querido na cidade. Chega a publicar vários livros de acordes, tendo ainda falecido e deixado alguns para publicação.

Nelson também era um homem dedicado a política, chegando ser vereador e suplente de vereador, sendo fundador do MDB em Itaberaba, no cenário da Revolução de 30 de março de 1960, quando da abertura dos partidos políticos, se posicionando em posição ao governo, sendo por isso mal visto aos olhos dos generais e do governo ditatorial, por ser um esquerdista.

Sempre fora um grande incentivador da cultura popular regional e principalmente do gosto pela leitura e pela educação.

Olga tinha com seu pai um relacionamento bem amistoso, bem suave e delicado. Primeiro por ter sido a primeira filha mulher. (Ela fala sobre como era seu relacionamento com o pai)

19. SOBRE A REPRESENTAÇÃO DA MULHER DA EDUCAÇÃO

A escola tinha grande importância na vida de Olga menina estudante, as férias não lhe diziam nada, não tinha tanta importância quanto à volta às aulas e o reencontro com os colegas. As professoras tinham um papel muito importante na vida da estudante. Foram elas que ensinaram a arte de dramatizar, cantar, da elaboração de trabalhos manuais, os jogos esportivos, muitas vezes associados aos intercâmbios intermunicipais. Tal fato revela que professora antes

de tudo eram sentidas como mães, sendo a escola um prolongamento da família e a professora sinônimo de mãe cuidadosas, atenciosas, preocupadas com o aprendizado.

Muitas professoras tinham certa independência financeira, daí seus maridos serem chamados de “felipes”, por que as professoras ganhavam mais que eles. Mas ela era muito respeitada. O aluno quando via uma professora na rua ia cumprimentá-la, sendo um símbolo e referência de comportamento de postura.

20. SOBRE O CONTEXTO DA CIDADE NA ÉPOCA DA IDA PARA A AVENIDA RIO BRANCO,

Não tinha calçamento, movimento muito pouco, algumas bicicletas, burros de carga, barris de rola sendo puxados por aguadeiros. O som do trem chegando era bastante característico desde o início ao final da Avenida. A feira livre situava-se aos fundos da sua residência, na Praça Flávio Silvano. (Olga explica sobre as mudanças que ocorreram na cidade nos anos 40/50)

Na época quem ia para o Colégio era uma elite, filhos de fazendeiros, comerciantes, de um grupo de pessoas não da classe baixa popular, não dos feirantes, dos empregados do comércio, não dos empregados domésticos. Estes iam para Salvador, pois podiam pagar. Então se criou na cidade uma Cooperativa Cultural de Itaberaba, de responsabilidade limitada, por Doutor Saraiva Doutor Nivaldo Fernandes, Doutor Antônio Almeida Lis Neto, para atender aos filhos das pessoas mais pobres, com o colégio de graça. Mas era um colégio de graça para essas pessoas bolsistas, mas aqueles da elite dominante pagavam uma parcela. Nessa época os professores ganhavam pouco, uns contribuía gratuitamente. Na quinta série os alunos interessados na bolsa faziam um teste de admissão, mas a admissão castrava a entrada de muita gente, sendo uma educação seletista e sectária que bloqueava a continuidade do ensino.

E nos considerados como da elite por sermos filhos de comerciantes e por consequência podiam pagar, éramos aprovados e íamos e os outros, nem admissão faziam, porque se passasse como eles iam pagar?

O Colégio Santa Bernadete era basicamente para meninas, um colégio de freiras, sendo que o domínio da procura pelo magistério se dava com as meninas.

21. QUEM É SEU MARIDO?

Cid veio da Família Guimarães. Nasceu em Utinga, logo após os pais vieram para Itaberaba, sendo o pai colega de estágio de Nelson a época do curso de farmacêutico prático. Em Itaberaba compra a farmácia Santana.

Na época do casamento o pai de Olga também não aceita, não por causa do noivo, mas pelo fato de achar que mulher no casamento sofre muito. Casa-se em dezembro de 1967.

Cid não concluiu os estudos, abandonando o ginásio, daí os pais lhe destinarem a farmácia aos seus cuidados.

Foi um marido que nunca proibiu a saída de Olga para fazer cursos e especializações

Criou os filhos com rigidez e liberdade, nunca se esquecendo dos valores aprendidos com a educação dada pelos seus pais. Para a filha a valorização da mulher enquanto gente, que deve ser retomada pela sociedade.

22. SOBRE A OLGA UNIVERSITÁRIA

Em 1973 inicia um curso Artes plásticas, na Universidade do Estado da Bahia, que devido à falta de disponibilidade de tempo pra ficar em Salvador teve que abandonar. Retornando no ano de 1975/76 para fazer o curso de Pedagogia na Universidade Católica do Salvador devido a uma oportunidade dada pelo MEC aos diretores que não tinham curso superior, um curso intensivo e parcelado. No curso os alunos tinham toda a instrução sobre as disciplinas pedagógicas, sendo a prática voltada para o acompanhamento do local de trabalho. Logo após faz pós graduação com especialização em Linguística e Literatura pela Universidade do Estado da Bahia, em 2006

23. COMO FOI A VIDA NELSON, SEU PAI?

Painho, já ouvir falar, já ouvir contar, mas não tenho certeza não sei que Painho participou da coluna Prestes, mas isso não tenho certeza ele nunca falou isso comigo. Zum zum zum assim como se diz Painho já pegou em armas já foi a luta armada por isso que Silvino tem essa veia (irmão de Olga que faleceu em 2016 de Enfisema pulmonar). Saiu até no jornal nacional sua morte por ter sido um querido médico do Hospital das Clínicas.

(Pausa; nesse momento ela mostra um caderno feito por sua mãe antes da morte onde contem datas importantes acerca da vida dos filhos, netos e Olga completa com os dados dos bisnetos.)

Painho viveu, porque ele nasceu em janeiro de 1904 então ele viveu bastante a Coluna Prestes ele vivenciou toda esta coisa. Engraçado é que ele é sempre foi assim uma pessoa que valorizava a democracia num é e ficava sempre contrário a ditadura então é nessa época ele também ajudou a combater o comunismo e engraçado é que ele era delegado de polícia ele foi delegado de polícia em Urandi. Porque nessa época não tinha delegado de polícia de carreira de direito mas tinha nomeação de pessoas de bom comportamento de boa reputação. E ele perdeu o pai muito cedo e teve que assumir as irmãs num é e as irmãs dele que por sinal tinham nomes muito estranhos (Ela cita os nomes das irmãs). Todas essas mulheres porque o único irmão que ele teve homem filho do casal Silvino Alves de Carvalho e Joaquina Guimaraes Carvalho tinha um filho chamado Edson que morreu tuberculoso logo cedo, tinha 17 ou 18 anos e Painho foi quem assumiu toda porque o pai morreu logo cedo e a mãe também eai ele foi assumir toda essa irmandade feminina pra garantir toda a reputação familiar e o bem estar de todas elas então ele era tido em Urandir, tinha uma farmácia também em Urandir-Ba, então ele vivenciava o meio social com bastante sociabilidade comunicação com boa comunicação boa amizade , amistosamente ele convivia com as pessoas em Urandir, mas ele vivenciou essa história toda da coluna Prestes.

Agora é (pausa) ele depois certo tempo depois ele passou a ser Getulista tanto que ele se filiou ao PTB era o PTB de Getúlio certo? Ele era como se diz partidário mesmo do PTB. Muito tempo depois com a revolução ele aí acabou ficando com o movimento democrático brasileiro que era o MDB certo? Que o movimento democrático brasileiro o MDB ele foi fundador do MDB aqui em Itaberaba junto com Jaime Calmon, Miguel Brito e quem foi mais? E Piaba eu não sei o nome de Piaba (Risos).

Menina ele (o pai) era sempre a favor das reformas trabalhistas e sempre a favor da valorização do trabalhador entendeu? Toda vida ele foi defensor do trabalhador apesar de que

ele na época agia como agente público como funcionário público e também com coisa independente, mas ele sempre teve assim uma tendência certo? a trabalhista tendência trabalhista e ele dizia que Getúlio Vargas que foi depois de presidente democrata que foi o melhor presidente que teve que não merecia ter a morte que teve não é? Que o suicídio foi um desespero que ele não soube controlar mas ele virava pra mim e dizia este homem não era pra morrer dessa forma mas a pressão das forças contrárias certo? Antagonistas ao trabalhismo principalmente do Carlos Lacerda que ele detestava sempre contava a mim que tinha horror a Carlos Lacerda. Que era um homem maléfico. Então é isso aí.

Quando ele veio pra Itaberaba não é? aí ele criou o PMDB depois da revolução que tornou-se partido ao invés de movimento mas com a revolução ele não chegou a ser preso aqui em Itaberaba como Miguel (Miguel Brito ex prefeito da cidade) chegou a ser levado e tudo pro depoimento e outras coisas e como se diz Jaime também mas Painho não Painho ele não somente prestou um depoimento breve e saiu não teve maiores consequências.

Na fundação do MDB tinha uma relação com Salvador e sempre teve a relação com Waldir Pires muito bom relacionamento ele tinha um relacionamento muito bom também com Fernando Santana e ele também com um deputado estadual de Conquista que ele inclusive angariou votos aqui e trabalhou pra este cidadão era uma pessoa muito bacana muito centrada e ele tinha muita admiração o Roberto Santos que Painho tinha um carinho muito grande. Ele nunca foi ligado a Juracy Magalhães justamente por conta de que ele nunca foi favorável a UDN ele era contrário totalmente e é aos seguidores hoje os democratas né que antes era ARENA também ele não gostava nunca tomou assim tinha um relacionamento assim de amizade com algumas pessoas aqui da cidade que eram contrários politicamente ele mantinha a amizade mas amizade amizade política a parte viu?

24. HAVIA CONVERSAS NA FAMILIA SOBRE POLÍTICA?

Interessantíssimo isto (Risos) o dialogo na família sempre tinha e controvérsias também porque Mainha era totalmente contrária a Painho. Mainha era ARENA (Muitos risos) e Painho era MDB e Mainha detestava o lado de lá e Painho detestava o lado de cá, certo? Ele dizia que era pra ela ser como se diz propositalmente contraria a ele dada a natureza dela de ser totalmente é possessiva e mandatária. (Risos). Engraçado mas a maioria ela não ficou a favor da ditadura

até porque teve o problema com Silvino que ela se posicionou muito contrária a essas perseguições e essas torturas.

Ela tinha horror. Agora a maioria dos filhos tinha tendência mais para Painho dos meus irmãos inclusive eu certo? Então sempre mais voltado para centro- esquerda agora alguns ainda mantem a postura de direita. Tinha conversas a mesa, inclusive quando ele era do MDB meu irmão Geraldo foi candidato pela ARENA lançado pela família Cincurá. Depois no final Cincurá e ele, como a família Cincurá colocou o filho dele para ser candidato ele (Pai) pã entrou em acordo com o irmão de Cincurá que na época era inimigo deles – Belmiro Cincurá – e colocou Belmiro pra ser candidato do MDB. Houve um choque aí é uma personagem muito marcante nessa decisão da prefeitura Maria José Cincurá – Dona Beza- ela entrou em contato com os irmãos, fez as pazes e não apoiou Geraldo e apoiou Belmiro. Painho ganhou as eleições pra revolta de Geraldo. Geraldo se rebelou contra ele e muito tempo depois fizeram as pazes.

Era um conflito muito intenso a gente no meio os irmãos, eu por exemplo votei em Geraldo por conta da questão (...) votei num candidato da ARENA eu sendo MDBISTA. Engraçado né? São as coisas que acontecem mas o Baby ganhou, o Belmiro. A maioria da cidade era a favor dos Cincurás, era Arena. MDB sempre foi minoria. Muito tempo depois foi que Miguel conseguiu se eleger com o apoio do PMDB. Miguel chegou a ser o primeiro candidato pela MDB Painho lançou depois foi Baby – Belmiro, Miguel perdeu perdeu pra Antônio Andrade Santos, depois de Antônio foi Belmiro. Porque os Cincurás aqui tinham realmente um domínio quase como um coronelismo e dominava quase toda a política da UDN com Renato Cincurá Rafael Cincura que chegou a ser deputado federal Renato Cincurá que chegou a ser prefeito e quando eu fui candidata foi o filho de Renato que foi candidato Gilberto Cincurá de Andrade.

Então Gilberto era filho de Renato e conseqüentemente foi o concorrente com Olga e Linésio. Linésio teve 6 mil e tantos votos, Beto teve 4 mil e tantos votos e eu mil cento e dezesseis. Isso em 1992, foi depois que eu fui vereadora, no ano que Painho morreu. Em 1988 eu fui vereadora. Painho morreu em Agosto de 92 e as eleições foram em Outubro. Ele ainda foi no primeiro comício meu que foi em Junho na praça do periquito no Bairro Vermelho ele ainda subiu no palanque e tudo mas depois teve um outro AVC e não levou dois meses.

25. QUANDO COMEÇA SUA CAMINHADA POLÍTICA?

A minha caminhada começa quando fui candidata a vereadora em 1988, foi de 89 a 93, porque eu era candidata a prefeita e ainda ia pra câmara. Ai depois eu fui candidata novamente a vereadora em 96 e fiquei na suplência e fui candidata pelo PDT ai fiquei na suplência e ainda assumi durante dois meses no lugar de Renato Aragão que foi fazer uma cirurgia. Teve 45 dias de licença médica e eu fui substituir ele ele era do PDT.

A minha ação política já foi uma política uma política assim mais reflexiva certo? voltada para as questões sociais não partidárias foi a JEC, JUC e JAC que tinha na época. Então era na JEC, mas eu iniciei pequenininha com os Benjamins de ação católica que era um movimento inclusive de direita esse, mas já dava uma visão a gente de reflexão de fraternismo de solidariedade de como se diz empreender ações comunitárias em favor do próximo amor ao próximo isso ai já foi conduzindo minha cabeça e depois é a Cruzada Eucarística Infantil que era uma ação da CNBB e posteriormente eu fui pra JEC – juventude estudantil Católica – e minhas manhas de formação era ali no colégio São José, porque eu estudava no Colégio Santa Bernadete no largo da Madragoa em Salvador.

Todo domingo eu ia pra formação e na formação a gente almoçava lá a gente chegava oito e meia e tinha as palestras tanto com padres como com palestrantes sobre as questões sociais sobre capitalismo sobre envolvimento da juventude nos movimentos políticos na busca dos seus valores e direitos humanos mas sempre com uma metodologia uma didática do ver julgar e do agir. Analisava o fato via julgava o fato os pros e os contra os positivos e os negativos e o agir como agir em determinadas situações e tinha sempre uma tendência esquerdista de valorização do homem enquanto homem e do homem enquanto trabalhador e garantia dos direitos do homem pela humanização da técnica e valorização do social e da democracia. Era uma tendência esquerdista disfarçada.

A JUC – juventude universitária Católica- era muito mais intensa eu não cheguei a participar porque não era universitária eu estudava em colégio de freiras e frequentava tanto o São José era de freiras quanto o Santa Bernadete. Acabou este colégio o São José acho que ainda existe. E o que a gente mais analisava nessas manhas de formação era justamente a convivência e a vida desses marginalizados que eram das invasões dos alagados ali logo no fundo do largo da Madragoa que hoje já tá um aterro muito grande e já tem casa construída e até edifício de 3 andares tem. A gente visitada lá via as palafitas entrevistava os moradores a gente passava pelos caminhos de tábuas tipo pontes e embaixo era o mar. A minha visão social

política começou daí. A visão humanística do ver julgar e agir as situações do dia a dia. (Há uma explicação sobre as ações empreendidas pelo grupo que participava da JEC). Isso é 1961, porque com a ditadura em 1964 foi exterminado tudo – a JEC- juventude estudantil católica, JAC – juventude agrária católica, JUC- juventude universitária católica. E os grêmios também acabaram porque na época também tinha grêmios eu participei aqui do grêmio estudantil na época de 1958 no Ginásio de Itaberaba eu fui diretora literária do grêmio estudantil a presidente era Valdelice Pedrosa. (Olga explica o que fazia no grêmio estudantil)

As vereadoras em Itaberaba foram Diná, Eunice, Ieda, Olga e Nilzinha, Valdelice foi suplente da vereadora Nilzinha, ela era da zona rural.

Na política em Itaberaba ainda impera o machismo. Como Olga conseguiria jamais se eleger? Mas eu fui justamente por uma questão de demonstração de resistência a recandidatura de Linésio por conta de que houve desaprovação das contas dele e nos comprovamos mesmo alguma coisa. Não que ele tivesse culpa mas alguém que tivesse com ele no governo tivesse feito o mal feito e a gente conseguiu e eu não fui a favor das contas dele. Então como a gente iria apoiar uma pessoa que a gente era contrária a uma gestão anterior pra eleição? Aí não tinha candidato e a gente não via outra opção a não ser Olga ou Zé Malvado e Zé Malvado preferiu que eu fosse prefeita e ele candidato a vereador e ele venceu vereador e eu perdi com 1116 votos. Nessa época fazíamos parte do PDT e fizemos uma coligação por amor a Itaberaba PDT-PT-PSB.

Quando eu fui suplente de vereador eu fui escolhida para ser diretora de cultura do governo Miguel Brito pois bem então fizemos uma atividade aqui com teatrólogo certo e produtor teatral Pedro Matos ele era da fundação cultural do Estado da Bahia e ele veio e ficou aqui algum tempo e ele fez é (pausa) uma peça teatral sobre Itaberaba e essa peça teatral quem produziu o texto fui eu e ele ensaiou e tudo para apresentação e não chegou a apresentar em Itaberaba como culminância do projeto chapéu de palha não conseguiu publicar (interrupção do marido) então tinham os ensaios com os meninos que tinham tendências artísticas aqui no município e o pessoal do grupo raízes do grupo arte e cena também participaram e Pedro Matos desenvolveu este trabalho e ficou entusiasmado com a peça que eu escrevi e que participação também dele e dos atores e ele me fez essa carta em Teixeira de Freitas no dia 11 de dezembro de 98. Certo? Que ele fez o relatório (Olga ler o relatório). Ele me tinha um carinho muito grande porque ele me achava assim uma cultura viva no município.

A poesia que eu fiz para o projeto foi Itaberaba sem medo poesia sem segredo que a gente pede no final implora as autoridades públicas o teatro de Itaberaba e até hoje não tem (Pausa reflexiva sobre sua atuação no município em prol da valorização da cultura local e da educação). (Pausa). Na avaliação do projeto dizia assim posso dividir a história cultural de Itaberaba em duas realidades com ou sem Olga Magalhães. Isso foi muito forte pra mim eu gostei porque foi uma avaliação de alguém que não me conhecia e que conviveu aqui comigo no desempenho artístico é maravilhoso isso.

26. HÁ OUTROS NOMES POLÍTICOS NA FAMÍLIA?

Soninha era estudante e pertencia a União nacional dos estudantes da Bahia e ela era como se diz assim muito destemida lutando pelos direitos dos estudantes. Sonia Guimaraes não sei se ela tinha Lacerda eu a conheci quando eu tinha 15 anos que ela era prima de Crescencinho, Crescencio Guimarães Lacerda Neto que foi presidente da UNE e também já foi do órgão nacional dos médicos que ele era médico entendeu? Eu a conheci eu tinha uns 15 anos mais ou menos e antes da Revolução de 64 e ela tinha essa idade mais ou menos minha ela como se diz foi presa foi uma das desaparecidas políticas mas logo depois acharam eu acho que ela ainda é viva ela foi como Silvino um preso que depois foi identificado entendeu? A família tomou conhecimento onde estava e acompanhava. A mãe de Soninha era prima carnal de Painho agora eu não me lembro de quem ela era filha era uma família de Conquista porque muita família Guimarães de Urandir veio pra Conquista e casou com os Lacerdas daí ficou Guimaraes Lacerda porque a família Crescencio Silveira Lacerda tanto que tem muito Guimarães Silveira em Conquista que é parente nosso.

Nair Guimarães era médica e fazia muito benefício a comunidade e não cobrava como se diz consulta muito serviço social era fazia e ela ganhou a simpatia do povo por isso

A vida inteira Juracy Magalhães foi de direita a vida inteira inclusive Jutaizinho sempre foi de direita Juracy morreu de desastre aéreo não foi? De Lacerda ele foi a favor de Lacerda. Ele era general das forças armadas. Agora com relação a (Pausa) Lauro Farandes de Freitas era que Painho era ligado era o lado de Lauro Farandes de Freitas morreu também no desastre de avião Lauro Farandes então o Lauro era que Painho era ligado na Bahia, Roberto Santos certo?

e esse Waldir Pires desses Roberto Santos e Waldir Pires tinha muita ligação com Itaberaba todos eles de esquerda.

Nair era parente de Geovane Guimarães – GG – era colunista do Jornal A Tarde tinha uma relação muito boa com Painho era primo carnal relação muito boa a mãe dele era irmã da mãe de Painho pra você ver que a ligação política não é nem tanto pelos avós nem pelos pais mas mais pelos primos mas nos laços de primos numa geração mais próxima.

Sonia Guimarães pode estar viva – prima de Nelson.

27. APONTAR TRES MOMENTOS IMPORTANTES DA SUA VIDA

Eu gostei demais, o primeiro momento foi o lançamento do meu livro *Simplesmente Amar*. Quer dizer, antes dele teve o lançamento meu da “Escola de segundo grau” que foi sobre a estrutura e funcionamento do ensino. Eu gostei tanto de ter feito esse livro porque ele serviu pra em embasamento teórico e pros estudos do pessoal do curso de magistério de nível médio como também serviu para as faculdades como a Doutora Reginaldo adotou na Universidade Católica do Salvador. E também foi adotada na Universidade de Juazeiro, Petrolina, pra Pedagogia e pra Licenciatura. Não tinha livro na época, se não me engano foi em 71 / 72.

Eu faço parte do Dicionário dos poetas contemporâneos de Francisco Igreja, daí você relata esse isolado como poeta, entendeu? Eu faço parte. Aí ó depois desse você vem com as poesias, publicações minhas, viu?

(Pausa para mostrar suas publicações) Ela vai jogando cada livro no chão e falando um pouco de cada um.

(Ela fala um pouco sobre o desejo de atualizar sua obra “Escola de segundo grau”, mas que não foi possível pelo fato de na época ter filho pequeno, trabalhar a tarde e noite, tinha tempo pra tudo, ainda “atendia meu senhor rei” (aqui ela se refere ao marido). E hoje ela só vive para o “meu senhor rei”, diz que já não está aguentando mais, pois tudo é com ela).

Então o primeiro momento é este livro, depois a homenagem que eu tive foi um momento marcante na minha vida, a minha primeira exposição de arte e pintura foi “Vida e existência”.

(Pausa para selecionar as publicações individuais e as monografias que ela orientou (fala um pouco dos temas das mesmas e sobre a orientação – valores e condições).

A homenagem não, o meu segundo momento mais importante foi a primeira exposição de arte patrocinada pela Fundação Cultural do Estado da Bahia e que teve a participação do quarteto de cordas na abertura da exposição. Foi lindo demais. A “Escola de segundo grau” eu coloco em primeiro plano pela utilidade do livro, pela valorização do livro na área pedagógica e como isso foi produtivo para quem necessitava do aprendizado sobre estrutura e funcionamento do ensino. Então quando minha obra serve mais pra servir eu valorizo mais. Agora a de pintura foi de alto realização mesmo porque não tem coisa mais linda quando você entra numa casa e você vê um quadro seu na parede. A exposição foi em 1981 em Itaberaba no antigo Clube Social. Agora e o terceiro momento foi a homenagem que eu tive no Seminário Trova, trovadores do Seminário da Trova Nacional da Trova, se eu não me engano foi o VI Seminário da Trova foi VI ou VII parece que foi VII. Eu fui homenageada e eu apresentei uma trova como tese uma trova cantada. Fui aplaudida de pé e todo mundo me ajudou a cantar a perpetuação da trova aqui ó (Mostra o folheto do seminário – VII Seminário da Trova e fala como foi sua apresentação neste dia). Essa proposta era desenvolver nas escolas a fim de que perpetuasse a trova regional pra gente não ficar só com o tradicionalismo daquelas trovas padrões já com pré - definidas pra variar e dizer o nome do trovador, porque é importante isso. Aí quando (Ela explica como foi sua apresentação). E o final eu fui aplaudida de pé porque eu usei o cancionário folclórico infantil.

28. NOMES IMPORTANTES NA SUA HISTÓRIA. QUAIS?

Um nome importante nesse processo foi meu pai, Nelson Guimarães. Ele me estimulava, (Relata sobre a vivência cotidiana, na sua casa e nos momentos que teve com o pai que serviu de estímulo). Sempre que ele fazia os desenhos ele bordava com canivete os copos de alumínio, fazia cada desenho lindo com o copo de alumínio e botava o nome da pessoa e presenteava a pessoa. Tem gente que ainda tem esses copos, engraçado ele fez um pra cada um de nós e eu não tenho mais o meu quando pequena. O meu tinha escrito “Minha princesa” com uma letra caligráfica assim muito expressiva. O que eu observava também era que ele valorizava o meu trabalho tanto poético quanto o de pintura. O que meus filhos não valorizam, engraçado né? Meus filhos nunca me deram assim força e estímulo pra poder avançar nessa parte ai artística. O marido nunca foi ‘nem fedia nem cheirava” como diz o ditado deixava sempre mais...meu pai sim valorizava demais e minha mãe também. Então foram pessoas assim expressivas. Minha

mãe na via pedagógica e meu pai na veia artística e na política também, essa influência vem mais da tradição através das gerações, essa valorização da participação na sociedade. Pois bem.

29. SOBRE TER PARTICIPADO DE MOVIMENTO DE CUNHO FEMINISTA.

Feminista não, movimentos estudantis como já falei em 1961, foi JEC, JUC. Eu era da JEC, juventude estudantil católica. Feminista não.

30. SOBRE SEU PAI E A FUNDAÇÃO DO MDB EM ITABERABA. EM QUE CONTEXTO ISSO OCORREU? ELE TEVE APOIO DE QUEM NA ÉPOCA OU NÃO TEVE? (CHEFES POLÍTICOS LOCAIS, PESSOAS COMUNS)

Nos quase 20 anos após o Estado Novo, em outubro de 1945, até a ditadura militar, em março de 1964, vigorou no Brasil um sistema pluripartidarista. Muitas legendas existiam para representar politicamente os diversos setores da sociedade.

No ano seguinte ao golpe de 1964, porém, a situação mudou. O país, já em plena ditadura, adotou o bipartidarismo por meio do Ato Institucional nº 2, regulamentado pelo Ato Complementar nº 4 – atos institucionais eram decretos militares. O fim do pluripartidarismo não apenas fortaleceu o Poder Executivo, e enfraqueceu o Legislativo, como também ajudou a criar uma legenda de apoio ao governo suficientemente forte. A ARENA (Aliança Renovadora Nacional) partido de apoio ao governo e o partido da oposição o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) organizados no início de 1966, e que vieram dividir o cenário da política brasileira. Assim, as diversas correntes políticas, antes existentes em várias legendas, foram obrigadas a se filiar ao MDB ou à ARENA. A consequência imediata foi a composição heterogênea das duas legendas, que passaram a abrigar, em alguns casos, políticos que, antes do golpe, estavam em lados opostos.

Meu pai que militava no PTB junto os companheiros Miguel Brito, Jaime Calmon fundaram a legenda do MDB em Itaberaba. Contrários à ditadura e ao Golpe Militar abraçaram este partido pois a tônica do MDB ao longo de toda a ditadura foi a luta pela redemocratização.

31. COMO SE DÁ SUA HISTÓRIA DE PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA (DESDE O INÍCIO). PARTICIPAÇÃO EM GRÊMIOS ESTUDANTIS, JUVENTUDE CRISTÃ, PARTIDOS POLÍTICOS? QUAIS?

A minha atuação política participativa na sociedade deu-se com minha investida nos anos 50 como Dirigente dos Benjamins de Ação Católica da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Itaberaba com apenas 12 anos. No ano seguinte compus a chapa eleita do Grêmio Estudantil Euclides da Cunha no Ginásio de Itaberaba como representante cultural estudantil na 7ª série com 13 anos; No início dos anos 60 aos 17 anos atuei na JEC Juventude Estudantil Católica com sede no Colégio São José em Salvador-BA.

A colaboração dos fiéis leigos no apostolado hierárquico designado como Ação Católica Brasileira tomou uma tal dimensão a partir do pontificado do Papa Pio XI. Seu papel inicial foi a defesa dos valores e princípios cristãos por parte dos leigos católicos no campo da atuação política.

Seu método baseado nas etapas do Ver-Julgar-Agir vivenciava uma prática transformadora a partir da realidade; a descoberta da dimensão política da fé; o protagonismo dos jovens e a presença do Deus Libertador nas lutas do povo. (Descreve como esse método era utilizado pelos estudantes quando atuava na Jec).

Fui a primeira Diretora a ser escolhida em processo democrático pela comunidade escolar para dirigir uma escola pública (Escola Góes Calmon-Anexa ao Ginásio de Itaberaba), em 1966, fato que se repetiu em 1996 quando o Colegiado do Colégio Estadual de Itaberaba a indicou para Diretora Geral daquela instituição.

Como militante político-partidária inscrevi-me inicialmente no PMDB sendo eleita vereadora constituinte. Depois, filiei-me ao PDT tendo sido a primeira mulher Itaberabense a candidatar-se a Prefeitura Municipal pela Coligação FRENTE POPULAR de ITABERABA (PDT-PT- PSB), enfrentando preconceitos e o machismo dominante ouvindo sempre em sua campanha “lugar de mulher é na cozinha”, “Política não é pra Mulher”, dentre outras, ficando entre os 5 candidatos, em terceira colocação.

32. A SENHORA PODE DIZER SE ERA NORMAL AS MULHERES PARTICIPAREM DA POLÍTICA ASSIM COMO A SENHORA? SE HÁ, PODE CITAR NOMES E EM QUE ELAS ATUAVAM?

Quando candidatei-me a Vereadora, apenas uma mulher, a professora Yeda Leal, havia exercido essa função por dois mandatos. Também as assistentes sociais Eunice Silva e Adnaídes (Diná) também tinham exercido por dois mandatos a vereança, compondo comigo a Câmara Constituinte de Itaberaba.

33. FALAR SOBRE SEU IRMÃO E PERSEGUIÇÃO NA DITADURA MILITAR.

Silvino Aves de Carvalho, 4º filho do casal Nelson / Maria Isabel, nasceu em Itaberaba –BA em novembro de 1942. Formou-se em Medicina pela Universidade Federal da Bahia especializando-se em Doenças Tropicais realizando Mestrado e Doutorado na USP onde posteriormente veio atuar na Faculdade de Medicina exercendo o cargo/ função: Professor Doutor (RDIDP); também exerceu as funções de Chefe do Departamento, Vice-Presidente da Comissão de Pesquisa e Membro da Comissão de Ensino CAPPesq .

Antes e depois da Revolução de 1964 Silvino quando estudante de Medicina, fora um forte militante político estudantil. Depois de formado fez concurso para o serviço público municipal em São Paulo, exercendo ai a profissão com dedicação e competência.

Sabendo que muitos dos seus colegas no início dos anos 70 tinham sido presos pelos militares, manifestando-se solidariedade aos seus familiares passou a ajudar famílias de companheiros de ideais ficando na mira dos golpistas. Em 1974 fora preso e torturado, por assim proceder (sofrendo todo tipo de sofrimento e tortura) e, posteriormente por faltas de provas de seu envolvimento fora julgado e solto garantindo seu retorno ao serviço público quando deu prosseguimento aos estudos com o seu Doutorado na Rede Pública de Ensino.

O Jornal A FOLHA DE SÃO PAULO quando da inauguração do Memorial da Liberdade museu instalado no prédio onde sediou o DOPS no período do Golpe Militar de 1964:

“Além de autoridades, centenas de ex-presos políticos, amigos e parentes deles e de desaparecidos e mortos durante o regime militar lotaram ontem os salões da Estação Pinacoteca. O professor de Medicina da USP Silvino Alves de Carvalho, de 66 anos, é um deles. Em 1974, Carvalho passou 40 dias preso no Dops. Ontem, levou seu filho de 14 anos pela primeira vez

ao local. “Estar aqui de novo me traz alegria e tristeza”, comentou. “Alegria por estar vivo e com minha família”. E tristeza por lembrar as barbaridades que ocorreram nesse lugar.”

O Memorial da Liberdade, nome dado ao prédio, reformado e aberto para visitação em 2002, passou a se chamar Memorial da Resistência. A mudança fora reivindicada por ex-presos e perseguidos políticos. No antigo Dops, que por anos ficou na responsabilidade do delegado Sérgio Paranhos Fleury, tido como um dos maiores responsáveis pelas torturas e assassinatos de inimigos do regime militar, naquela época.

34. POR QUE NELSON RESOLVEU EM 1938 MUDAR PARA ITABERABA?

Após o seu casamento com Maria Isabel contrariando a vontade do pai dela Donério, Cotrim, Nelson buscava melhoria de vida pois se tratava de um homem bem caprichoso. Também, pelas dificuldades encontradas no sertão baiano consequência da seca de 38 que avassalou o Nordeste brasileiro, encontrou uma oportunidade de fixar-se no interior baiano como farmacólogo. Buscando uma melhoria de vida (Relata os aspectos do crescimento da cidade de Itaberaba naquela época) e como tinha a formação em práticas de farmácia e manipulação de fórmulas, um primo seu, José Dias Laranjeira, cunhado do médico Dr. Saraiva informou-lhe dessa farmácia colocada à venda em Itaberaba e intermediou a aquisição da nova farmácia que continuou com a mesma denominação farmácia Saraiva.

35. O ESPAÇO DA FARMÁCIA DE SEU PAI, A FARMÁCIA SARAIVA PODIA TAMBÉM SER PERCEBIDO COMO UM ESPAÇO DE DISCUSSÃO POLÍTICA. A SENHORA SE RECORDA DE JÁ TER PRESENCIADO CONVERSAS SOBRE POLÍTICA NA FARMÁCIA. COMO ME DISSE EM UMA DAS ENTREVISTAS, A SENHORA SEMPRE FREQUENTAVA ESTE AMBIENTE COM SEU PAI. A CONVIVÊNCIA NA FARMÁCIA LHE ENSINOU UM POUCO SOBRE POLÍTICA?

Sim. Era ponto de bate papo de encontros de amigos principalmente depois das 17 hs...Quando empresários do comércio e homens da política local se juntavam para discutir e opinar sobre questões da cidade. Sim, eu ouvia as discussões as colocações dos participantes mas não emitia opinião.... Acho que não na farmácia muito ...mais na convivência em casa, na observação das conversas e atuação dos meus pais como já havia relatado.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

CESSÃO GRATUÍTA DE DIREITOS DE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu

_____,
RG: _____ emitido pelo(a): _____,
Domiciliado /residente em:

_____,
declaro ceder ao (à) Pesquisador(a):

_____,
CPF: _____ RG: _____, emitido pelo(a): _____,
domiciliado/residente em:

_____,
sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a), na cidade de Itaberaba-Bahia, inicialmente em Dezembro de 2006, como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em História Social e suas múltiplas formas pela Universidade de Brasília. A pesquisadora acima citada fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

_____, _____ de _____ de _____
